UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
INSTITUTO DE PSICOLOGIA

LARISSA CANGUEIRO

**Especificidades na constituição psíquica de gêmeos:
um estudo exploratório**

São Paulo
2019

LARISSA CANGUEIRO

**Especificidades na constituição psíquica de gêmeos:
um estudo exploratório**

Dissertação apresentada ao Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo, para obtenção do título de Mestre em Ciências.

Área de Concentração: Psicologia Escolar e do Desenvolvimento Humano - IPUSP

Orientador: Prof. Dr. Rogério Lerner.

São Paulo
2019

AUTORIZO A REPRODUÇÃO E DIVULGAÇÃO TOTAL OU PARCIAL DESTE TRABALHO, POR QUALQUER MEIO CONVENCIONAL OU ELETRÔNICO, PARA FINS DE ESTUDO E PESQUISA, DESDE QUE CITADA A FONTE.

Biblioteca Dante Moreira Leite

Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo

Dados fornecidos pelo(a) autor(a)

cangueiro, Larissa

Especificidades na constituição psíquica de gêmeos: um estudo exploratório / Larissa Cangueiro; orientador Rogerio Lerner. -- São Paulo, 2019.

95 f.

Dissertação (Mestrado - Programa de Pós-Graduação em Psicologia Escolar e do Desenvolvimento Humano) -- Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, 2019.

1. Gêmeos. 2. Constituição psíquica. 3. Relação pais-bebê. I. Lerner, Rogerio, orient. II. Título.

Nome: CANGUEIRO, Larissa.

Título: Especificidades na constituição psíquica de gêmeos: um estudo exploratório.

Dissertação apresentada ao Instituto de Psicologia da
Universidade de São Paulo para obtenção do título de
MESTRE em Ciências.

Área de concentração: Psicologia Escolar e do
Desenvolvimento Humano

Aprovada em: ____/____/____

Banca examinadora:

Prof. Dr.: _____

Instituição: _____

Julgamento: _____

Prof. Dr.: _____

Instituição: _____

Julgamento: _____

Prof. Dr.: _____

Instituição: _____

Julgamento: _____

Para Mãe, Nidia e Nara.

AGRADECIMENTOS

Ao meu orientador Professor Doutor Rogério Lerner, por aceitar me guiar com suas colocações sempre pontuais e assertivas.

Ao meu composto e rico “tripé” psicanalítico, às Professoras Doutoras: Maria Cecília Pereira da Silva e Mariângela Mendes de Almeida que me apresentaram o universo dos bebês e me fazem viva em formações, congressos e estudos; à Lourdes Santana Tomazela por toda a ajuda, acolhimento e seguir tão fiel à intuição; e à Izelinda Garcia de Barros por aceitar desbravar lado a lado meus sonhos.

Às parceiras gestacionais Tayná Scandiuzzi de Brito e Stephania Geraldini, por toda a disponibilidade, carinho e o compartilhamento.

Aos João Pedro e Maria Luiza, que preenchem minha casa com a vivacidade e o amor de gêmeos!

À Dani Olorruama pela urgência em ser gentil, fazendo sua mágica.

Aos os meus pais, que me mostraram o encanto dos estudos e luto para honrá-los.

Ao Hugo, Amado, por toda a confiança e ânimo, sem nunca me deixar fugir dos meus sonhos!

Ao CNPq pelo financiamento que tornou possível a pesquisa.

RESUMO

CANGUEIRO, L. 2019. 95f. **Especificidades na constituição psíquica de gêmeos**: um estudo exploratório. Dissertação (Mestrado em Ciências) – Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2019.

Essa dissertação justifica-se na medida em que há um aumento de 7,83% (de 1995 a 2016) de nascimentos gemelares, unido aos riscos biológicos e psíquicos que se encontram, gestações gemelares possuem maior número de complicações perinatais que podem interferir nessas relações iniciais, bem como a escassez de literatura publicada sobre o tema culminando na necessidade de melhor compreender e responder as perguntas referentes ao desenvolvimento gemelar. O objetivo aqui proposto foi investigar e debater como se configura as especificidades na constituição psíquica de gêmeos; procurar explorar a interação/relação entre os gêmeos; assim como investigar e debater a experiência emocional de ser mãe de gêmeos e suas disponibilidades psíquicas para os mesmos. A pesquisa possuiu caráter exploratório, no qual foram realizados encontros com uma mãe e suas filhas bebês gêmeas em uma situação lúdica familiar proporcionada pela pesquisadora com a realização de entrevistas semiestruturadas, bem como a observação livre da rotina das mesmas. Esses encontros foram realizados mensalmente, totalizando 15 encontros com a família, as entrevistas foram audiogravadas e posteriormente transcritas. A análise das informações coletas foi realizada a partir da técnica da análise de conteúdo, como referencial teórico para análise a psicanálise winnicottiana. Nas categorias constituídas apresentou-se como resultado: em A força do Legado vimos o não preparo e o susto com a chegada da gemelaridade à família, essencialmente a mãe, pois se identificou certa indisponibilidade psíquica para mais de um bebê ao mesmo tempo, havendo, portanto, apenas espaço para um bebê em seu interior. Na relação com as duas filhas foram observados aspectos inconscientes e duplas mensagens que criavam obstáculos ao exercício da função parental e do desenvolvimento do bebê; em Aspectos do Ambiente mensagens paradoxais se sobressaltaram nas tentativas da mãe de diferenciar as filhas, ora separando-as, ora unindo-as. Foram identificados conflitos e falhas de identificação com a figura materna e dificuldades de subjetivar as crianças, trazendo uma constante agitação do ambiente que atendia as necessidades ao mesmo tempo em que falhava, frustrando, levando à exaustão e confusões. É possível afirmar que mesmo que esta mãe se apresenta de forma diferente para as duas filhas, recebendo uma das filhas de forma mais disponível, ainda assim foi *Suficientemente Boa* para ambas; em Mundo Psíquico em Desenvolvimento ambas apresentaram os comportamentos descritos como “situação gêmea”. Quanto ao Amadurecimento Emocional, ambas percorreram os caminhos propostos por Winnicott passando pela fase de dependência absoluta, na qual foi possível identificar uma mãe em sintonia afetiva no seu estado de preocupação materna primária, que possibilitou as gêmeas vivenciarem a fantasia da onipotência. E caminharam em direção à dependência relativa na qual já reconhecem o ambiente como externo a elas, para integrar essa mãe que antes era dividida entre presente a acolhedora e ausente e frustradora. Chamou a atenção o fato delas com um ano e quatro meses não identificarem seus próprios nomes, bem como um apego e dependência entre elas. Ampliou-se a compreensão da necessidade de acolhimento às famílias gemelares e suporte para o processo de constituição psíquica dos gêmeos.

Palavras-chave: Gêmeos. Constituição Psíquica. Relação mãe-bebê.

ABSTRACT

CANGUEIRO, L. 2019. 95f. **Specificities in the psychic constitution of twins: an exploratory study.** Dissertação (Mestrado em Ciências) – Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2019.

This dissertation is justified by the fact that there is an expansion of 7.83% (from 1995 to 2016) in twin births, adjoined with the biological and psychic risks that are found - twin pregnancies have a greater number of perinatal complications that may interfere in these initial relationships - as well as the scarcity of published literature on the subject culminating in the necessity to better understand and answer the twin developmental questions. The purpose in this study is to investigate and debate how the specificities in the psychic twin constitution; seek to explore the interaction and relation between twins; as study and discuss the emotional experience of being a twin's mother and her psychic disponibilities for the babies. The research had an exploratory character, which meetings with the mother and their twin babies were realized, in a ludic familiar situation, supported and executed by the researcher with the semi structured interviews, as well the observation of their free routine. These meetings were realized monthly by 15 months and the interviews were audiotaped and later transcribed. The parsing of the collected information was realized from the content analysis technique, as the theoretical referential for the winnicottian psychoanalysis. In the constituted categories it was presented as a result: In the Legacy's force was observed non-preparation and the shock with the arrival of the twins to the family, essentially in the mother, because some psychic unavailability for more than one baby at the same time was perceived. In the relation with the two daughters unconscious aspects and double messages were observed, which created obstacles to the exercise of the parental function and the development of the baby; in Environmental Aspects paradoxical messages were startled in the attempts of the mother to differentiate the daughters, at times separating them, sometimes joining them. Conflicts and failures of identification with the maternal figure and difficulties of subjectivizing children were identified, bringing a constant agitation of the environment that met the needs while failing, frustrating, conducting to exhaustion and confusions. It is possible to assert that even if this mother presented herself differently for the two daughters, receiving one of the daughters in a more available form, she was still *Good Enough* for both; in Developing Psychic World both presented the behaviors described as "twin situation". As for Emotional Maturity, both traced the paths proposed by Winnicott through the phase of absolute dependence, in which it was possible to identify a mother in affective tuning in her state of primary maternal preoccupation, which enabled the twins to experience the fantasy of omnipotence. And they walked towards relative dependence in which they already recognize the environment as external to them, to integrate that mother who was before divided between the welcoming and absent and thwarting. The fact that at 1 year and 4 months they did not identify their own names attracted attention, as well as an attachment and dependence between them. The understanding of the need to host twin families was broadened, as the support for the process of psychic constitution of the twins.

Keywords: Twins. Psychic Constitution. Mother-baby Relationship.

SUMÁRIO

	APRESENTAÇÃO	10
1	INTRODUÇÃO	12
2	A TEORIA WINNICOTTIANA DO AMADURECIMENTO PESSOAL ...	21
3	GÊMEOS	29
3.1	CONSTITUIÇÃO ORGÂNICA	29
3.2	GEMERALIDADE E PSICANÁLISE	31
3.3	PESQUISAS E GEMERALIDADE	38
4	MÉTODO	44
4.1	OBJETIVOS	44
4.1.1	Objetivo Geral	44
4.1.2	Objetivos Específicos.....	44
4.2	FUNDAMENTAÇÃO METODOLÓGICA	44
4.3	DESENHO DO ESTUDO	46
4.4	INSTRUMENTOS	46
4.5	PROCEDIMENTOS	47
4.6	PARTICIPANTES	49
4.6.1	Período Pré-gestacional	50
4.6.2	Primeiro Trimestre	52
4.6.3	Segundo Trimestre	54
4.6.4	Terceiro Trimestre	56
4.6.5	Quarto Trimestre	57
4.6.6	Quinto Trimestre	58
4.6.7	Sexto Trimestre	59
4.7	PREPARAÇÃO DOS DADOS PARA ANÁLISE	60
5	DESCRIÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS	61
5.1	A FORÇA DO LEGADO	61
5.1.1	Desejo da Gravidez	61
5.1.2	Descoberta da Gемeralidade	62
5.1.3	Escolha dos Nomes	63
5.1.4	Relação Mãe-Pai-Avó	64

5.2	ASPECTOS DO AMBIENTE	65
5.2.1	Construção da Parentalidade	65
5.2.2	Diferenciando e Confundindo suas filhas	68
5.2.3	Outros Braços	70
5.2.4	(Re)Descobrimdo a Irmã	71
5.3	MUNDO PSÍQUICO EM DESENVOLVIMENTO	73
5.3.1	Conglomerado/Simbiose	74
5.3.2	Separando	75
5.3.3	Rumo à Independência	77
6	CONCLUSÃO	80
	REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	85
	ANEXOS	93

APRESENTAÇÃO

O tema do presente mestrado - gêmeos - passou a ser do meu interesse desde muito cedo, quando na minha infância, fui cercada por colegas gêmeos idênticos ainda no Ensino Fundamental e já me perguntava como surgiram às diferenças entre eles e como deveria ser viver essa experiência de ter um idêntico de si. Conforme fui crescendo, nunca esqueci a criança que fui um dia, mantendo acesa minha paixão por infantes. Na faculdade, quando realizei meu primeiro trabalho na Clínica Escola do Mackenzie, optei pelo atendimento de um menino de três anos.

Meu primeiro contato com a pesquisa foi ainda durante a graduação, na qual tive a oportunidade de trabalhar no Laboratório de Neurociências da Universidade Presbiteriana Mackenzie, em um programa de Iniciação Científica, o que favoreceu minha aproximação ao vasto mundo investigativo, assim como despertou meu empenho em explorar temas necessários e relevantes nas mais diversas áreas da Psicologia.

A partir de lá, movida por meu entusiasmo pela infância e mais ainda por bebês, iniciei minha carreira no mundo psíquico infantil, mais especificamente, na teoria psicanalítica. Fui me aperfeiçoando na área e realizei formações em distintas instituições, que me aproximaram dos estudos com bebês e seu desenvolvimento, entre elas o Instituto *Sedes Sapientiae*, a Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP) e Seminários de Observação de Bebês segundo o Método Ester Bick. Dentre estes estudos, o autor Winnicott me chamou atenção com seu trabalho inovador, o qual inclui a importância do ambiente para o processo de amadurecimento emocional de um bebê.

Como fruto desta caminhada, conheci o Professor Doutor Rogério Lerner, orientador dessa dissertação, que me convidou para trabalhar em seu grupo de pesquisa, dentro do Programa de Pós-graduação em Psicologia Escolar e do Desenvolvimento Humano do Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo (IP-USP), juntamente com a pesquisadora Dra. Julia Durand. Ao longo deste trabalho, intitulado *Vulnerabilidade de pais e irmãos de crianças com Transtorno do Espectro do Autismo (TEA): caracterização do vínculo e avaliação de um modelo piloto de intervenção* (financiada pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP) com o processo número 13/25332-6 e pela Associação Internacional de Psicanálise com o processo número 1740613), como pesquisadora de Treinamento Técnico III, fui devidamente treinada a aplicar as escalas e

testes utilizados na pesquisa. Ao longo deste trabalho deparei-me com duas famílias que tinham filhos gêmeos e comecei a me indagar sobre as especificidades do desenvolvimento dos bebês gêmeos, partindo da hipótese inicial de que seus processos de subjetivação deveriam ser diferentes quando comparados a bebês gerados de gestação única.

No mesmo período, meus primeiros sobrinhos nasceram que, coincidentemente, são gêmeos, o que ampliou ainda mais meu interesse no desenvolvimento gemelar e atualizaram perguntas que vinham povoando minha mente, como por exemplo, como se dá o processo de subjetivação de cada um dos gêmeos dentro desta dupla, que é desde os primórdios influenciado um pelo outro? Assim, unindo minha curiosidade por gêmeos, minha paixão pela importância da primeira infância e meu respeito à pesquisa, este mestrado nasceu.

1 INTRODUÇÃO

Nesta primeira parte, serão apresentadas as bases conceituais nas quais este trabalho se sustenta, além de expor – subdividido em tópicos – os resultados de pesquisas realizadas previamente na área do estudo em questão. No primeiro, a justificativa, demonstra-se a relevância científica deste trabalho, explanando três pilares de importância: o aumento no nascimento de gêmeos; os riscos físicos existentes na gestação e no período pós-natal tanto pela mãe como pelos bebês; e por fim os riscos psíquicos envolvidos no âmbito maternal e filial.

De acordo com os dados da Pesquisa de Registro Civil de 2010, divulgado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), a proporção de brasileiros nascidos múltiplos passou de 1,59% em 2003 para 1,86% em 2010, ou seja, houve um aumento de 17%.

Dados mais recentes, coletados pelo Departamento de Informática do Sistema Único de Saúde (DATASUS) – Base de Dados fornecida pelo Ministério da Saúde¹, apresentados na tabela abaixo (Tabela 1), ajudam a entender o crescimento da natalidade de gêmeos, o qual passou de 53.360 casos em 1997 para 57.541 em 2016. É possível notar um crescimento de 7,83% do nascimento de gêmeos, mesmo havendo, simultaneamente, uma diminuição da natalidade da população em geral de 5,93%, a qual era de 3.038.251 em 1997 e baixou para 2.857.800 em 2016 (DATASUS, 2016).

¹ Os dados disponíveis são oriundos do Sistema de Informações sobre Nascidos Vivos (SINASC), sistema este gerido pelo Departamento de Análise de Situação de Saúde, da Secretaria de Vigilância em Saúde, em conjunto com as Secretarias Estaduais e Municipais de Saúde. As Secretarias de Saúde coletam as Declarações de Nascidos Vivos (DN) nos estabelecimentos de saúde e nos cartórios (para partos domiciliares) e entram no SINASC com as informações por elas coletadas.

Tabela 1: Nascimentos no Brasil

Ano	Total de Nascidos Vivos	Total de Nascidos Duplos
2016	2.857.800	57.541
2015	3.017.668	61.359
2014	2.979.259	59.764
2013	2.904.027	57.956
2012	2.905.789	57.138
2011	2.913.160	56.830
2010	2.861.868	53.949
2009	2.881.581	54.749
2008	2.934.828	55.439
2007	2.891.328	53.111
2006	2.944.928	54.134
2005	3.035.096	55.490
2004	3.026.548	53.260
2003	3.038.251	52.596
2002	3.059.402	53.360
2001	3.115.474	53.178
2000	3.206.761	54.883
1999	3.256.433	55.537
1998	3.148.037	52.714
1997	3.026.658	51.248

Fonte: elaborada pela pesquisadora com base nas informações disponibilizadas pelo Departamento de Informática do Sistema Único de Saúde (DATASUS, 2016).

Segundo Bittar e outros autores (2008) um fator determinante para esse aumento é o uso constante de métodos assistidos de reprodução. Com a modernização destes, resultado da soma do avanço da tecnologia e da medicina, aliada a uma sociedade que tem postergado a idade de ter filhos – se tornando pais mais velhos – e ao custo destes procedimentos tem-se geralmente, a implantação de dois ou mais embriões no útero materno – devido ao valor elevado do procedimento, como mencionado e a possibilidade de fracasso – propicia o aumento significativo de nascimentos de crianças gêmeas.

Dentre os motivos para o aumento de gestações múltiplas, tem-se também o surgimento da pílula anticoncepcional na década de 1980, pois com a interrupção do uso contínuo o organismo feminino entende que precisa produzir uma maior demanda de óvulos

no primeiro ciclo menstrual, o que pode desencadear na probabilidade de uma gravidez gemelar (BITTAR et al., 2008).

Outro aspecto que se modificou ao longo dos anos foi a possibilidade de uma gestação tardia. Após os 35 anos a quantidade do hormônio foliculotrófico ou folículo-estimulante, o qual tem por função: regular o desenvolvimento, o crescimento, a maturação puberal, os processos reprodutivos e a secreção de esteroides sexuais, nos testículos e ovários. E o aumento de estimulação para a produção de óvulos, como medida de compensação do decréscimo da função ovariana, pode fazer com que no mesmo ciclo hormonal exista mais de um óvulo maduro (BITTAR et al., 2008). Por fim, não se pode excluir o fator hereditário da gemação, o qual é transmitido exclusivamente pela mãe (SIDDIQUI et al., 2007).

Vale lembrar que este aumento significativo do nascimento de gêmeos não se refere apenas ao avanço da medicina quanto às formas de reprodução humana, mas também ao avanço concernente aos cuidados com a saúde dos fetos e da mulher durante o período de pré e pós-gestacional, levando assim a uma diminuição da mortalidade perinatal de gêmeos (SIDDIQUI et al., 2007).

Dentre os fatores que levam à mortalidade infantil de gêmeos, de uma gravidez múltipla, não assistida, encontram-se diversas intercorrências, dentre elas:

- hipertensão gestacional;
- pré-eclâmpsia - na gestação de gêmeos é uma complicação três vezes mais comum que na gravidez de um único bebê;
- diabetes gestacional;
- descolamento da placenta – pode ocorrer em qualquer momento da gestação ou após o nascimento por parto normal do primeiro bebê obrigando uma cesariana para o próximo;
- anemia;
- colestase obstétrica;
- crescimento fetal restrito;
- síndrome da transfusão feto-fetal;
- risco dos cordões se enrolarem, ocorrem apenas em gestações monocoriônicas, ou seja, na mesma placenta;
- entre outras menos comuns (SIDDIQUI et al., 2007).

Ainda, em relação às intercorrências de uma gestação múltipla, metade dos bebês nasce com menos de 2,5kg e de parto prematuro – cerca de 50% das gestações múltiplas culminam em partos antes das 37 semanas; considerando a necessidade de o feto dividir tanto o útero materno como seus nutrientes com seu irmão, resultando em risco para os bebês (BITTAR et al., 2008).

Uma vez que as mães de gêmeos e as próprias crianças múltiplas têm esses índices aumentados quando comparados aos de gestações simples, colocando-as em um grupo de risco, que necessita de maior cuidado e um acompanhamento mais minucioso no pré-natal.

Para além de expor os possíveis fatores associados ao aumento do número de nascimento múltiplo, faz-se necessário clarear a qual conceito o termo *risco* referindo-se refere, sendo este advindo da área da saúde, o risco epidemiológico pode ser definido como:

[...] a probabilidade de ocorrência de um determinado evento relacionado à saúde, estimado a partir do que ocorreu no passado recente [...] calcula-se o risco quantificando, dividindo o número de vezes que ocorreu, pelo número de potencial eventos que poderia ter ocorrido (LUIZ; COHN, 2006, p. 2342).

Ou seja, no âmbito da área médica dizer que uma gestação é de risco, é o mesmo que afirmar que estatisticamente já houve maior índice de ocorrências de problemas, e assim, se faz necessário um monitoramento extra, como medida de precaução.

Ainda abordando a definição de risco, não se deve deixar de pensar nos riscos psíquicos que esta gestação múltipla pode acarretar aos envolvidos. Uma gestação única já necessita de mudanças no ambiente que a cerca. Antes mesmo de nascer, o bebê já começa a ocupar seu lugar no imaginário da família que o receberá. A mãe, ou o cuidador principal, terá que se disponibilizar psiquicamente para esta chegada, e, sobretudo, para as etapas que virão a seguir. A frase emblemática de Donald Winnicott “quando nasce um bebê, nasce uma mãe” (WINNICOTT, 1966/2000) lança luz para este processo nada simples e que se faz necessário.

A teoria winnicottiana será usada nesta dissertação, devido ao estatuto atribuído ao objeto externo, dado sua importância e capacidade em explorar e pensar o ambiente que recebe esse bebê, e mais ainda como esse bebê se desenvolve em seu ambiente específico, considerando o ambiente não somente como o cuidador principal, mas, também como o próprio irmão gêmeo, ponto este que será clareado ao longo do trabalho.

Mas por ora, voltando à complexidade existente em um nascimento, pensar em dois, simultaneamente, é pensar em multiplicar por dois essas questões e desafios, pois se faz necessário dobrar tanto o trabalho físico, como também o psíquico de seus cuidadores. Uma vez postulada tal realidade é pertinente indagar se tal situação poderia colocá-los em situação

de vulnerabilidade psíquica? Assim como, para além de pensar na mãe, tem-se que tentar, na medida do possível, ver do ponto de vista dos bebês em desenvolvimento, e a partir deste ponto especular como este ambiente, que terá que se multiplicar ou às vezes se dividir em dois, irá influenciar estes bebês? Como eles vão sentir e vão se desenvolver nesta atmosfera compartilhada, sempre contando com a presença um do outro? Será que tal cenário específico irá auxiliá-los ou atrapalhá-los em suas buscas individuais de subjetivação e diferenciação? Como será que eles estabelecerão a relação com a mãe? E, qual será a importância ou a relação estabelecida entre eles? Por fim, dentro deste cenário estariam estes bebês também em risco psíquico?

Para cogitar, possíveis respostas a esses questionamentos faz-se necessário apresentar o conceito que sustenta a terminologia de *risco psíquico*. Siqueira e Dell’Aglío (2007) pautadas em Jessor e outros autores² oferecem uma definição possível, aplicável e pertinente à Psicologia, a saber: “[...] condições ou variáveis que estão associadas a uma alta possibilidade de ocorrência de resultados negativos ou não desejáveis” (SIQUEIRA; DELL’AGLIO, 2007, p. 135). Cabe aqui ressaltar a complexidade existente por trás do conceito de risco na psicologia, haja vista a dificuldade de encontrar conceitos precisos e explícitos:

Pode-se afirmar que a grande maioria das publicações se sustenta a partir do paradigma social, isto é, os autores ressaltam a importância das dimensões interpessoais, sociopolíticas, biopsicossociais, históricas e culturais no processo de construção do risco, *articulando-o a fatores de proteção* (BISOL; TAPIA, 2012, p. 315, grifo nosso).

Justifica-se a relevância desta pesquisa na medida em que há esse aumento significativo de nascimentos gemelares, unido aos riscos biológicos e psíquicos que se encontram, bem como a escassez de literatura publicada sobre o tema culminando na necessidade de melhor compreender e responder as perguntas referentes ao desenvolvimento gemelar. É possível encontrar pais e educadores fascinados com o mundo dos múltiplos e, ao mesmo tempo, intrigados com as dificuldades e peculiaridades que a criação dos mesmos solicita. O que poderia indicar a importância de maiores estudos e contribuições a respeito deste objeto.

Porém, mesmo sendo uma população que deveria estar em foco, poucos pesquisadores têm se debruçado na investigação destes sujeitos, e quando o fazem, tentam buscar, desenhar

² JESSOR, R. et. al. Protective factors in adolescent problem behavior: Moderator effects and developmental change. *Develop Psychol.*, n. 31, v. X, p. 923-33, 1995.

seus perfis genéticos para compreender melhor o que é hereditário, e o que é influência do ambiente, sem considerá-los como sujeitos a serem investigados considerando-os apenas como “úteis” na compreensão dos não gêmeos, que são o real e verdadeiro motivo de tais pesquisas. Assim procedendo, considera-se que esta pesquisa, tem potencial em ampliar este campo de estudo.

Nascimentos gemelares univitelinos e suas possíveis consequências, tanto no imaginário parental quanto dos próprios gêmeos, representam uma situação não habitual, na qual um óvulo se divide em dois, ocasionando a formação de dois seres idênticos (com mesmo tipo sanguíneo, enzimas, características físicas), mas que mesmo assim, serão dois seres diferentes. Neste nascimento, surgem questões como: quais são as consequências de viver na intimidade do idêntico e ter que se constituir como exterior e diferente? Como conseguir um lugar próprio no imaginário dos pais, no social, etc.? Como dividir desde muito cedo o objeto de amor? Entre outras.

Mas antes de se pensar nos gêmeos e suas especificidades, tem-se, por um momento, que se deter e repensar a constituição psíquica dita normal e esperada no desenvolvimento. Neste sentido, teóricos como Melaine Klein, Lacan e Winnicott destacaram a relevância dos primeiros anos de vida para o desenvolvimento da personalidade. Para Winnicott (1958/2005), o primeiro ambiente que se constitui para o bebê é a mãe, dando importância a essa delicada e decisiva relação mãe-bebê. O ambiente não é o único levado em consideração quando se fala no desenvolvimento do bebê, mas ele poderá influenciar de forma positiva ou negativa na saúde mental da criança. Inevitavelmente, cuidar de um recém-nascido já é uma tarefa difícil e de grande demanda, de modo que cuidar de dois poderá ser um trabalho aumentado. Então, é possível supor que a saúde mental do cuidador traz impactos à saúde mental do bebê.

Freud (1920/2006) mencionou a gemelaridade apenas uma vez em sua obra, em uma nota de rodapé, ao falar de um dos irmãos jovem e homossexual, que havia “se retirado” em benefício do primeiro que, por sua vez, fazia muito sucesso com as mulheres. Ele sublinhou que essa retirada obedecia a condições psíquicas muito complexas e que viriam a interferir tanto na escolha do objeto amoroso como em decisões profissionais. O que permite pensar que há a possibilidade de um dos gêmeos adotar como saída um perfil melancólico, renunciando à disputa ou à conquista do objeto de amor, seja este um dos genitores ou o próprio irmão. Lembrando que em diversas ocasiões Freud destaca o quanto seu trabalho é

introdutório e não conclusivo, deixando em aberto para os pesquisadores posteriores a função de aprofundar determinados temas.

Uma das grandes pioneiras, após Freud, que se destaca nesse tema é Dorothy Burlingham, analista e educadora infantil, amiga de Anna Freud, que dedicou parte de sua vida ao trabalho com crianças. Em seu primeiro trabalho sobre o assunto, *Fantasy of having a twin* (1945), descreve a fantasia presente em diversas pessoas em ter um irmão gêmeo, se integrando ao romance familiar e como compensador de sentimentos de solidão: uma fantasia de completude que nega a separação. A autora afirma que no período de latência, as crianças são dominadas por estes sentimentos de isolamento, quando são desapontadas pelos pais no auge do estágio edípico do desenvolvimento. Criar um irmão gêmeo imaginário seria a solução tanto para dar-lhes o amor e compreensão que sentem falta, como um complemento de si mesmas que lhes proporcionará o dobro de força para enfrentar sua inferioridade (BURLINGHAM, 1945).

Iris, uma garota gêmea de seis anos, contou a sua analista, em uma sessão de atendimento, como veio ao mundo: “Um dia, de repente, fui parar na barriga da mamãe, mas comecei me sentir muito triste e sozinha, então, tive a ideia de me dividir em duas, aí surgiu minha irmã. E nunca mais me senti assim e não teve briga lá dentro devido o espaço apertado, ficou mais quentinho” (Informação verbal³).

Pensando na força deste irmão gêmeo imaginário, Burlingham (1946) abre a questão para quando há um irmão gêmeo real. Menciona como o gêmeo sente-se pertencente a uma relação superior e invejada de amizade que os demais não possuem. Porém, toda esta união e proximidade, da qual eles usam como armadura permite questionar como fica a força psíquica de cada um quando separados?

Seguindo o raciocínio de Burlingham (1946) concernente à força que gêmeos possuem juntos, diversas culturas tentaram criar explicações para sua origem, com a fantasia de que quando há dois idênticos divididos no mundo, juntos, possuem a capacidade de se tornarem imortais. O alento da união dos gêmeos é caracterizado em mitos e lendas. Mia Couto (2016) em *Terra Sonâmbula* traz uma passagem do nascimento de gêmeas com a leitura que a cultura de Moçambique possuía na época:

Farida era filha do Céu, estava condenada a não poder nunca olhar o arco-íris. Não a apresentaram à lua como fazem com todos os nascidos da sua

³ Fala espontânea de uma paciente gêmea, em uma sessão de psicoterapia com Tayná Scandiuizzi de Brito, colega de grupo e de importantes trocas em supervisões.

terra. Cumpria um castigo ditado pelos milênios: era filha-gêmea, tinha nascido de uma morte. [...] Dias depois, sua irmã morreu. Deixaram-na morrer com fome. Fizeram isso por bondade: para aliviar a maldição (COUTO, 2016, p. 68).

Burlingham (1952) segue com seus estudos sobre gêmeos a partir da observação de duplas de bebês, permitindo situar a identificação do irmão gêmeo como um semelhante no estágio do espelho⁴. Ou seja, é no momento que em que o *Eu* se constitui como unidade, a partir do reconhecimento da imagem especular, que o gêmeo identifica seu irmão como tal. Mas pode acontecer uma confusão, e ao invés do gêmeo encontrar uma imagem, ele encontra um outro real, um duplo de si mesmo.

Para que se constitua a ilusão necessária de uma pessoa completa precisa-se de um semelhante, ou o espelho, que represente o sujeito a partir do vazio – caberá a mãe fazer esse papel. Porém, nos gêmeos pode haver uma dificuldade em atravessar esse processo, uma vez que não vivenciaram o vazio. Pode ocorrer então, no estágio do espelho, um “espelhismo”, sem possibilidade para outro lugar senão o próprio duplo, com dificuldades para aberturas ao simbólico (BURLINGHAM, 1946).

No livro de Gênesis, que integra a Bíblia, encontram-se os gêmeos Esaú e Jacó. De acordo com a tradição do período o filho que nasceu primeiro (Esaú) teria direitos exclusivos, mas a mãe prefere o segundo filho (Jacó) e se associa a ele contra o primeiro. Sobre o assunto Lewin (2014, p. 41) declara que “viviam suas vidas como se ainda estivessem no útero, consumidos com hostilidade um para com o outro”. Portanto, esse “aspecto odiado do eu foi dividido e projetado no outro gêmeo que em troca foi odiado” (LEWIN, 2014, p. 41).

Nos relatos de Winnicott (1970), a maioria das mães de gemelares, se pudesse, não escolheria ter gêmeos, o que ilustra a dificuldade dessa relação, pois a ideia de ser uma mãe *Suficientemente Boa*⁵ pode ser assustadora - é aquela que possibilita ao bebê a ilusão de que o mundo é criado por ele, concedendo-lhe, assim, a experiência da onipotência primária, base do fazer-criativo. E, a percepção criativa da realidade é uma experiência do *self*, núcleo singular de cada indivíduo.

Lembrando, como mencionado anteriormente, que gestações gemelares possuem maior número de complicações perinatais que podem interferir nessas relações iniciais. Bem

⁴ *Estádio do espelho* é um conceito cunhado por Jacques Lacan, em 1936, para designar um dos momentos psíquicos da evolução humana, situado entre os seis e os 18 meses, durante o qual a criança antecipa o domínio sobre a sua unidade corporal por meio de uma identificação com a imagem do semelhante e da percepção da sua própria imagem no espelho. No terceiro capítulo, desta dissertação, este conceito será retomado.

⁵ Um conceito fundamental para a compreensão da teoria do Amadurecimento Emocional de Donald Woods Winnicott, descrita no decorrer da presente dissertação.

como, cumpre enfatizar que Winnicott (1958/2005) apresenta o ambiente como majoritariamente sendo a mãe, pois é esta quem estará presente, de maneira constante, na vida de um recém-nascido, e seguindo esta lógica, um bebê gêmeo pode viver esta mesma experiência com o seu irmão gêmeo que também estará presente desde a vida uterina, sem deixá-lo nem um por um momento, sendo assim este também poderá ser considerado como seu ambiente e seu influenciador.

Portanto, o objetivo aqui proposto é investigar e debater como se configura as especificidades na constituição psíquica de gêmeos, de forma diferente em dois seres aparentemente semelhantes; procurar explorar a interação/relação entre os gêmeos, como, por exemplo, se relacionam entre si; assim como investigar e debater a experiência emocional de ser mãe de gêmeos e suas disponibilidades psíquicas para os mesmos.

Do ponto de vista metodológico a presente pesquisa contemplará um estudo exploratório de um caso. Será apresentado o material coletado pela pesquisadora advindo de 16 encontros com uma família composta por filhas gêmeas univitelinas, que se deu uma vez por mês, do primeiro ao décimo sexto mês de vida das bebês, nos quais se fez uso de entrevistas semidirigidas, somadas à observações e interações lúdicas com essa família⁶. Todos os encontros foram filmados, realizados na residência da mãe, e se iniciaram logo após o nascimento das meninas.

Apresentar-se-á, inicialmente, um histórico do caso das irmãs Nidia e Nara (nomes fictícios, a fim de manter o sigilo do caso), em seguida, expõem-se dentro das categorias pré-selecionadas, os pontos eleitos considerados de maior relevância para alcançar os objetivos almejados, articulando-os à teoria anteriormente apresentada.

Salienta-se, de antemão, que a apresentação do material incluirá uma seleção atravessada pela escuta da pesquisadora e perspectiva teórica adotada e assim, simultaneamente, possibilita a construção de um sentido, por outro lado cria uma limitação de tanto outros possíveis. Somente com a percepção desse limite faz-se possível manter algum grau de objetividade diante do material que foi investigado (SAFRA, 1993).

⁶ O estudo de caso referido na presente dissertação foi objeto de Termo de Consentimento Livre e Esclarecido e submetido à apreciação e posterior aprovação do Comitê de Ética e Pesquisa, Plataforma Brasil, sob o parecer nº CAAE 61114916.9.0000.5561.

2 A TEORIA WINNICOTTIANA DO AMADURECIMENTO PESSOAL

O fundamento de uma estrutura psíquica sadia e estável deve ser relacionado, certamente, com a confiabilidade da mãe interna, mas essa própria capacidade é sustentada pelo indivíduo; é verdade que as pessoas passam a vida carregando o refletor em que se apoiam, mas, em algum lugar, no começo, tem que haver um refletor que se sustente sozinho, caso contrário, não há introjeção da confiabilidade (WINNICOTT, 1986, p. 216).

O pediatra inglês Donald Woods Winnicott (1896-1971), iniciou sua carreira como médico, incentivado por seu pai, no ano de 1920. Em 1927, ao ser aceito como iniciante na Sociedade Britânica de Psicanálise entrou em contato com o trabalho de Sigmund Freud (1856-1939) e também de Melanie Klein (1882-1960), uma das mais importantes psicanalistas de crianças de sua época, com quem partilha uma de suas teorias sobre o primeiro ano de vida ser decisivo para a saúde psíquica de um adulto. Aperfeiçoou-se em sua técnica adaptada ao atendimento infantil, e em 1935 concluiu sua formação como analista de crianças e adultos.

Simultaneamente trabalhava como pediatra no *Paddington Green Children's*, Hospital em Londres, o que lhe proporcionava a possibilidade de atender diversas crianças em um curto período de tempo, em um *setting* diferente do analítico, ajudando-o a desenvolver seu próprio método de atendimento nomeado como Consultas Terapêuticas⁷.

Winnicott destaca-se como um pensador original, que ressalta a influência e a disponibilidade do ambiente no desenvolvimento emocional como o grande tema que perpassa sua obra. Para tanto, cabe lembrar o contexto em que sua obra se inseriu: teve início na Inglaterra entre as duas grandes guerras mundiais e só foi finalizada na década de 1970 na ocasião do seu falecimento.

Assim, seguindo seu percurso profissional, com uma vasta experiência clínica – que excedeu trinta mil atendimentos de crianças – com foco na relação mãe-bebê e observando os pacientes psicóticos que regrediam clinicamente a fases de extrema dependência, Winnicott elaborou sua teoria sobre o amadurecimento pessoal que parte do pressuposto de que todo ser humano possui uma tendência inata à integração e uma criatividade originária.

⁶ Ver: LINS, M. I. A. **Consultas Terapêuticas** – Uma Prática Clínica de D. W. Winnicott. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2015. 113p. (v. 37, Coleção Clínica Psicanalítica).

Antes de explorar esses dois pontos cabe detalhar o que se entende pela *tendência inata à integração*, ou seja, em cada indivíduo, há um potencial herdado no sentido de crescimento e amadurecimento pessoal, vindo de um estado inicial de não integração, que necessita do *status* de integrado para se entender como amadurecido. Porém é aqui que Winnicott complementa que esse caminho só é possível quando há, no meio, determinados elementos que o permita, pois “o potencial herdado de um lactante não pode se tornar lactante a menos que ligado ao cuidado materno” (WINNICOTT, 2007, p. 43).

Segundo Winnicott (2007) a concepção de origem de si mesmo reside na experiência inicial do encontro inter-relacional humano. Assim, para que o bebê inaugure sua própria constituição, é necessária a presença de afetividade constante de uma pessoa que acolha seu gesto primitivo e espontâneo de vir a ser no mundo, sendo esse gesto constitutivo intrínseco à condição humana. Afirma, assim que a base da constituição psíquica do ser humano ocorre nos primórdios do relacionamento mãe-bebê (WINNICOTT, 1968/2006).

Em outras palavras, a teoria psicanalítica de Winnicott propõe que todo ser humano possui uma tendência inata ao amadurecimento emocional, o bebê nasce com um potencial vital próprio que o impulsiona ao processo de desenvolvimento em busca do início de sua existência e, por consequência, de sua continuidade de ser. Para que esse potencial inato se concretize é, portanto, fundamental a presença de um ambiente constante e facilitador, constituído pelos cuidados maternos e pelo meio em que o bebê se desenvolve, saciando as necessidades físicas e emocionais do lactante, para ir aos poucos adquirindo as condições necessárias para atingir o *status* de um *self* unitário, isto é, integrado (WINNICOTT, 2007). Desse modo, a capacidade de ter uma existência pessoal, para que assim se inicie a possibilidade de constituição da continuidade de ser está relacionada aos cuidados ambientais ofertados ao recém-nascido. O trajeto individual de subjetivação se dá por meio dos enlaces do bebê com sua mãe ou seu principal cuidador.

Vale ressaltar que o Winnicott defende que este processo de integração não é linear nem definitivo, trata-se de um processo dinâmico, não consecutivo, sujeito a conquistas e perdas. “É preciso lembrar que tudo aquilo que aparece em uma idade ainda muito precoce necessita de muito tempo para estabelecer-se [...] aquilo que esteve presente pode na verdade perder-se” (WINNICOTT, 1966/2006, p. 5).

A instabilidade que se apresenta nos momentos precoces, o interjogo entre estados de maior e de menor integração, mais uma vez salientam a fundamental importância da presença

de um ambiente facilitador para que o desenvolvimento emocional do lactante possa, de fato, vir a se tronar uma realidade.

Outro conceito que constitui o ensinamento Winnicottiano é o de que todo indivíduo nasce com uma capacidade de criatividade primária. Embora essa criatividade primária seja inerente ao ser humano, ela precisa ser exercida para não se esgotar, pois a mesma é finita. E ela só é possível ser explorada nos seus momentos iniciais se houver um ambiente facilitador, isto é, somente uma mãe em sintonia com seu bebê será capaz de decodificar seus sinais, para assim não impossibilitar que sua criatividade primária se perca.

Seguindo esse fio condutor entre a interação do meio com o desenvolvimento do bebê, Winnicott (2007) diferencia possíveis fases que devem ser vivenciadas pelo bebê. A primeira que se dá desde o nascimento até por volta dos seis meses, é a chamada *dependência absoluta*; a segunda que segue até por volta dos dois anos, na qual a criança já se encontra em um estado de *dependência relativa* e, se tudo ocorrer bem, caminhará *Rumo à independência*.

Na fase de *dependência absoluta* o neném, que realmente necessita de todos os cuidados que um cuidador pode oferecer, como o próprio nome sugere, vive uma fase de onipotência na qual entende que o mundo é uma continuação de si mesmo e não se vê como um ser único e integral diferente do ambiente. Onipotência essa que não é apresentada como negativa pelo autor, muito pelo contrário, é constitutiva. Chama atenção é a não percepção do bebê desta dependência, pois uma vez que ele percebe “o todo” como uma coisa só, não sente a angústia da falta (WINNICOTT, 2007).

Para que esta fase ocorra em perfeito estado é necessário que o ambiente proporcione isso sendo um facilitador. Ambiente este que é massivamente representado pela mãe, ou sua cuidadora principal, que necessitará estar em total sintonia afetiva com o bebê para responder suas expectativas no exato momento que elas surgem, preenchendo suas demandas e proporcionando esse sentimento de onipotência, para tanto a mãe viverá o que Winnicott (1958/2000) denominou como um estado de *Preocupação Materna Primária* (PMP). Este estado consiste em a mãe ser capaz, a partir dos últimos meses da gestação até alguns meses após o parto, de saber – no momento certo, por meio de uma sintonia sutil que estabelece com o bebê – as necessidades vitais de seu filho. É um estado regressivo que tende a identificação da mãe com seu bebê, no qual o que ela sente a ajuda a vir a compreender emocionalmente o que ele sente ou precisa. Dentro dessa visão, a mãe e seu bebê possuem uma relação recíproca e complementar, podendo-se pensar que a mãe não existe sem o bebê e o bebê não existe sem a mãe (WINNICOTT, 1966/2000). Esta fase vivida pela mãe apresenta um retraimento

tamanho que se o mesmo for vivido em outro momento que não o gestacional, Winnicott (1966/2000) considera patológico. Esta mãe que neste momento vive este estado é descrita como *suficientemente boa*, a qual será capaz de fornecer:

Um contexto para que a constituição da criança comece a se manifestar, para que as tendências ao desenvolvimento comecem a desdobrar-se, e para que o bebê comece a experimentar movimentos espontâneos e se torne dono das sensações correspondentes a essa etapa inicial da vida. A vida instintiva não precisa ser mencionada aqui porque o que estou descrevendo tem início antes do estabelecimento de padrões instintivos (WINNICOTT, 1966/2000, p. 403).

Percebe-se nesse trecho o tipo de fenômeno presente nestes momentos iniciais, é primitivo e sendo assim anterior a existência de um ego mais integrado, sem a necessidade de se falar nesse momento da apropriação dos impulsos. E, assim uma falha materna, ou seja, quando a mãe não for *suficientemente boa*, o lactante não viveria como uma frustração e sim como uma ameaça de aniquilamento. De forma que, a *mãe suficientemente boa* será aquela que permitirá que o bebê tenha contatos gradativos com a realidade externa de modo que este contato inicial não seja vivenciado como ruptura em sua continuidade de ser (WINNICOTT, 1966/2000).

As necessidades do bebê que vão além dos cuidados físicos solicitam três cuidados específicos e simultâneos desta mãe: a *apresentação do objeto*, o *holding*, e o *handling*. Lembrando que como o próprio autor define “diversos aspectos do desenvolvimento emocional se relacionam tão estreitamente entre si, que não se pode separar essas questões uma da outra, a não ser de forma muito artificial” (WINNICOTT, 1990, p. 177).

A *apresentação do objeto* consiste em a mãe apresentar o seio na primeira mamada mais ou menos no momento certo em que o neném sentiu falta do seio, possibilitando imaginar que ele criou este seio, alimentando assim sua onipotência. Durante o período da dependência absoluta, no intervalo de uma a outra mamada, e na constância da mãe, o neném pode vivenciar relações positivas com as coisas ou pessoas. Com isso o bebê começa a experimentar, entrar em contato com o sentimento de amor e ódio sem ameaça de aniquilação ou sem parecer uma angústia insuportável (WINNICOTT, 1966/2000).

Na função do *holding*, sustentação, a mãe protege o bebê dos perigos físicos, considerando sua sensibilidade cutânea, auditiva e visual, e sensibilidade às quedas. Segurando a criança não só fisicamente, mas também psiquicamente. Por meio dos cuidados do dia a dia, estabelece uma rotina. E assim assegurará que com a repetição e simplificação do

ambiente externo a criança possa ir percebendo-o aos poucos e se localizando quanto ao tempo e espaço (WINNICOTT, 1966/2000).

Winnicott (1976/1983), visando mostrar a pais leigos a importância do que eles faziam naturalmente, traz uma descrição mais concreta do que está envolvido no *holding*:

Protege da agressão fisiológica, leva em conta a sensibilidade cutânea do lactente – tacto, temperatura, sensibilidade auditiva, sensibilidade visual, sensibilidade à queda (ação da gravidade) e a falta de conhecimento do lactente da existência de qualquer coisa que não seja ele mesmo. Inclui a rotina completa do cuidado dia e noite, e *não é o mesmo que com dois lactentes, porque é parte do lactente, e dois lactentes nunca são iguais*. Segue também as mudanças instantâneas do dia a dia que fazem parte do crescimento e do desenvolvimento do lactente, tanto físico como psicológico (WINNICOTT, 1979/1983, p. 48 grifos nosso).

Por fim, a função de *handling* consiste na manipulação do bebê durante seus cuidados corporais, como banho, troca de fraldas etc., irá aos poucos dar ao neném a possibilidade de ir se sentindo dentro de seu próprio corpo, nasce a possibilidade da personalização (WINNICOTT, 1966/2000).

Uma mãe que realiza bem estas três funções será denominada mãe *suficientemente boa*, pois será aquela capaz de se manter suficiente para o neném seguir seu desenvolvimento esperado e inato, sem interferências e desvios. Ela representa um ambiente suficientemente bom, o que é vital para a saúde psíquica do ser humano em construção, pois experimenta uma experiência de continuidade de vida, que é sinal da emergência de um *verdadeiro self*, de um verdadeiro eu.

Segundo Winnicott (2007), o *verdadeiro self* é a pessoa que é eu e apenas eu, ou seja, a pessoa que se constrói a partir do emprego de suas tendências inatas. No começo da vida é a somatória da vida sensório-motora. “O gesto espontâneo é o self verdadeiro em ação. Só o verdadeiro self pode ser criador e só o verdadeiro self pode ser sentido como real” (WINNICOTT, 2007).

Desse modo, para a evolução psíquica saudável espera-se de um lado uma mãe suficientemente boa e do outro um neném com ausências de fatores patológicos hereditários ou congênitos. Isto é, o desenvolvimento emocional comporta uma perspectiva tridimensional interdependente, na qual: “em um extremo há a hereditariedade; no outro extremo há o ambiente que apoia ou falha e traumatiza; e no meio está o indivíduo vivendo, se defendendo e crescendo” (WINNICOTT, 2007, p. 125).

Winnicott (1966/2000) apresenta que no princípio o bebê não se constitui uma unidade em si mesmo, a unidade corresponde a uma organização entre o indivíduo e o meio ambiente, a base da saúde mental é estabelecida nos primórdios da infância pelo provimento de cuidados dispensados à criança por uma *mãe suficientemente boa*. O bebê depende da disponibilidade de um adulto genuinamente preocupado com os seus cuidados, isto é, que possa contribuir para uma adaptação ativa e sensível às suas necessidades, que a princípio são absolutas. Portanto, a *psique* só pode ter origem dentro de um determinado *enquadre*, no qual a criança pode gradualmente vir a criar um meio ambiente pessoal, que a capacitará, mais tarde, a se desembaraçar do mesmo. Para superar esse estado inicial de dependência e atingir a independência, o meio ambiente criado e subjetivado pela criança transforma-se em algo suficientemente semelhante ao ambiente percebido.

Esta etapa é a passagem para a *dependência relativa*, que ocorre por volta dos seis meses de vida. É a fase na qual a criança já se diferencia da mãe e percebe não só o ambiente como também a presença dos cuidados paternos, que se fazem mais presentes. A criança se conscientiza da sua subjetivação e tolera melhor as falhas do ambiente, e de adaptação da mãe, tirando proveito disto para se desenvolver (WINNICOTT, 1966/2000).

Nesta fase sua percepção de tempo e ambiente já se desenvolveu, conseguindo antecipar acontecimentos. Assim como a mãe também começa a se distanciar do neném e do estado de identificação intensa de até então, retomando sua vida pessoal, aumentando as “falhas” de adaptação. Mas, uma nova dificuldade surge para este bebê que percebeu que sua mãe é um ser diferente de si, surge à dificuldade do bebê de integrá-la como sendo apenas uma, pois acredita que uma é a mãe boa que traz tranquilidade, quem brinca com ele, a qual reconhece a voz e os carinhos e será sempre amada, e a outra é a má que o faz sentir raiva e agressividade ligados à mamada, quando o bebê passa a imaginar que a satisfação de sua fome gera uma deterioração do corpo da mãe, deixando-a vazia (WINNICOTT, 1966/2000).

Antes o que não era uma preocupação; por não se perceber dependente; passa a ser, pois teme destruir sua mãe. Surge uma consideração pelo objeto, chamado de *concern*. Ele precisará integrar estas duas mães – boa *versus* má – para perceber que sendo a mesma ele não a destruiu. Porém, vale lembrar que ele só conseguirá fazer essa união se tiver tido uma *mãe suficientemente boa*. A mãe que não se ausenta o tempo suficiente, pode fazer com que seu filho não vivencie a experiência da não onipotência, assim como a mãe que se ausenta tempo demais irá causar um sentimento de destruição e ruptura na criança que não conseguirá manter viva a representação de *boa* dentro dela (WINNICOTT, 1966/2000).

Após essa integração a criança experimenta novos sentimentos, como por exemplo, o de culpa por pensar que essa mãe tão amável é também alvo de ataques destrutivos. É por causa dessa depressividade e culpa que a criança se esforça para reparar e restaurar a mãe, quando sentida como danificada, exercendo o *concern*. Na continuidade deste processo a criança conseguirá aceitar suas fantasias e pensamentos ligados à experiência pulsional, distinguir as fantasias e pensamentos dos acontecimentos reais, e ter a experiência de uma relação de excitação que não é destrutiva.

Porém, por mais que todos os seres nasçam com esse impulso e essa tendência inata ao amadurecimento, Winnicott (1963/1994, p.76) apresenta como algo essencial, da ordem do ser, a necessidade da descontinuidade, “somente a partir da não-existência é que a existência pode começar”. De modo que, a possibilidade de ser e, consequentemente, de sua continuidade de ser ocorre a partir do não existir, no intervalo entre a não existência e a existência.

Uma vez que se compreende o caminho percorrido para constituição da subjetividade proposta por Winnicott (2007), questiona-se como esse percurso ocorrerá em um ambiente específico, a saber: o nascimento de múltiplos.

Em sua obra, menciona o caso de gêmeos apenas uma vez, em 1965, em “A criança e seu mundo” e já inicia sua narrativa ressaltando as dificuldades relatadas tanto pelas mães de gêmeos como por eles mesmos. Ao mesmo tempo em que existe um prazer na criança em ter um irmão para brincar como companhia, e não estar só, há também a dificuldade oriunda do desenvolvimento do bebê. Lembrando que em situações ordinárias e com uma boa orientação, os bebês começam imediatamente após ao nascimento a formar a base de suas personalidades e individualidades, e a se descobrir como únicos. Para tanto precisam antes passar por uma fase de egoísmo primário e vivenciar a onipotência de ser assistido por uma *mãe suficientemente boa*, que estará disposta no princípio a se adaptar tanto quanto possível aos desejos do bebê.

No princípio, a mãe deve estar apta a propiciar ao seu bebê o sentido de posse e a sensação de que exerce o controle sobre ela, de que a mãe foi criada para a ocasião. Sua própria vida privada não é inicialmente imposta ao bebê. Com a experiência do egoísmo primário impregnada até os ossos, o bebê está capacitado a ser mais tarde desinteressado e desprendido sem demasiado ressentimento (WINNICOTT, 1965, p. 87).

Essa perspectiva pode ser ampliada para se entender como o processo ocorreria em gêmeos:

A primeira coisa a se dizer a respeito de gêmeos é que se trata de fenômenos totalmente naturais, nada justifica, na realidade que sejamos sentimentais ou graciosos a tal respeito. Conheço mães que ficaram encantadas por ter gêmeos e sei de muitos gêmeos que gostam de o ser. Mas quase todas as mães afirmam que não teriam realmente escolhido gêmeos, se tivessem sido consultadas, e há gêmeos, mesmo aqueles que parecem bastante satisfeitos com a sua situação, que usualmente me confessam que teriam preferido chegar cada um por sua vez (WINNICOTT, 1965, p.154).

Após pensar em como se dá o processo de amadurecimento pessoal em um bebê, pode-se conjecturar como se daria em um ambiente composto por múltiplos idênticos. Sendo assim, apresenta-se a seguir um capítulo dedicado a esta temática que percorrerá aspectos biológicos na formação de gêmeos, seguido da compreensão psicanalítica, e, por fim como tal material tem sido utilizado como objeto de pesquisas. O que permitirá elaborar conjecturas a respeito de duas irmãs univitelinas acompanhadas no decorrer desta dissertação.

3 GÊMEOS

3.1 CONSTITUIÇÃO ORGÂNICA

Quando se fala de gêmeos, e sua especificidade, não se pode deixar de lembrar seu processo biológico natural de origem e a diversidade de tipologias existentes, sendo classificados em dois grandes grupos, os univitelinos e os bivitelinos. A seguir serão apresentados esses processos e suas diferenciações para trazer informações e conteúdo a presente dissertação, não apenas à complexidade por detrás do tema gemelar ligado à constituição psíquica, como também sua idiossincrasia referente à constituição orgânica.

A fecundação humana ocorre no encontro de um óvulo, que é mensalmente liberado pelo ovário feminino, e um espermatozoide que vem em centenas de milhões do saco escrotal do homem. Após a fecundação inicia-se um processo de sucessivas divisões do zigoto (união do óvulo com o espermatozoide, também chamado de célula-ovo), ao qual se dá o nome de clivagem. O zigoto passa a se deslocar em direção ao útero para se implantar na sua parede com vasos sanguíneos, tornando-se um feto, este que será nutrido via placenta e se desenvolverá no interior de um saco amniótico, também conhecido como membrana. Este processo de fecundação comumente resulta em apenas um embrião.

Porém, o ovário ocasionalmente poderá liberar ao mesmo tempo mais de um óvulo no período da ovulação, e esses poderão ser fecundados por espermatozoides diferentes. Estas duas fecundações irão gerar dois fetos em duas placentas, em dois sacos amnióticos invariavelmente. As características físicas destes dois filhos serão similares a de dois irmãos gerados em períodos diferentes, pois cada um carregará uma combinação específica de material genético, podendo ser do mesmo sexo ou não. Estes são os chamados gêmeos bivitelinos, diferentes, fraternos, dizigóticos, popularmente “falsos” ou ainda não idênticos. Sua prevalência é de dois terços das gestações múltiplas (SADLER, 2005).

Como mencionado, atualmente os gêmeos bivitelinos são mais comuns, uma das possíveis causas concerne às técnicas de reprodução medicamente assistida (RMA), capazes de provocar superovulações ou pela implantação artificial no útero de diversos embriões fertilizados *in vitro*, condição praticada para incrementar a percentagem de sucesso (SIDDIQUI; McEWAN, 2007). Ou seja, ocorre a união de diferentes óvulos com espermatozoides, resultando desta união os embriões, que são implantados em um único

procedimento, de dois a três embriões no útero, de acordo com a escolha da família, para aumentar a probabilidade de se ter êxito na gravidez (BITTAR et al., 2008). Entre 20 a 30% dos partos que seguem RMA nos Estados Unidos da América (EUA) e na Europa são de gêmeos, comparados com 1% de concepção espontânea (HANSEN et al., 2009). Os mesmos autores alertam para adicionais riscos perinatais e hospitalizações nos primeiros três anos de vida envolvendo os gêmeos concebidos por RMA.

Por sua vez, o processo de fecundação que resulta em gêmeos univitelinos, monozigóticos ou idênticos se dá quando um único óvulo começa a se dividir precocemente, até o 13º dia após a fertilização, depois de ter sido fecundado formando duas massas celulares. Processo esse responsável pelo outro um terço de gêmeos gerados (SADLER, 2005). Neste caso, o zigoto resultante da fecundação transforma-se em dois zigotos após sua implantação na parede interna do útero, dando origem a dois fetos com a mesma carga genética, por consequência serão do mesmo sexo e fisicamente similares. Existe quem os considerem “clones naturais” por possuírem guarnições genéticas idênticas, no entanto, as células poderão sofrer mutações e um controle epigenético distinto, gerando gêmeos monozigóticos geneticamente diferentes (HALL, 2003).

Dentre os gêmeos monozigóticos, têm-se ainda três tipos que irão variar de acordo com o período em que ocorreu a clivagem e, conseqüentemente sua forma de se estabelecer dentro do útero com a possibilidade de dividirem ou não a mesma placenta (monocoriônicos ou bicoriônicos) ou ainda dividirem ou não a mesma membrana (monoamnióticos ou biamnióticos). Sendo esses:

a) bicoriônicos e biamnióticos, se a clivagem ocorreu entre o primeiro e o terceiro dia; correspondem a cerca de 25 a 30%;

b) monocoriônicos e biamnióticos, se aconteceu entre o terceiro e oitavo dia; aproximadamente 70 a 75%;

c) monocoriônicos, monoamniótico, se a clivagem ocorreu entre o nono e o décimo segundo dia; cerca de 1 a 2%, sendo este o responsável pelas gestações gemelares siameses (HALL, 2003; SIDDIQUI; McEWAN, 2007).

Vale ainda lembrar que todos os gêmeos idênticos são formados a partir do óvulo, pois vários espermatozoides no mesmo óvulo não formam bebês, formariam um ser anômalo, que não se desenvolve. Quando acontece é chamado poliembrionia, não poliespermia. Poliembrionia refere-se à situação na qual se tem mais de um embrião, a partir de um zigoto. Por fim, acrescenta-

se que em ambos os processos pode ocorrer a formação de um número maior de fetos – trigêmeos, quadrigêmeos, etc, que são ainda mais raros (HALL, 2003; SIDDIQUI; McEWAN, 2007).

Apesar do grande progresso da medicina nos países desenvolvidos, as gestações múltiplas continuam permeadas de riscos, tanto maternos como fetais. Sabe-se que a mortalidade materna permanece alta, sendo cerca de três vezes superior numa gravidez múltipla em relação à simples (SIDDIQUI; McEWAN, 2007; PIONTELLI, 2008).

Com relação aos bebês, o grande risco da gestação múltipla é a prematuridade, representando 43,6% das gestações gemelares e 5,6% das simples (DODD; CROWTHER, 2005). A restrição de crescimento intrauterino é mais frequente nas gestações gemelares, comprometendo o peso ao nascer que é, em média, menor (HALL, 2003). Estima-se que 25 a 33% dos gêmeos sejam leves para a idade gestacional, portanto, com risco acrescido de morbidade e mortalidade perinatais (DODD; CROWTHER, 2005).

Elucidados tais fatos faz-se possível começar a elaborar conjecturas a respeito do caso que será apresentado composto por duas irmãs que pertencem ao grupo de gêmeas monozigóticas monocoriônico e biamniótico, ou seja, surgiram de uma gestação natural, dividindo a mesma placenta, porém não a mesma membrana. Sendo assim, pode-se indagar como a psicologia, mais especificamente a psicanálise, compreende essa influência que um gêmeo exercerá sobre o outro desde o início, dividindo o útero materno. Ou mesmo, o que pode povoar a mente materna neste período com tantos riscos e dificuldades. A seguir apresenta-se a compreensão psicanalítica sobre o tema.

3.2 GEMELARIDADE E PSICANÁLISE

Os estágios de desenvolvimento psicosssexuais de Freud são expostos nos *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade* (1905), nos quais apresenta que o senso de identidade da criança é desenvolvido por meio da relação do bebê com sua mãe, posteriormente existe a interferência do pai. Em 1900, Freud reconheceu a importância dos irmãos e seus efeitos um sobre o outro.

Para os gêmeos, essa estrutura interna, seria inicialmente mais complicada uma vez que há a presença de um outro gêmeo desde o início, levando a uma situação em que se cria

uma tríade antes da dita tríade edipiana de Freud, para os gêmeos, haveria três relações de par: mãe e gêmeo A; mãe e gêmeo B; gêmeo A e gêmeo B. Portanto, o processo inicial de desenvolvimento do gêmeo, seria influenciado tanto pela relação que ele teria com a mãe como com seu irmão. Podendo assim, viver um *continuum* entre rivalidade e fusão, será a partir dessa estrutura complexa que cada gêmeo desenvolverá um senso de identidade diferente (TAVARES, 2007).

Freud (1900/2006) lançou luz à importância do início da vida de uma pessoa, quando apresentou que uma criança ao completar seis anos de idade, fase essa que atingirá o estágio de latência, na qual, os instintos sexuais e a energia sexual são redirecionados de seus verdadeiros objetivos sexuais para novos; e esse novo objeto ainda satisfaz os impulsos sexuais e desempenha um papel importante no desenvolvimento da criança.

Os estágios pré-genitais da criança são: em primeiro lugar o oral, no qual o objetivo sexual é a incorporação do objeto e a identificação do mundo pela criança principalmente por meio da exploração com a boca; o segundo é o anal, sendo a oposição entre duas correntes ativas e passivas, investido no controle dos esfíncteres, podendo percorrer toda a vida sexual; a fállica, na qual a criança encontra prazer em seus órgãos genitais, e os meninos ao terem sentimentos pelas suas mães, devido ao complexo de Édipo, temem que seus pais os castrem caso reconheçam seus sentimentos sexuais. E as fases seguidas são a da latência e a genital (FREUD, 1900/2006). Com a descoberta dessas fases Freud, definiu as relações edípicas dentro da família. Vivienne Lewin, psicanalista londrina dedicada aos estudos de gêmeos, interpreta o trabalho de Freud, afirmando que ele deixou aberta a possibilidade para haver algumas diferenças no desenvolvimento da sexualidade de gêmeos, quando comparado a não gêmeos, devido a suas identificações primitivas e posteriores com o outro gêmeo e com os pais na configuração edípica (LEWIN, 2014).

Em *Amor, culpa e reparação: e outros trabalhos* Melaine Klein (1996) apresentou as fantasias do seio e do casal paterno como inatas e centrais para o desenvolvimento de cada indivíduo. Lewin (2014) problematiza essa questão, ao questionar como isso ocorre com os gêmeos, uma vez que os mesmos farão essas relações primárias também entre si. Incluindo o período pré-natal, eles farão essa difícil tarefa de se diferenciar do seio da mãe e mais ainda, concomitantemente, de seu irmão. Podendo causar uma dificuldade em estabelecer uma boa relação simbiótica com a mãe, pois o irmão está presente.

Conforme expõe Lewin (2014), para Klein, o ego, em seu estado rudimentar, existe desde o nascimento e é dominado por mecanismos de divisão. O bem e o mau é dividido e

projetado em um objeto, criando a ilusão de dois seios que representam duas mães – um bom e o outro mau. O seio bom internalizado forma o núcleo bom do ego que permitirá a integração como processo. Mas, o gêmeo terá que desenvolver esse relacionamento com a mãe e com outro bebê que “rouba” sua atenção (LEWIN, 2014).

Nesse sentido, Klein (1963/1996), defendeu que o bebê poderia ter a fantasia de ter um irmão gêmeo, independente da presença da mãe. Diminuindo assim a sensação de solidão que porventura poderiam vir a ter, e o gêmeo fantasioso, criado para diminuir a solidão, é interno, ou seja, incorporado no ego. Todavia, Melanie Klein não discutiu o que ocorreria com um irmão gêmeo real.

O anseio de compreender a si próprio também está ligado à necessidade de ser compreendido pelo objeto bom internalizado. Uma expressão desse anseio é a fantasia universal de se ter um gêmeo [...]. Essa figura gêmea, representa aquelas partes não compreendidas e excedidas que o indivíduo anseia por recuperar, na esperança de alcançar inteireza e completa compreensão; essas partes são, algumas vezes, sentidas como sendo as partes ideais. Em outras ocasiões os gêmeos [fantasmáticos] também representam um objeto interno inteiramente confiável – na verdade, um objeto interno idealizado (KLEIN, 1963/1996, p. 343).

Assim Lewin (2014), a partir de Klein, formula a hipótese de que os gêmeos usam um ao outro para lamentar a perda da mãe e para preencher essa lacuna. Será mais difícil para um bebê gêmeo se diferenciar do seio do que um bebê vindo de uma gestação única, pois um gêmeo não viverá a ilusão de solidão, uma vez que tem um bebê real ao seu lado, o que possibilita a vivência de uma ilusão de estado perfeito. Mas isso pode virar um problema se depois esses gêmeos forem separados, dado que não suportariam enfrentar esse vazio que não foram acostumados, devido a essa ligação primária.

Marjorie Leonard (1961), psicanalista americana, também explora a ideia de que ter um irmão gêmeo constantemente presente durante a infância afetará a relação objetal com a mãe, isso pode causar dificuldades na linguagem e impedir outras relações objetais. Muitos gêmeos apresentam desenvolvimento atrasado da linguagem, possivelmente devido à menor comunicação verbal estabelecida com os adultos, visto que precisam, de certa forma, compartilhar o que dizem e não são diretamente abordados, uma vez que as palavras lhe são dirigidas a dupla e não a unidade de cada um. Bem como, há ainda este parentesco único que eles dividem, o qual muitas vezes não se faz necessária a linguagem, ou outras vezes ela surge de forma única e não compartilhada com a cultura que os cercam (LEONARD, 1961).

De modo que se o vínculo entre eles for muito forte, isso pode dificultar o relacionamento com a mãe, como também se a mãe apresentar diferenças entre seu relacionamento com um dos filhos gêmeos, tendo um preferido, isso pode excluir o outro, complicando seu desenvolvimento. Para se somar a este quebra-cabeça, ainda há a entrada do pai, que precisa encontrar espaço nessas relações já entrelaçadas. Podendo surgir assim seis pares ou quatro tríades diferentes (LEONARD, 1961). Por fim, vale ressaltar que os gêmeos podem se usar como objetos transicionais, ao invés de romper a relação dual entre mãe e bebê, criam outra entre si (LEWIN, 2014).

De volta a Dorothy Burlingham (1945), não se pode deixar de mencionar que parte de seus estudos direcionados aos gêmeos, levaram à compreensão de que os mesmos desfrutam ou sofrem com uma intimidade em seu codesenvolvimento, dependências e relacionamento emocional. Aponta que as mães podem ter grandes dificuldades em se conectar com seus filhos até conseguirem conhecê-los individualmente.

Discutiu o fascínio generalizado que a população tem por gêmeos, alegando que todos passam pela criação de um gêmeo imaginário quando jovens para aprender a lidar com a separação dos pais, imaginação essa que tende a se desfazer, naturalmente, conforme o desenvolvimento da criança (BURLINGHAM, 1945). Querer um irmão gêmeo vem das primeiras experiências com a mãe, devido a algum desejo inconsciente insatisfeito, bem como pela sensação de solidão interna. No período de latência a criança usa o outro gêmeo por amor e atenção se protegendo da solidão (LEWIN, 2014).

Burlingham (1945) menciona como a população imagina que a relação estabelecida entre gêmeos é mais forte que as outras relações, sendo os dois inseparáveis, mas na verdade um gêmeo luta sobremaneira com seu parceiro gêmeo e pode não gostar desse rótulo de inseparável. Há, então, além desta necessidade de independência que eles carregam a necessidade de coexistir com o medo da separação. Essa tensão entre sentimentos conflitantes aparece em diferentes estágios. No início, cada gêmeo expressa desejo de autogratificação pela atenção da mãe, o qual é decorrente de uma competição entre ele e irmão pelo afeto materno. Esse desejo se torna assim, um desejo de compartilhar, e aos dois anos eles começam a sentir o desejo de dividir as coisas entre eles. Mas esse desejo não apaga a competitividade anterior, a luta agora é para manter a quantidade equiparada, deixando de lado a rivalidade para defender seu irmão. Passam a pedir um a aprovação do outro, o que difere de bebês nascidos individualmente, que procurariam a aprovação dos pais. Por isso, a autora ressalta a importância dos gêmeos criarem um senso de identidade individual. Vale

ainda destacar que seus estudos se referiam a crianças em idade pré-escolar (BURLINGHAM, 1945).

Nessa perspectiva, como mencionado, a autora defende que gêmeo real pode servir para preencher a lacuna vinda da solidão. No entanto, a maior dificuldade dos gêmeos seria se separar, pois faltou *separatividade* entre eles. No *Estudo de gêmeos idênticos* Burlingham (1952), discute os primeiros estágios da infância e como é importante a mãe falar com cada gêmeo de forma separada, comoalaria com filhos gerados em momentos diferentes. Mas, as mães tendem a fazer isso no começo, na medida em que eles crescem tendem a lhes falar de modo dual, sem distingui-los.

Devido a essa não separatividade é muito difícil para cada gêmeo conseguir ficar sozinho com a mãe, e mesmo assim, eles precisam vivenciar a posição depressiva e o mecanismo esquizoide com a mãe na presença do irmão, bem como também precisam lidar com esses sentimentos de amor e ódio com o próprio irmão (LEWIN, 2014).

Adotando essa linha, Leonard (1961) afirmou que o estabelecimento de laços libidinais de modo tão precoce entre os gêmeos provoca conflitos no relacionamento com a mãe, também pode ocorrer maior nível de identificação entre eles do que com os pais ou outros irmãos.

Burlingham (1946), quanto a esse assunto, descreve que algumas mães tendem a sentir dificuldade em “entrar” na relação dos filhos, chegando a sentir inveja da ligação existente entre eles. Assim, algumas mães os tratam por igual para evitar a rivalidade, mas outras para transformá-los em um só. Com isso, ou ainda devido a esse relacionamento simbiótico dos mesmos, alguns gêmeos podem não desenvolver personalidades diferentes (LEWIN, 2014). Deste modo, segundo a autora, esse fascínio que eles causam pode fazer com que se sintam superiores, culminando em um relacionamento duplo narcisista com um senso de identidade que é limitado ao parentesco.

Lacan, em o *Estádio do Espelho* (1936/1998), destaca a importância tanto do olhar quanto do espelho para a formação da identidade, para uma compreensão do mundo interno. Nesse ínterim, Burlingham, em 1952, foi a primeira a notar que os gêmeos dizigóticos identificam suas imagens espelhadas antes dos monozigóticos.

Alessandra Piontelli (2002), psicanalista italiana, discute o quanto a vida é mais desconcertante e complexa em gêmeos idênticos, seu estudo com gêmeos a partir de um ano, expostos a espelhos, mostrou como eles demoram muito mais para reconhecer a imagem

como seu próprio rosto e outros chegaram a atingir essa meta com apenas três ou quatro anos de idade. O que a autora percebeu foi que eles identificavam a imagem do espelho como seu irmão e não como eles mesmos. Eles precisavam tocar o espelho para perceber que aquele reflexo não era seu irmão, isso não ocorreu com gêmeos não idênticos, que conseguiam identificar o reflexo como espelho já com dois anos. Como exemplo tem-se o caso dos irmãos gêmeos apresentado por Dolto, no qual um deles ao ficar sozinho em casa começa a conversar com o espelho, achando que era seu irmão que foi a escola e se lamenta quando o mesmo não participa da brincadeira por ele proposto (DOLTO, 2008).

Zazzo (1986) um psicólogo francês, foi o primeiro a estudar a reação de gêmeos diante do espelho. Identificou que até conseguirem reconhecer o seu próprio rosto no reflexo espantavam-se ao descobrir que tinham uma aparência tão similar a do irmão. Muitos ficaram confusos e perguntaram: “quem sou eu?”, ou “mas porque dois?”, ou ainda “Ela é eu, ou eu sou ela?”. E só a partir da consciência da própria imagem no espelho, que veio a consciência de que eles eram gêmeos idênticos. Os pais de gêmeos relatam que seus filhos ficaram muitos confusos com a “descoberta” da semelhança e começaram a balbuciar muito mais após essa descoberta (PIONTELLI, 2002).

Quando os gêmeos não idênticos envelhecem eles tendem a perder a percepção social de que são gêmeos, já com os gêmeos idênticos, esse elo entre eles é ainda mais reforçado na medida em que saem de casa, pois os outros olham para eles como únicos, ainda que colocados em grupos separados. As crianças são ótimas em perceber qualquer coisa que não seja a norma, e os gêmeos são assim percebidos como diferentes, fazendo-os ficarem isolados (PIONTELLI, 2002).

Com base nessas informações é possível indagar quem é esse outro no espelho para o gêmeo? Eles estão vendo uma imagem fragmentada de seu irmão gêmeo, uma vez que leva mais tempo para identificar a imagem como sendo ele mesmo? Na “Fase do espelho” Lacan (1936/1998), mostra como a criança começa a unificar a representação de si mesma, quando se considera um “eu”, em relação a uma imagem no espelho. Mas, o que acontece se um bebê não identifica isso até três ou quatro anos de idade? Leonard (1961) alegou que isso afetará seu senso de identidade separada da do irmão, possuindo um senso de unidade entre os dois irmãos, deixando-os em confronto com a imagem do espelho. Afirmou ainda que essa identificação pode continuar ao longo da vida e causar confusão em termos de identidade e roubo de sua autoimagem.

O misto de rivalidade e zelo entre irmãos gêmeos idênticos é claro, especialmente em famílias nas quais há outros irmãos. Burlingham (1952), afirmou que essa é uma área, a relação entre irmãos, amplamente negligenciada, pois há muita atenção aos gêmeos deixando os outros irmãos com inveja. Ainda mais dada a união entre os próprios gêmeos, o outro irmão que ali estiver, provavelmente encontrará pouco espaço para entrar nesta dupla e se sentirá excluído. No entanto, os gêmeos também podem vir a sentir rivalidade ou inveja do irmão único devido ao fato de ser individual, diferente e ter conseguido desenvolver sua própria identidade (LEWIN, 2014).

Alessandra Piontelli (1989) pesquisou diversos bebês gêmeos com visitas mensais no período pré-natal, observando-os no útero através de ultrassom, também os acompanhou com visitas semanais durante um ano após o nascimento, de modo a revelar que certas características temperamentais são contínuas antes e depois do nascimento. A autora comenta que o “nascimento psicológico” de uma criança parece ser uma questão altamente individual. Defende que muitas crianças mostram evidências de consciência psicológica muito antes do nascimento, assim como os gêmeos desenvolverão um relacionamento entre eles e terão assim um nascimento pré-consciente (PIONTELLI, 1989). Igualmente, afirma que em todas as gestações gemelares é possível observar que um gêmeo é favorecido e cresce à custa do outro, e em alguns casos extremos, causa a morte de um deles.

Piontelli (1989) explica como desde o início, os gêmeos vivenciam experiências diferentes que irão influenciar no seu futuro psíquico e desenvolvimento. Alguns gêmeos, já no útero desenvolvem comportamentos que se repetirão após nascerem, enquanto seu irmão pode retirar-se e dar as costas, ou não reagir. Houve casos de gêmeos que interagiram se acariciando ou ainda como se estivessem se chutando. Desta maneira, cada par de gêmeos observado tinha sua forma de se relacionar que mantiveram na vida pós-natal (PIONTELLI, 1989).

Um dos casos observados e descritos por Piontelli foi o chamado de Celia e Mark. Celia no útero era menor e mais agitada que o irmão, ele, por sua vez, usava a placenta como um travesseiro e se afastava das tentativas da irmã de fazer contato. Quando completaram 38 semanas, Celia parou de crescer e induziram o parto. Mark nasceu primeiro, muito quieto, ao contrário de Celia que nasceu muito “nervosa”. Foi apenas com três meses de idade que Mark começou a abrir os olhos e interagir com o ambiente, mas ainda não recebia bem os estímulos mais fortes, chegando a vomitar quando sorria ou se animava muito. Quando completaram um ano de idade Mark preferia ficar de joelhos, apoiado pela mãe, enquanto Celia engatinhava

pela casa toda (PIONTELLI, 1989). Para a autora este caso deixou claro o estabelecimento da relação entre os gêmeos desde muito cedo.

Piontelli (2002) observou que quando um gêmeo estava mamando no seio da mãe, ela dava imediatamente atenção ao outro. Bem como, a mãe daria atenção a cada um dos gêmeos, mas em pequenos momentos, tendo ainda, mesmo que de forma inconsciente, um filho preferido. O que poderia ser decorrente do fato de um bebê ser mais fraco ou mais ativo, indo ao encontro das fantasias e projeções da mesma.

De igual modo, também afirmou que cada criança sabe julgar a atenção recebida proporcional à idade e pode ficar muito ciumenta com seu irmão quando não é “justo”, ou seja, uma criança reconhece a necessidade de maiores cuidados com seus irmãos por causa da sua idade. Assim parece haver níveis de ciúmes mais elevados em crianças da mesma idade. E, por fim, observou que gêmeos entre 12 e 15 meses ficaram preocupados quando separados um do outro e choraram, mas isso não aconteceu quando foram separados da mãe desde que estivessem juntos (PIONTELLI, 2002).

3.3 PESQUISAS E GEMELARIDADE

Há poucos estudos sobre gêmeos, na Psicologia, acerca da relação precoce mãe-gêmeos ou mesmo da relação intrapar. É possível encontrar diversos estudos priorizando aspectos biológicos ou até psicopatológicos, fazendo uso dos gêmeos para estudar a influência da hereditariedade sobre doenças, sejam no cunho biológico ou psíquico, mas poucos voltados para o desenvolvimento do psiquismo propriamente dito. Em outras palavras, fica a impressão de que os gêmeos têm sido utilizados para estudar diversas questões biopsíquicas, todavia há poucos pesquisadores que buscaram compreender o que se passa no “universo dos gêmeos”, a fim de entender a qualidade das relações intrapar, bem como a relação entre os gêmeos e seus respectivos cuidadores. Assim, verificam-se na literatura, o quanto pares de gêmeos monozigóticos são considerados como sujeitos valiosos para pesquisas sobre o desenvolvimento dos aspectos psíquicos, pois, sendo a herança genética idêntica, as diferenças entre eles seriam causadas pela influência ambiental.

Um pequeno exemplo disso, dentro da psicologia, pode ser observado na realização de uma pesquisa sobre gêmeos na Biblioteca Virtual em Saúde Psicologia (BVS-Psi), pois ao proceder a busca foram localizadas apenas 12 publicações sobre o tema, das quais três são

com macacos, outras três com humanos na área comportamental, duas na área de psicologia social e apenas duas na psicanálise; dois livros, um sobre biopsiquiatria e um sobre genética. Também foi possível identificar 30 periódicos que dentre os principais temas tem-se: uso de gêmeos para entender esquizofrenia, hipocondria, temperamentos, nível de inteligência, provas operacionais, fobia escolar, fobia social, resposta a eventos científicos (estresse), entre outros. São assim utilizados com instrumentos de estudo para se analisar um outro objeto externo específico e pouco são vistos como reais objetos e sujeitos de estudo.

Quando se realiza uma revisão bibliográfica sobre o assunto dentro da temática “psicanálise”, encontram-se nas bases de dados Psychoanalytic Electronic Publishing (PEP-Web), *American Psychological Association* (PsycINFO) e na Scientific Electronic Library Online (SciELO), um total de 72 títulos no período de 1933 até 2016, considerando que houve aumento no número de publicações ao longo dos anos, principalmente no que se refere aos últimos 15 anos. Sendo deste um total de 27 publicações ligadas a casos clínicos, o que consiste na proporção de 0.40 dos estudos produzidos.

Foram encontrados poucos estudos voltados aos aspectos da relação entre mãe e filhos gêmeos (DAVID et al., 2000; LUCION; ESCOSTEGUY, 2011; BOCHERNITSAN, 2012). Grande parte das pesquisas direciona-se aos mais diversos temas relacionados à gemelaridade na fase perinatal como a evolução da gestação gemelar (GAMA DA SILVA et al., 2003; PEDREIRA et al., 2005), o óbito gestacional de um dos gêmeos (FUNAYAMA et al., 2002; MARQUES; RUDGE, 2002) fatores perinatais (FAVA; SOUZA; CAMANO, 2001). Ou ainda, em fases mais adiantadas do desenvolvimento como situações edípicas (TAVARES, 2007), gêmeos abrigados (CARETA, 2006), dificuldades de conduta na educação infantil (D’ONOFRIO et al., 2007), subjetividade e narcisismo (MARQUEZ, 2008), práticas de socialização (VIEIRA; UCHOA, 2010), depressão parental (SINGH et al., 2011), superdotação (PASSOS; BARBOSA, 2011), Quociente de Inteligência (QI) e desfechos de vida (NEDELEC et al., 2012), entre outros.

Um estudo que se preocupou com a relação mãe-bebês gêmeos evidenciou que a qualidade do vínculo parental exerce influência no desenvolvimento dos gemelares durante o primeiro ano de vida, destacando que eles necessitam ser nutridos afetivamente por cuidadores adultos. Observaram-se escassas interações dos gêmeos entre si durante o período do estudo, reforçando a importância das relações com os cuidadores (LUCION; ESCOSTEGUY, 2011).

Outro estudo apontou que a gemelaridade pode configurar-se como um dos fatores que

aumentaria as chances do surgimento dos sintomas psicofuncionais em fase precoce do desenvolvimento. Além disso, a conflitiva conjugal aliada à falta de apoio paterno, em especial em situação de gemelaridade, potencializaria as chances de surgimento de falha materna e consequente risco ao desenvolvimento de sintomas psicofuncionais nos bebês (SCALCO; DONELLI, 2014).

Refletindo um pouco sobre o tema é possível imaginar que as experiências vividas por gêmeos monozigotos ou dizigotos são distintas, há uma peculiaridade em se ter um irmão idêntico ou não. Entretanto, no relacionamento entre os gêmeos e seus pais, dado o fato de nascerem dois ou mais bebês em uma única gestação, deve-se provocar diferenças significativas no relacionamento família-bebês, independentemente de serem monozigóticos ou dizigotos. Neste presente trabalho concentra-se no estudo de um par de irmãs monozigóticas.

Gibson (2002) realizou um estudo observacional, no qual a autora chama a atenção para o fato da mãe nos primeiros meses de vida dos gêmeos não realizar tarefas para ajudar a diferenciá-los, tratando-os como um bloco, bem como para a competição entre eles. E nesta questão da competição exacerbada entre eles, não se pode deixar de questionar se ela ocorre não só pela busca da atenção materna, mas também com um movimento ativo de diferenciação, e que assim possam ser percebidos como diferentes e identificados pelo ambiente nas diversas situações?

Miglio (1995) ressaltou que o estudo sobre as relações objetais poderia auxiliar na compreensão do que se passa no processo de individuação dos gêmeos.

Assim os sentimentos de rivalidade e hostilidade que estão frequentemente presentes nos gêmeos podem ser atribuídos ao fato de precisar dividir com o co-gêmeo a mãe, primeira fonte de satisfação e de gratificação. Trata-se de uma hipótese fundada, que, porém não exclui as consequências, que são positivas ou negativas, do relacionamento direto com o co-gêmeo, relacionamento que objetivamente é considerado mais primitivo do que aquele com a mãe (MIGLIO, 1995, p. 58-9).

Dentre as pesquisas realizadas com questionários, Jabbour e Marques (2000), discorrem sobre os mitos “Rômulo e Remo”, “Castor e Pólus” e “Anfão e Zero”, ressaltando aspectos ligados à cooperação, competitividade e simbiose intrapar de gêmeos, enfatizavam a necessidade dos pais se preocuparem em promover condições para as pessoas serem capazes de identificar cada cogêmeo e tratá-los de forma mais individualizada; bem como defendem a necessidade de manter gêmeos por mais tempo juntos na fase pré-escolar.

Segundo Harris (2007), não somente os gêmeos, mas qualquer filho (indivíduo) difere

de seus irmãos, embora tenham muitos genes em comum e compartilhem o mesmo ambiente doméstico e social. Do ponto de vista das práticas de socialização, crenças e teorias sobre crianças gêmeas, alguns autores têm investigado as relações das crianças gêmeas entre si, com os pais e demais crianças, isto é, com grupo de pares.

Seguindo a reflexão há um ponto comum em todos os textos produzidos no ambiente acadêmico quando se referem à gemelaridade: o espanto da família ao receber a notícia. Pensar em todos os cuidados que um neném exige, de toda a atenção da família, principalmente da mãe e toda a energia envolvida, já não é vista como uma tarefa fácil, e pior ainda fica a imaginá-la ou vivê-la quando dobrada. Diante este espanto diversas fantasias são criadas no imaginário da sociedade. Alguns autores (LYTTON; SINGH, GALLAGHER, 1995; SCHAVE; CIRIELLO, 1983), entre outros, reconhecem que as relações entre pais e crianças gêmeas são marcadas por circunstâncias únicas, que os fazem diferentes das crianças não gêmeas. A educação de gêmeos sujeita os pais (e também as crianças) a um estresse especial ou a fontes de tensão que testam os limites das habilidades de educar as crianças.

Lytton, Singh e Gallagher (1995) comparam os pais de 46 gêmeos com os de 44 não gêmeos, todos os filhos masculinos, entre dois e três anos de idade, voltados aos problemas e desafios na educação das crianças. Os resultados revelaram que pais de gêmeos estavam sob uma grande pressão ou estresse, havendo maior ocorrência de conflitos entre os gêmeos. Os autores destacaram algumas situações, denominadas “situação gêmea”, claramente presente nas famílias estudadas: a) morder: um morde outro como método de ataque ou defesa; b) competição: também envolvendo outros irmãos na demanda direcionada aos pais; c) coesão: geralmente agiam e brincavam juntos; d) familiaridade: a intimidade frequentemente tornava a linguagem menos importante como forma de comunicação; e) comunicação típica: envolvia sons (grunhidos) inarticulados ou monossilábicos, não inteligíveis para outros; f) isolamento: frequentemente apresentavam autossuficiência, reduzindo, com isso, a procura de contato com outras pessoas, levando a um afastamento social dos adultos; e, finalmente, g) estresse: grande fadiga da mãe e a importância da ajuda dos avós.

O desenvolvimento de segurança na relação de apego entre os gêmeos também é muito estudado na Psicologia. Lytton, Singh e Gallagher (1995) referem-se a um estudo com crianças gêmeas e não gêmeas, no qual os gêmeos demonstraram maior índice de apego inseguro, possivelmente devido à demanda excessiva de ambos quanto aos cuidados da mãe. Embora, as mães pudessem estabelecer uma relação de intimidade com cada criança separadamente, elas encontravam dificuldades para atender às necessidades das duas crianças

simultaneamente. Entretanto, apontaram a existência de preferência da mãe por um dos gêmeos, o que aumentava a probabilidade de apego seguro para o preferido.

Quanto às pesquisas na área da psicanálise têm-se alguns estudos que tentam explicar o efeito da fratria inclusive na formação do Complexo de Édipo, como é o caso de Tavares (2007), que defende outras quatro formas de relação triangular, além do triângulo edípico filho-mãe-pai nas famílias estudadas. A saber: 1) pai, mãe e gêmeo (considerando a unicidade do par); 2) gêmeo, cogêmeo e casal parental; 3) gêmeo, cogêmeo e mãe; 4) gêmeo, cogêmeo e pai.

Pensando na gemelaridade aliada ao aumento das chances do surgimento dos sintomas psicofuncionais em fase precoce do desenvolvimento, tem-se o trabalho de Scalco e Donelli (2014), que apresenta a conflitiva conjugal associada à falta de apoio paterno, em especial em situação de gemelaridade, podendo potencializar as chances de surgimento de falha maternal e consequente risco ao desenvolvimento de sintomas psicofuncionais nos bebês.

Quando analisado o tema sob a perspectiva da teoria do apego de Bowlby, tem-se o trabalho de Rodrigues e Hintz (2013) destaca que famílias monoparentais, possuem preferência, consciente ou não, por um dos filhos, culminando em negação do outro e na necessidade de ajuda de terceiros, o que torna mais difícil a criação e o convívio. Ainda pensando na qualidade do vínculo, o estudo, de Lucion e Escosteguy (2011) traz que a qualidade do vínculo parental influencia no desenvolvimento dos gemelares durante o primeiro ano de vida, destacando que eles necessitam ser nutridos afetivamente por cuidadores adultos, neste estudo destaca-se ainda escassas interações dos gêmeos entre si durante o período do estudo.

A maioria das pesquisas encontradas na literatura sobre esse assunto fez uso de testes psicológicos, entrevistas e/ou questionários. Entretanto, fica a dúvida a respeito do que acontece com os gêmeos no início da vida, para então se ter uma ideia de como se relacionam entre si, com a mãe e demais cuidadores. Por essa via, acredita-se que a observação direta é uma ótima estratégia para investigar o tema, pois, talvez possibilite saber se os próprios gêmeos “criam” as características esperadas e/ou identificadas pela literatura, refere-se aqui ao funcionamento, ao mesmo tempo, simbiótico e competitivo, ou se são inseridos pela sociedade que os percebem com uma unidade e os aprisionam dentro deste par.

Foram abordados, destarte, como mencionado anteriormente, dois pontos importantes decorrentes deste levantamento: o número baixo de pesquisas associadas à temática de

gêmeos com psicanálise; com prevalência de descrição de casos clínicos. Uma vez que o material científico oriundo da descrição de casos clínicos é fruto de pacientes que buscaram o tratamento, pois estavam em sofrimento, pode-se constatar que a percepção do ambiente acadêmico e científico tem quanto ao tema gemelaridade, é correspondente a *risco*, problemática e dificuldades - deixando assim uma lacuna da possibilidade de pensar esse processo apenas como diferente do habitual, e que carrega especificidades com algumas dificuldades, mas também com outros possíveis benefícios, como, por exemplo, a cumplicidade.

Por consequência, é necessário ter cautela na clínica de gêmeos, não pensar apenas em uma patologização, nem tão pouco em uma padronização ou negligência de tal variável, é necessário olhar este indivíduo múltiplo em sua singularidade. Apresenta-se no capítulo seguinte o método utilizado neste trabalho, o qual auxiliou nas cogitações concernentes às gêmeas estudadas e em suas especificidades.

4 MÉTODO

4.1 OBJETIVOS

4.1.1 Objetivo Geral

Investigar e debater como se configuram as especificidades da constituição psíquica de bebês gêmeos.

4.1.2 Objetivos Específicos

- 1) Explorar a interação entre os gêmeos;
- 2) Compreender os processos de diferenciação criados entre gêmeos univitelinos, tanto por eles mesmos como pelos que os cercam;
- 3) Investigar e debater a experiência emocional de ser mãe de gêmeos e sua disponibilidade psíquica para os mesmos.

4.2 FUNDAMENTAÇÃO METODOLÓGICA

Esta pesquisa adotou uma abordagem qualitativa:

A partir das atitudes existencialistas, clínica e psicanalítica, pilares do método, que propiciam respectivamente a acolhida das angústias e ansiedades do ser humano, a aproximação de quem dá a ajuda e a valorização dos aspectos emocionais psicodinâmicos mobilizados na relação com os sujeitos em estudo, este método científico de investigação, sendo uma particularização e um refinamento dos métodos qualitativos genéricos das ciências humanas, e pondo-se como recurso na área da psicologia da saúde, busca dar interpretações a sentidos e a significações trazidas por tais indivíduos sobre múltiplos fenômenos pertinentes ao campo do binômio saúde-doença, com o pesquisador utilizando um quadro eclético de referenciais teóricos para a discussão no espírito da interdisciplinaridade (TURATO, 2003, p. 242).

O tratamento dos dados, por sua vez, pautou-se no aporte teórico psicanalítico. Por se tratar de estudo qualitativo, o objetivo reside mais em se “aprofundar no mundo dos

significados” (MINAYO, 1993, p. 22) expressos a partir da coleta das informações do que com a possível generalização destas.

Neste trabalho tem-se por objetivo compreender e interpretar os sentidos e as significações da construção e do desenvolvimento psíquico emocional dos gêmeos, “através de técnicas de observação ampla e entrevistas em profundidade (instrumentos necessários e suficientes), em que são valorizados o contato pessoal e os elementos do *setting* natural do sujeito” (TURATO, 2003, p. 168). Vale destacar a escolha do campo de pesquisa, a saber, a residência dos sujeitos entrevistados, uma vez que:

[...] fique claro que o investigador qualitativista quando vai a campo estudar “as coisas”, não é a elas em si que ele vai se ater, pois o termo genérico “coisas” neste caso é um sinônimo metodológico de objeto de estudo, que, em se tratando de pesquisa qualitativa, são as pessoas ou as comunidades em sua fala e em seu comportamento (as coisas que acontecem...). *E mais: é sempre no setting natural que ocorre o estudo, e nunca em um ambiente reprodutor de situações* (laboratórios, gabinetes etc.) (TURATO, 2003, p. 191, grifo nosso).

As principais características do método qualitativo escolhido na presente dissertação são: interesse pelas significações dos fenômenos da saúde, não se ocupando da enunciação de fatos; ambiente natural do sujeito como campo de pesquisa, sendo representada pela abordagem naturalista; angústias e ansiedades existenciais necessariamente valorizadas, atitude existencial fundamental tanto no pesquisador como no pesquisado, e o pesquisador acolhe humanamente o sujeito; valorização de elementos psicanalíticos básicos, considerados como ferramentas na coleta e na discussão dos dados; o próprio pesquisador como instrumento; pesquisador como *bricoleur*; ascendência do processo sobre o produto; saberes teóricos e práticos como pontos de partida, raciocínio indutivo e dedutivo; rigor da validade dos dados coletados; concomitância entre apresentação dos resultados e interpretação; pressupostos revistos como conclusão em primazia sobre generalizações (TURATO, 2003).

Portanto, é possível entender a escolha do método que dirige esta pesquisa, sendo este sensível à inclusão de experiências advindas da dinâmica inconsciente dos indivíduos, tanto pesquisador como pesquisados, para a construção e aplicação dos instrumentos auxiliares, quanto para referencial teórico para discussão dos resultados. Sendo este método um facilitador, para acessar fenômenos tão complexos, como o aqui proposto da diferenciação dos gêmeos em seu processo de amadurecimento emocional.

Por fim, ainda sendo esta pesquisa qualitativa, a mesma possui caráter exploratório, uma vez que:

Pesquisa exploratória é quando a pesquisa se encontra na fase preliminar [...] é, facilitar a delimitação do tema da pesquisa; orientar a fixação dos objetivos e a formulação das hipóteses ou descobrir um novo tipo de enfoque para o assunto. Assume, em geral, as formas de pesquisas bibliográficas e estudos de caso (PRODANOV; FREITAS, 2013, p. 51-2).

4.3 DESENHO DO ESTUDO

A pesquisa possui caráter exploratório, na qual foram realizados encontros com a mãe e as bebês gêmeas em uma situação lúdica familiar proporcionada pela pesquisadora com a realização de entrevistas semiestruturadas, bem como a observação livre da rotina das mesmas. Esses encontros tiveram duração de 16 meses, foram realizados mensalmente, totalizando 15 encontros com a família.

As entrevistas bem como a observação do momento lúdico tiveram por finalidade investigar a compreensão dos pais a respeito da subjetivação, explorar as possíveis fantasias das diferenças entre suas filhas, os efeitos de se tornarem pais de bebês múltiplos, observar as dinâmicas e os movimentos expressados pelas crianças, entre outros, para, posteriormente pensar as possíveis especificidades neste processo de subjetivação. Fornecendo, portanto uma expressão comportamental das crianças e uma ilustração da expressão psíquica que será a seguir analisada. Sendo assim, será apresentada uma complementação da análise do material encontrado nas observações e entrevistas.

4.4 INSTRUMENTOS

O instrumento utilizado consiste em um roteiro especialmente elaborado para nortear a entrevista semiestruturada (Anexo A), unido de uma situação lúdica propiciada pela família e a pesquisadora, e observação como um todo desta atmosfera criada. Este roteiro possuiu a função de orientar a pesquisadora no decorrer dos encontros, para que aspectos de fundamental importância na coleta das informações não fossem relegados ao segundo plano, levando-se em consideração os objetivos do estudo e a perspectiva teórica adotada.

Para a existência de um roteiro, seguiu-se o entendimento de Bleger (2007, p. 9) que ensina que “a regra fundamental da entrevista [...] é procurar fazer com que o campo seja

configurado especialmente (e em seu maior grau) pelas variáveis que dependem do entrevistado”. Ou ainda que o pesquisador “não deve recorrer a nenhum procedimento que a dissimule ou reprima, como o apoio direto ou o conselho” (BLEGER, 2007, p. 26).

Por essa razão, cabe salientar que o campo da entrevista é fundamentado sobre inúmeras variáveis, dentre as quais, destacam-se:

- a) o entrevistador, incluindo sua atitude, sua disposição instrumental, contratransferência, identificação, etc;
- b) o entrevistado, incluindo-se aqui transferência, estruturas de comportamento, traços de caráter, ansiedades, defesas, etc;
- c) a relação interpessoal, na qual se inclui a interação entre os participantes, o processo de comunicação, o problema da ansiedade, etc (BLEGER, 2007, p.11-2).

Pelo exposto, é possível notar que - embora a entrevista seja também suscitada a partir de um roteiro - todos os fenômenos imediatamente acima elencados, demonstra a necessidade de que as informações coletadas sejam, posteriormente, analisadas de forma criteriosa, levando-se também em consideração a inter-relação (isto é, a mútua afetação) estabelecida entre o par entrevistador-entrevistado, o que também se aproxima daquilo que se pode definir como uma entrevista com o método psicanalítico.

Tendo ainda, como auxílio aos instrumentos acima apresentados – entrevista semiestruturada, unido de uma situação lúdica e observação da atmosfera – vale ressaltar que a pesquisadora possui formação no Método de Observação de Bebês de Esther Bick (BICK, 1964). Ferramenta elaborada como instrumento clínica, e não como aparelho de pesquisa, o qual possibilita desenvolver atitudes que são fundamentais na prática clínica, ou na pesquisa, tais como: receptividade, *holding*, continência, sensibilidade para comunicações infantis, entre outras, baseadas na função continente do observador, sem julgamentos morais e com capacidade de criar conjecturas imaginativas. Acredita-se que tal formação enriquece e promove um olhar mais minucioso em relação ao objeto de estudo.

4.5 PROCEDIMENTOS

A família foi contatada via telefone. Neste primeiro contato, realizou-se uma breve apresentação da pesquisa e se verificou o interesse do possível colaborador em participar da

mesma. Logo após a responsável pelas crianças demonstrar interesse foi marcado um encontro na casa dos entrevistados - respeitando o que lhes pareceu mais conveniente. De modo que os demais foram agendados com intervalos de aproximadamente um mês, totalizando 15 visitas, com duração em torno de uma hora cada, atendendo sempre a agenda e as possibilidades da família em receber a pesquisadora, algumas vezes foi necessário empreender um pouco mais de tempo ou realizar o encontro em endereços distintos da moradia familiar inicial.

No primeiro encontro foi apresentada a Carta de Informação e Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (Anexo B). Após, sanadas todas as dúvidas em relação ao desenvolvimento da pesquisa e a família consentir em colaborar iniciou-se o processo de entrevista e observação, sucedendo os 15 encontros nas seguintes datas:

- 1) 02 de março de 2017;
- 2) 30 de março de 2017;
- 3) 29 de abril de 2017;
- 4) 27 de maio de 2017;
- 5) 29 de junho de 2017;
- 6) 27 de julho de 2017;
- 7) 31 de agosto de 2017;
- 8) 13 de outubro de 2017;
- 9) 20 de novembro de 2017;
- 10) 02 de janeiro de 2018;
- 11) 02 de fevereiro de 2018;
- 12) 02 de março de 2018;
- 13) 02 de abril de 2018;
- 14) 15 de maio de 2018;
- 15) 23 de junho de 2018.

Vale salientar que as entrevistas foram gravadas com equipamento de áudio/imagem com o objetivo de que as informações coletadas fossem transcritas de forma fidedigna, para evitar perda ou distorção das mesmas, bem como para serem analisadas em microanálise, atenção aos detalhes.

4.6 PARTICIPANTES

Foi selecionada uma família que teve filhas gemelares idênticas, ou seja, univitelinos. Esta família chegou à pesquisa por meio de indicações de contatos pessoais da pesquisadora, pois outras formas de se obter uma amostra não tiveram o resultado esperado. O que permite conjecturar que para se aproximar de uma família neste momento tão único de vida é necessário um bom vínculo prévio de confiança.

A pesquisa foi iniciada com as bebês recém-nascidas, com menos de um mês de vida, e foram acompanhadas até completarem 16 meses. Os pais desfrutavam, inicialmente, de um relacionamento estável e foram selecionados independente de ser ou não a primeira gestação.

A amostra, portanto, foi composta de forma proposital, intencional ou deliberada, isto é, coube a pesquisadora “deliberar quem são os sujeitos que comporão seu estudo, segundo seus pressupostos de trabalho, ficando livre para escolher entre aqueles cujas características pessoais possam trazer informações substanciais sobre o assunto em pauta” (TURATO, 2003, p. 357).

Vale ressaltar, que para garantir o compromisso ético da pesquisa com os sujeitos e todas as seguranças necessárias, o trabalho aqui presente foi submetido à aceitação na Plataforma Brasil, sob o número de processo CAAE 61114916.9.0000.5561, cujo aceite é datado em 30 de novembro de 2016.

A seguir são apresentados: o caso, o contexto que essa família está inserida, bem como se descreve de forma cronológica as mudanças, desenvolvimentos e adaptações que foram ocorrendo na vida da tríade mãe-gêmeas. A descrição está separada por etapas sucessivas, seguindo o intervalo de três meses. Espera-se dessa forma introduzir as categorias que serão abordadas no próximo capítulo.

Para manter o sigilo da família foram utilizados nomes fictícios para as gêmeas univitelinas Nidia e Nara, e para todos os outros personagens que aparecem em torno delas, o grau de parentesco que possuem com as meninas.

Antes de narrar o processo acompanhado durante 16 meses expõe-se a constituição familiar (Figura 1): A Mãe é a segunda filha, de um segundo relacionamento que Avó teve. Avó teve seu primeiro filho, o mais velho, quando tinha 18 anos; após se separar do pai dele, teve um segundo relacionamento do qual nasceu a Mãe, após dois anos adveio à terceira filha.

Este relacionamento também não vingou. Na ocasião da pesquisa, a Avó morava com seus três filhos, e com seu trabalho de empregada doméstica era a principal provedora da casa, pois as duas meninas mais novas ainda não exerciam atividade remunerada e o rapaz, apesar de trabalhar, já tinha dois filhos e precisava pagar a pensão. Já o Pai das gêmeas é filho único de um relacionamento que ainda perdurava.

Figura 1: Genograma da família pesquisada

Fonte: elaborado pela pesquisadora com base nas informações disponibilizadas pela entrevistada.

4.6.1 Período pré-gestacional

Na primeira entrevista a mãe retoma a história da origem das meninas e relata os momentos que antecedem a gestação: Mãe engravidou aos 19 anos, primeira gestação. Estava em um relacionamento estável há dois anos e começou as tentativas de engravidar sem contar a ninguém, inclusive ao Pai, após ver uma prima grávida e ficar com o desejo de ter a mesma experiência. Ficou por alguns meses muito frustrada enquanto não havia conseguido engravidar, se sentindo atrasada e incapaz comparada às amigas e familiares da mesma idade.

Quando finalmente, conseguiu realizar seu desejo da gravidez, tamanha alegria veio acompanhada de preocupação: não sabia como sua mãe, Avó, iria reagir à notícia. Sabia, devido sua condição financeira, que a Avó ficaria brava por achar uma grande irresponsabilidade essa gravidez. Foi o que ocorreu, a Avó chegou a sugerir o aborto como

saída para a situação, mas a Mãe não aceitou a sugestão e se manteve firme na decisão de levar a gestação adiante.

Quando todos já estavam acostumados com a notícia da gravidez, veio à notícia da gemelaridade, que foi um choque ainda maior. O primeiro medo da mãe foi ligado às questões financeiras, seguido da logística e organização, perguntaram-se como fariam para conseguir criar dois bebês ao mesmo tempo.

O único que não se espantou com a notícia da gestação dupla foi o Pai, nos seus 19 anos, que ficou feliz com a notícia, achando ainda mais legal por serem duas. Quis se casar com a Mãe, para ajudar na criação de Nidia e Nara. A família do Pai também aceitou e ficou feliz com a notícia. Logo no início da gestação, iniciaram uma reforma em uma casa com dois cômodos, situada no mesmo quintal da casa da Avó, para morarem juntos, e assim consolidar o casamento. Apesar do término da obra, tal mudança nunca ocorreu.

Mesmo tendo uma gestação gemelar monocoriônica diaminiótica (uma placenta e duas bolsas) sem intercorrências de saúde, a Mãe não teve tanta sorte na hora do parto. Eles vivem em uma cidade da região metropolitana de São Paulo, com pouca infraestrutura e respaldo público. Quando a Mãe completou oito meses de gestação, uma médica afirmou que já estava na hora do nascimento, mas o médico responsável pelo parto declarou o contrário recomendando que ela voltasse para casa, deixando-a confusa e insegura quanto ao que seria o melhor para suas filhas.

Ao chegar em casa a Mãe encontrou seu Tio-avô, que é enfermeiro, que a recomendou que voltasse imediatamente para o hospital. Seguindo suas instruções ela foi para outro hospital, no qual havia feito o acompanhamento do período pré-natal, e lá, rapidamente a conduziram para a cirurgia. Assim, após uma cesariana, as duas meninas nasceram com saúde (APGAR⁸ 9/10 igual para as duas) e um bom peso considerando a gestação gemelar (Nara com 2,545Kg e Nidia com 2,910kg).

⁸ APGAR é um teste que consiste na avaliação por um pediatra de cinco sinais objetivos do recém-nascido. O teste é aplicado duas vezes, no primeiro minuto e no quinto minuto após o nascimento, avalia a frequência cardíaca, respiração, tônus muscular, irritabilidade reflexa e cor da pele. Variando a somatória da pontuação de 0 a 10, sendo abaixo de 7 considerado risco (SADLER, 2005).

4.6.2 Primeiro trimestre

No primeiro encontro com a família, quando as meninas tinham três semanas pós-nascimento, a mãe conta que no parto buscaram artifícios para identificá-las. As duas meninas, que são parecidas, e lembram a Mãe, são fortes, cabeludas, possuem traços delicados no rosto e olhos escuros. Para diferenciá-las na maternidade a Mãe conferia quem era a maior, a saber: Nidia, a segunda a nascer. Depois, para facilitar na diferenciação, descobriu um rodaminho na cabeça de Nara e aos dois meses, colocou brincos com cores diferentes nas bebês.

No primeiro trimestre de vida das meninas elas vão descobrindo o mundo por meio da apresentação oferecida pela família. Logo no primeiro encontro, a Mãe ressalta sua curiosidade e interesse pelas diferenças entre elas, afirmando que “Nara é mais estressada, brava e grita, e Nidia, por sua vez, é mais calma e dorme uma hora a mais”. Há uma expectativa de comparação entre elas, quem fará o que primeiro. Pergunta-se se elas serão unidas. E frases de ataque ao Pai começam a surgir.

A instalação de uma rotina é difícil; a mãe tem dificuldade e por ora tenta seguir os ritmos e desejos das meninas. As principais atividades neste momento concernem aos cuidados físicos. Ainda mais que ambas as gêmeas apresentaram assaduras desde o primeiro mês de vida e diversas hipóteses foram levantadas para descobrir a causa, dentre elas alergia à marca de uma fralda específica, ou à lenços umedecidos, leite não materno, etc. Vale ressaltar que esses discursos surgiam de forma espontânea pela mãe, fazendo pensar o que povoava sua *psique* naquele momento.

Quanto ao processo de amamentação, observou-se que o seio da Mãe demorou para “fazer bico” e ela sofreu muito no começo, mas não desistiu até ter êxito. Porém, entre o segundo e o terceiro mês, com a introdução paralela da mamadeira para complementar a refeição, as meninas foram “largando o seio”, conforme relato da mãe, de forma espontânea.

O papel da Avó neste cenário já ganha importância desde muito cedo. Ela está sempre presente, auxiliando e orientando nos cuidados. Esta presença se intensifica no terceiro mês, quando a Avó perde seu emprego e com sua maior proximidade com as meninas, a Mãe começa a diminuir o espaço para o Pai.

Quanto à comunicação estabelecida com as bebês, a Mãe faz uso de uma prosódia materna, o *manhês*, sempre as chamando de princesa ou de filha, também fala por elas. Avó também faz uso do *manhês* e as chamam pelo nome.

Outro ponto de importância neste primeiro trimestre é o quanto as meninas apresentam dificuldades de bem-estar como, por exemplo, gripes fortes, assaduras sem descobrimento de sua origem, reações às vacinas ou frequente regurgitação, e mesmo assim, de acordo com a pediatra, continuam com o crescimento esperado para sua faixa etária de forma sadia.

O sono das meninas é considerado regulado ao final do terceiro mês. A Mãe afirma que elas dormem a noite toda, acordando apenas uma vez para mamar e durante o dia, dormem apenas cochilos de 40 minutos aproximadamente. Destaca-se a dinâmica escolhida para dormir: elas usaram muito pouco o berço, no primeiro mês dormiam entre os pais na cama de casal, e quando completam três meses, após o Pai voltar para a casa de seus próprios pais (deixando a casa que construiu junto com Mãe, devido às brigas entre o casal e dificuldades financeiras), cada uma das meninas passa a dormir em uma cama diferente, aleatoriamente, uma junto com Mãe e outra junto com Avó.

Chama a atenção como neste início a pesquisadora é solicitada sempre que presente, a ajudar com os cuidados com as gêmeas. Sem hesitar a Mãe usa o colo da pesquisadora para segurar uma das meninas quando precisa cuidar da outra. Vê-se também que a Mãe nunca fica sozinha com as filhas, está sempre acompanhada ou da Avó, ou da Tia, ou de uma Prima, reafirmando a necessidade de precisar de mais do que dois braços para amparar as recém-nascidas. Assim, a Mãe se queixa da dificuldade de cuidar das duas ao mesmo tempo, acha muito corrido e chegou a emagrecer cinco quilos. Tem se sentido triste, desanimada e sozinha. Apesar da constante presença de algum outro cuidador como, por exemplo, Tia, ou Avó, ela se sente só e não consegue confiar as tarefas de cuidados das meninas para outras pessoas, apenas para a Avó.

Desde o início a Mãe já identifica movimentos de interação de Nara com o meio, retomando a crença de que ela é “brava” (sic). Contudo, ainda não se faz perceptível para a pesquisadora diferença entre as meninas, percebem-se que os movimentos delas são muito parecidos, as duas reclamam quando estão desconfortáveis e se acalmam quando são consoladas. É muito difícil conseguir identificar quem é quem, sendo necessário perguntar mais de uma vez e decorar a roupa que estão usando, mas mesmo assim, durante os relatos da Mãe, algumas vezes houve dificuldade na tentativa de imaginar a quem ela está se referindo. Enquanto que para a Mãe parece não haver mais confusão.

As dinâmicas nestes primeiros encontros variam entre calma, quando as bebês estão dormindo, e muito agito, com mamadas, choros, troca de fraldas, regurgitações fortes, o que gera confusão em relação ao que aconteceu com cada neném, pensando em como a mãe deve se sentir nessa rotina todos os dias. Percebe-se que os cuidados corporais ainda estão muito presentes, sobrando pouco tempo para trocas mais espontâneas, tranquilas e tempo livre com as mesmas.

Quanto ao desenvolvimento cognitivo/motor, com dois meses e duas semanas elas começam a balbuciar, e estão se percebendo/olhando; uma bebê já observa a outra quando chora, por exemplo. Estão mais atentas ao ambiente externo, seguindo com os olhos, já descobriram a própria mão. Começam a fazer força para levantar. Gostam do banho. Nidia sorriu e rolou na cama uma vez, primeiro que Nara. Mas foi Nara quem falou primeiro. E, a Mãe imagina que elas já reconhecem as pessoas. Colocaram o brinco, a Nara ficou com o vermelho e a Nídia com o verde, isso ajuda a todos que estão em volta a identificar quem é quem.

Com três meses, trocaram o leite instantâneo, específico para recém-nascidos, para leite longa vida e as gêmeas tiveram uma reação alérgica forte, chegando a apresentar sangue nas fezes. Neste mesmo período, as meninas aprenderam a se virar para trás e para o lado.

4.6.3 Segundo trimestre

Ao completarem quatro meses, brincam no tapetinho de bebê tentando pegar os brinquedos. Neste período a Mãe, se sentindo mais acolhida pela presença da Avó, retoma suas vendas *on-line*, de roupas que não cabem mais nas meninas, e de cosméticos oferecidos em catálogos. Retoma também, uma leveza que possuía no primeiro encontro, nos cuidados das filhas, chegando a brincar com a Avó em competição de quem já fez o que primeiro com a neném que está cuidando. Percebe-se que essa ajuda a tem permitido vivenciar a experiência da maternidade com mais tranquilidade e proximidade, sem precisar “apagar incêndios o tempo todo”, ou seja, sem ter que apenas se concentrar nas tarefas de cuidados físicos como, por exemplo, dar banho, ou comida, consegue se conectar com as meninas e ter momentos prazerosos de troca, inclusive já brinca com as meninas nessas horas, sem precisar fazê-las com pressa, pois a outra bebê não está sozinha chorando.

A Mãe relata que próximo do quarto mês as bebês, “não choram mais o dia todo” (sic), já identificam as pessoas. Percebe-se que ninguém na família, exceto a Avó, chama as meninas pelo nome, apenas as chamam pelos mesmos apelidos carinhosos, sem diferenciá-las. A mãe acha que as pessoas evitam chamá-las pelos nomes por medo de errar.

Neste período, ficaram com uma gripe forte, com isso Nidia engasgava durante a noite e vomitava. Neste período estabeleceu-se que Nidia dormiria com Avó, que tem o sono mais leve para socorrê-la durante essas situações; essa forma de dormir – Nara com Mãe e Nidia com Avó – se estendeu até completarem um ano de idade.

Quando completaram cinco meses, Nidia deu um susto, travou o pescoço de um jeito que ninguém, inclusive o médico não entendeu se foi câimbra ou outra coisa, chegaram a pensar que era convulsão. Apesar disso, seguiram com o desenvolvimento muito parecido, quando uma aprende algo, a outra aprende no mesmo dia ou no próximo. Neste período estavam com a gengiva coçando (por conta da dentição), jogavam as coisas no chão, pegavam uma na mão da outra. E pelo discurso da Mãe, Nara tendia a descobrir novas coisas antes de Nidia, que a acompanhava em seguida.

Nota-se que a rotina de cuidados está dividida entre Mãe e Avó, e cada uma está mais responsável por uma das bebês. E nesta divisão de rotina Mãe e Avó se complementam e se contradizem quando relatam os ocorridos, ora uma corrige a outra dizendo que foi a outra neném.

Aproximando-se do sexto mês, a pesquisadora participou de um encontro na casa da família do Pai, pela primeira vez, pois, os quatro: Mãe, Pai e meninas estavam passando uma semana lá. A dinâmica do encontro foi diferente, parece que a presença do pai acalma a Mãe. As meninas também estavam mais calmas e risonhas.

Neste mês a Mãe conta que já é perigoso deixá-las na cama, pois giram sozinhas e podem cair. Que estão “brincando juntas” (sic). Melhoraram das gripes e das assaduras. Estão mais sorridentes e interagem com a pesquisadora, brincando de pegar-lhe o dedo, a procuram com o olhar e sorriem em resposta a um sorriso. Estão emitindo mais sons. Percebe-se que estão direcionando o corpo em direção a algo que veem e querem pegar como, por exemplo, uma no colo do pai vê uma mamadeira no móvel ao lado e se joga em direção a mesma, e o pai, ao perceber sua ação, ajuda-a pegando-lhe a mamadeira.

4.6.4. Terceiro Trimestre

Ao completarem seis meses, evidencia-se que ambas já sentam sem apoio, comem comidas e frutas, ainda mamam. Nara está mais próxima da Mãe, solicitando-a sempre. Já, o Pai relata que acha Nidia mais próxima a ele. Nas brincadeiras, pegam tudo que estiver ao seu alcance e colocam na boca ou mesmo os próprios dedos.

Neste mês quem tomou a frente foi Nidia, ficou em pé primeiro, dando pequenos passos com apoio, rolou a cama inteira e começou a nascer seus dentes, invertendo o que vinha ocorrendo até então, de ser Nara a pioneira. Nara está pesando quatrocentos gramas a mais que sua irmã e sempre dorme menos, precisa que a ninem para pegar no sono e fica mexendo em seu próprio cabelo até dormir. Nidia, por sua vez, dorme sozinha e o ritual para dormir é diferente da irmã; ela mexe no seu próprio brinco e fica olhando para as pessoas. A Mãe também diferencia que Nara é mais carinhosa e Nidia mais “glutona” (sic). A Mãe fala que a imunidade de Nidia é mais baixa, ela fica doente com maior frequência e, mesmo quando as duas adoecem ao mesmo tempo, ela fica pior. Começaram a reclamar quando estão no colo de pessoas “estranhas”, que não vêm todo dia.

Já com oito meses, Nidia está com cinco dentes e teve dor de ouvido. As duas começaram a engatinhar, a ficar de pé com apoio, pesam 10 quilos, tomam a mamadeira sozinhas, deitadas e a segurando, a Mãe não diferencia quem fez o que primeiro neste caso. A Mãe começou a trabalhar e a Avó disse que nos primeiros dias elas estranharam, ficando mais choronas.

Com uma movimentação ativa, por conta das meninas engatinharem, a dinâmica começou a ficar mais agitada, pois elas vão o tempo todo para partes que precisam de atenção ou tomam o que está na mão da outra, gerando choros. Nesta fase elas já se olham muito e começam a querer o que a outra tem imediatamente. Também, começaram a experimentar dar gritos mais altos e fortes, já falam diversas sílabas, entre elas “mama” e “papa”, sendo estes entendidos pelos familiares como mamãe e papai.

A tentativa anterior de separar as chupetas por paninhos de cor diferente já acabou, pois um deles rasgou e passaram a amarrar fraldas de panos, que acabam sendo iguais para as duas, não tendo assim um objeto único para cada uma.

4.6.5 Quarto trimestre

Aos nove meses, ambas estão mais ativas, explorando o ambiente com um engatinhar firme e direcionado. Nidia fica de pé com apoio e com facilidade, Nara nem sempre consegue. A Mãe atribui essa dificuldade a uma perna um pouco torta que ela tem (algo muito sutil que não chega a ser um problema ortopédico). Nara teve um tombo maior da cama e chegou a machucar o rosto.

Continuam dormindo: Nara com Mãe, Nidia com Avó e o Pai na casa de seus pais. Fazem “manha” (sic), choro sem lágrimas e aprenderam a se beijar. Percebe-se o quanto uma já identifica a brincadeira da outra e a repete. A Mãe conta que elas fazem isso também com tosse, se uma tosse de verdade a outra, ao ouvir, para, olha e tosse de mentira. Na exploração do ambiente e dos brinquedos isso é muito claro, chegando a tomarem o brinquedo que está na mão da outra ou a chupeta que está na boca da irmã. Com as bonecas, parece que elas já imitam os comportamentos que a Mãe tem com elas, dando tapinhas no bumbum das mesmas.

Perto de completarem 11 meses, as duas já dão um ou dois passos e caem sentadas. Nidia consegue dar quatro passos sem cair. Começaram a se morder, a escovar os dentes, a comer alimentos em pedaços e Nidia come muito papel. A Mãe diz que agora a “glutona” (sic) é a Nara, que bate em Nidia e ela não se importa. O sono continua regulado e elas começaram a dormir juntas, com as cabeças encostadas uma na outra. Fica claro agora o brincar delas, muito ligado uma à outra, quase não ficam separadas, onde uma vai a outra vai atrás, sendo cada hora uma que inicia uma atividade diferente como, por exemplo, entrar de baixo da cama ou apoiar-se a parede para olhar para fora da janela.

Dois fatores importantes que ocorreram neste mês foram: o término da relação dos pais das meninas - eles estavam brigando bastante e ela acredita que separados será mais fácil; e Mãe após dois meses de trabalho, perdeu seu emprego, alegando que por mais que volte a se preocupar financeiramente, está feliz, pois antes ficava com muita saudade das meninas.

Próximas de completar um ano elas mandam beijo de volta, caíram muito da cama, mas agora as duas já aprenderam a andar e o fazem com certa firmeza e estabilidade. Isto muda a dinâmica das visitas, pois elas mudam de ambiente indo da sala para a cozinha e para o quarto, razão pela qual ora se espera pelo retorno voltarem, ora é necessário ir atrás delas. Já iniciam brincadeiras como, por exemplo, bater palmas, esperando a Mãe cantar, falam diversas sílabas constantemente, inclusive se chamam de “imã”, que a Mãe identifica ser

“irmã”. A Mãe relatou que neste mês foi a primeira vez que as filhas passaram uma noite fora de casa, dormiram na casa do Pai, e sentiram muito a falta da Mãe reclamando muito para dormir.

Percebe-se uma diferença em relação à compreensão do “não”, Nidia sempre que a corrigem, interrompe imediatamente a ação, Nara, por sua vez, olha para quem a reprime, mas continua repetindo a tarefa.

Houve um incidente neste mês, o Tio-avô da Mãe das meninas, o mesmo que a orientou na ocasião do parto, tirou a própria vida. A Mãe relata que as meninas perceberam a tristeza da família e ficaram alguns dias “mais quietas” (sic). Mesmo no momento em que a família relata o ocorrido, as gêmeas param de correr e parecem escutar a história atentas.

As duas estão pesando mais de 12 quilos e Nidia está medindo 77 cm e Nara 76,5 cm.

4.6.6 Quinto trimestre

Ao completarem um ano, já diminuíram as mamadeiras para apenas duas a três por dia, pois fazem refeições como almoço e jantar. Escolheram um lugar para defecar quando ficam com vontade (mesmo que ainda usem fralda, o fazem sempre em um canto específico da residência) e continuam explorando a casa e todos os objetos que encontram no caminho.

Percebe-se que a Mãe fala diversas vezes que Nidia “é mais danada” (sic) e, na verdade, ela é mais ativa, exploradora, com diversas iniciativas e curiosidades, enquanto Nara é mais observadora e sempre interrompe sua atividade para prestar atenção em quem está por perto, sejam adultos ou sua irmã. Mas, também, a Mãe fala que mesmo a Nidia sendo “mais danada”, é a Nara que é a mais bruta, pois bate mais na irmã, a morde e tem menos paciência” (sic).

A interação entre as duas também é clara; trocam objetos e se unem o tempo todo perto de algo novo que encontram. Quando deitam, se abraçam, mesmo que logo comecem a se empurrar, uma segue a outra pela casa para ver onde ela vai e percebem imediatamente quando a irmã ganha colo, e neste momento demanda o mesmo a qualquer outro adulto que encontrem por perto.

Um ponto de interesse são as atividades que realizam de forma muito parecida e que o fazem mesmo sem perceber, não chegando a ser uma imitação proposital, como, por exemplo,

a forma que seguram a mamadeira quando deitadas cruzando as pernas da mesma maneira, ou como param de tomá-la sobrando exatamente a mesma quantidade em cada mamadeira. Ou ainda, como a voz delas é tão igual que é quase impossível, até mesmo para a Mãe, saber quem está falando ou chorando no outro cômodo, de modo que é preciso ir verificar.

4.6.7 Sexto trimestre

Quando as meninas completaram um ano e três meses já conseguiam sustentar uma brincadeira por um longo tempo.

Nesta fase algumas coisas mudaram na hora de dormir, elas sempre dormem juntas e não mais com Mãe ou Avó como antes, já tomam a mamadeira sozinhas, ou não possuem mais objetos particulares, como era com a chupeta no primeiro trimestre. Mas outras coisas ainda não se alteraram, como, por exemplo, as assaduras, que mesmo tendo diminuído não acabaram e a mãe não descobriu a causa da alergia e para resolver isso pagará um alergista particular. Alimentam-se sempre ao mesmo tempo, com a mãe alimentando uma e a avó outra.

Com o crescimento é possível perceber algumas diferenças, Nidia, apesar de ser mais curiosa e exploradora, inicia a maioria das suas atividades sozinha, enquanto Nara o faz em menor medida e na maior parte das vezes estão relacionadas a algum adulto. Essa disposição para o outro também pode ser vista entre elas, pois Nara imita com mais frequência as atividades de Nidia, do que o inverso.

Por fim, vale ressaltar alguns pontos desta trajetória: durante todo esse percurso a Mãe sempre foi muito carinhosa com suas filhas, as beijando, dando colo, elogiando e sempre as olhou com ternura. Mesmo nos encontros em que a dinâmica era bem mais agitada, algumas vezes ela se exaltava, aumentando a voz e dando bronca nelas, mas logo retomava com a voz mais calma e brincalhona.

Por diversas vezes a Mãe demonstrou seu desejo em manter os encontros, questionando quando se demorava a fazer contato para confirmar a próxima visita, ou quando lamentou profundamente o término no último encontro. E, por fim, cumpre destacar o quanto parece que esta mãe precisa de um espaço de escuta, pois o que seria uma entrevista semiestruturada, e observação livre, logo perdeu espaço para um discurso contínuo da mesma,

deixando poucas oportunidades para o silêncio. Parecia que a visita era esperada com ansiedade e nela, quando a Mãe fazia seu relatório espontâneo dos avanços do último mês, conseguia se reafirmar na certeza de que estava conseguindo cuidar das meninas e exercer uma boa função materna.

4.7 PREPARAÇÃO DOS DADOS PARA ANÁLISE

A análise das informações coletadas nas entrevistas foi realizada a partir da técnica da análise de conteúdo, sendo esta “uma técnica para selecionar e reorganizar o material transcrito segundo temas. Os temas foram identificados a partir de várias leituras minuciosas de todos os transcritos” (TURATO, 2003, p. 432), sendo este um processo que abarca duas etapas, a saber: inicialmente o conteúdo oriundo das entrevistas foi transcrito e tabelado com o objetivo de organizar as informações coletadas. As perguntas gatilhos pertencentes ao Roteiro de Entrevista (Anexo A) foram consideradas categorias temáticas, a partir das quais os dados se organizaram. Dentre estas categorias, foi possível a elaboração de subtemas de acordo com a singularidade e desdobramentos de cada processo de entrevista. Posteriormente, levou-se em consideração a configuração do campo da entrevista construído a partir da mútua afetação entre pesquisador e entrevistado, absorvendo o material provindo das observações e do momento lúdico com as crianças gêmeas. Salienta-se que esta mútua afetação foi embasada em um pressuposto do método psicanalítico: a dinâmica transferencial.

Sendo assim, entendeu-se que as categorias apresentadas seguiram diversos critérios possíveis, dentro de dois eixos principais:

[...] critério de **repetição** [...] constitui-se na atividade de distinguir, no caso pondo em destaque as colocações reincidentes, considerando todas as emergências no discurso da pessoa [e o] da **relevância**, trata-se de considerar em destaque um ponto falado sem que necessariamente apresente certa repetição [...] mas, constitui-se de uma fala rica em conteúdo a confirmar ou refutar hipóteses iniciais da investigação (TURATO, 2003, p. 446, grifos do autor).

De modo que as categorias constituídas foram: A força do legado; Aspectos do Ambiente; Mundo Psíquico em Desenvolvimento.

Por fim, destaca-se ainda que, na ocasião da divulgação dos resultados obtidos, os dados de identificação dos participantes serão totalmente preservados e, caso haja interesse, ele poderá ter acesso aos resultados a partir do livre acesso ao veículo de divulgação.

5 DESCRIÇÃO E ANÁLISE DO CASO

Neste capítulo busca-se apresentar como se constitui cada um dos psiquismos das bebês gêmeas, ilustrando com diálogos estabelecidos em cada observação, bem como com as cenas recortadas de livres interações entre elas e com o ambiente. Como assinalado na Introdução, a constituição psíquica de um sujeito é estabelecida na tríade biopsicossocial, tríade esta que irá gerar uma influência específica dentro da constituição de gêmeos; suas especificidades serão apresentadas a seguir dentro de três categorias: a força do legado; aspectos do ambiente; mundo psíquico em desenvolvimento.

5.1 A FORÇA DO LEGADO

5.1.1 Desejo da Gravidez

Quando se pensa o lugar que um sujeito ocupa no mundo, começa-se a investigação pelo o que ocorreu anteriormente à sua chegada, para assim identificar como estava o imaginário da mãe quanto ao desejo da gravidez.

Mãe: *Quando eu descobri que estava grávida eu fiquei com medo, mas ao mesmo tempo fiquei feliz, porque no fundinho, no fundinho eu sempre quis ser mãe, meio louco por causa da minha idade, mas eu sempre quis ser mãe, e eu não nego que tentei muitas vezes sem minha mãe saber, eu tentava porque achava que era tudo flores né? Eu tentei algumas vezes, e teve até um dia que cheguei na minha mãe e disse, “mãe acho que eu tenho alguma coisa”. Tentei antes um ano com outro e depois com o Pai também, mas sem ele saber, ele não pode saber disso, até que cheguei na minha mãe e falei “mãe eu acho que tenho alguma coisa e vou precisar me tratar por que não vou conseguir ter filho” e minha mãe falou “porquê? você está tentando?” e eu falei “nãaaoo.. (risos) mas é porque tem alguma coisa de errado” e a mãe respondeu “T. é a hora que Deus quer”. Aí depois passou, atrasou para mim, tudo, não fiquei na neurose por que sou muito ansiosa, tudo dá errado, né! Aí minha prima ficou grávida e eu chorei muito, porque eu falei... por que eu sou meia dura né. Aí ela falou “porque você esta chorando?” Eu falei por felicidade, mas no fundo não era, era tristeza porque ela tinha conseguido e eu não, aí ela falou “t. tá normal para você a menstruação?” eu falei “tá, tá atrasado, mas sempre atrasa” aí ela falou pra eu fazer um teste que achava que eu tava grávida e, eu disse que não tava nada. Aí passou um tempo, fiquei com aquilo na cabeça, mesmo porque a pessoa sempre quis né?, aí eu fui e fiz, menina do céu, quase morri do coração, falei não acredito que tô grávida, que não sei o quê, fiquei bem feliz, mas depois veio a queda, pensei como vou contar isso para minha mãe, porque sei como é as coisas aqui em casa, tudo é minha mãe, aí já pensei agora vou ter que casar, que era tudo que eu não queria, mas contei pra minha mãe...*

Percebe-se no trecho acima, como a Mãe decidiu engravidar sozinha – entende-se esse *sozinha*: como não se importando quem seria o pai – era seu sonho, o primordial era conseguir esse *status* que lhe parecia tão respeitável. Fica evidente, em seu discurso, a importância da sua própria mãe em sua vida, pois o tempo todo faz referência à mesma e suas preocupações são sempre relacionadas ao julgamento que a mãe lhe fará, sugerindo assim que ela engravida para dar seu filho a sua própria mãe, ou ainda, que ela está presa em um mandato transgeracional e repete a história de mãe: engravida ao final da adolescência de um rapaz que tinha um relacionamento a pouco tempo, que, por fim não consegue estabelecer um relacionamento duradouro tendo a gravidez como um registro para a entrada na vida adulta.

Abre-se espaço para pensar como as bebês, nascidas nesta atmosfera, recebem um legado de agradar a própria avó em nome da mãe, e mais ainda, um influência maciça de repetição sem elaboração, que pode prejudicar a capacidade de autonomia e criatividade proposta por Winnicott (1966/2000), apresentadas anteriormente. Tal influência quanto ao imaginário da mãe referente à gestação pode ser pensado no que concerne à descoberta da gemelaridade.

5.1.2 Descoberta da Gemelaridade

Mãe: *fui fazer o ultrassom, e mesmo minha mãe brava comigo, ela ficou um mês, acho que estranha, brava comigo, aí vi que era gêmeos, aí minha filha lascou, falei onde vou morar? Vai me mandar para fora! No começo foi bem difícil, mas depois eu fui... eu aceitando, pra minha mãe foi mais difícil, porque minha mãe que sustenta, e tudo, e se uma criança já dá um gasto imagina duas né? Mas, depois foi passando e eu fui aceitando aos poucos...*

Como apontado por Dorothy Burlingham (1945) a descoberta de gemelaridade é sempre um susto muito grande à família. Quando a Mãe conta do momento que descobriu a gestação, afirma que ficou muito contente, mas quando soube que seriam duas, imediatamente, pensou em sua mãe, na avó. Pode-se conjecturar que houve espaço para ela pensar em apenas uma bebê, e a partir daí, pensar em duas, foi difícil e assustador, principalmente neste momento relacionado às questões financeiras. O susto inicial da gemelaridade é ligada, não somente, às preocupações financeiras, mas principalmente à logística e à dificuldade que é criar dois bebês ao mesmo tempo. É possível supor que para a mãe essa questão não foi levantada nesta etapa devido a sua romantização e idealização da maternidade, e ainda, sua imaturidade para compreender todo o trabalho que estaria envolvido a partir deste momento.

5.1.3 Escolha dos Nomes

Sabe-se que neste processo gestacional, a escolha do nome é um retrato das expectativas e projeções que a família tem a respeito do filho que virá. Vê-se como é este processo quando se faz necessário escolher dois, ao invés de apenas um nome.

Mãe: *o nome eu sempre gostei de Nara, era princesa Nara, aí falei se um dia em engravidar vou colocar Nara, aí eram duas meninas, quando descobri eu “Mãe, primeira é a Nara, a outra eu já não sei o nome”.*

Pesquisadora: *Primeiro, você diz, na hora de nascer?*

Mãe: *É, a primeira que sair é a Nara, e a outra a Nidia. Na ultrassom o médico perguntou pra mim quem era quem, e eu disse: “a que estiver beirando aí a saída é a Nara, e a outra a Nidia”. Tanto que a Nara já estava na posição e a Nidia não, ela estava atravessadinha.*

Pesquisadora: *E como você escolheu o nome Nidia?*

Mãe: *O Nidia foi por acaso, por o Pai queria fazer dupla sertaneja, e eu falei, não me venha com esses nomes combinando, eu não queria, tipo Mara e Maraísa, e nem com as primeiras letras iguais, eu não queria, igual Nara e Nidia, e nem nome composto que eu não gosto. Aí eu falei “Mãe e agora? Eu escolhi Nara mais não tenho outro”. Aí ele [se referindo ao Pai] falou Bruna, e fiquei com Bruna na cabeça, ah, até que gostei, Nara e Bruna, eu tinha deixado ele escolher um e eu outro, aí depois ele ficou pensando bem e eu falei “você tem certeza que é Bruna?”, aí ele já tinha desistido de Bruna, e falou que ia pensar em outro, até nascer ainda tinha tempo... Mas queria já escolher por chá de bebê já colocar o nominho né?! Aí teve um dia que foi passando assim e minha mãe falou “ai filha, Nidia é bonito né?” e ele tava do lado, e falou “nossa Nidia é mesmo né? Bem delicado, bem menininha” aí eu gostei do Nidia. E perguntei se era isso mesmo. Mas eu não queria com a mesma letra, e minha mãe falou “mas filha, Nidia é bonito”, aí eu falei pode ser e me acostumei com Nidia, que hoje acho lindo, fica nome de princesa, Nara já é nome de princesa, aí ficam duas princesas. Mas foi complicado.*

Destaca-se a tentativa inicial da mãe de diferenciar as filhas, a primeira já tem nome de princesa e a segunda tem que ter nome diferente, sem combinar ou sem começar com a mesma letra. Esse movimento vai, inicialmente, na contramão das grávidas de gêmeos, como visto no material anterior, que tentam agrupar os filhos, tornando-os um só, com seus nomes que se complementam, para evitar a exclusão de um deles. Pode-se afirmar que neste momento a mãe quer criar uma identidade diferente para cada uma, e até mesmo uma relação diferente com cada uma de suas filhas, porém tal iniciativa não se sustenta.

Ao longo das observações diversas diferenças foram marcadas nos desenvolvimentos das meninas. Desde o início parece que Nara encontrou uma mãe mais disponível psiquicamente, pois lhe escolheu o nome. Enquanto a segunda, levaria um nome que ela não conseguia decidir por si só e precisou da ajuda de sua mãe, que acabou sugerindo o nome

Nidia. É possível pensar como até em seu imaginário e seu mundo interno ainda não havia espaço para duas filhas, apenas para uma, ou para a primeira, *“Mãe, a primeira é a Nara, a outra eu já não sei o nome”*.

Cogita-se aqui que a segunda a nascer, ganhou o nome escolhido pela avó e acabou “se tornando a filha da avó”. Há desde o início um investimento libidinal maior na que seria a “primeira filha”, aquela que já foi sonhada e idealizada há muito tempo; a segunda vem com o caráter de susto, não planejada e intrusa. Fica a mercê de um nome que inicialmente a mãe não queria (com letra inicial igual ao da primeira filha), mas que ela não consegue reunir energia para se envolver na escolha de um nome diferente, acabando por aceitar a primeira sugestão que a Avó dá, sem se apropriar ou tomar voz nessa escolha.

A escolha de “nome de princesa” ilustra suas primeiras projeções nas crianças, o desejo de delicadeza, cordialidade e até mesmo a beleza e a riqueza envolvidas nesta imagem. Cedendo para o movimento de agrupar as filhas, ao não conseguir criar duas imagens separadas dentro de si, cria apenas uma: *“aí ficam duas princesas”* (sic).

5.1.4 Relação Mãe-Pai-Avó

Destaca-se o movimento inicial da mãe de integrar o Pai na escolha dos nomes, deixando para ele a escolha de um nome, mas em pouco tempo, ela o deslegitima concedendo autoridade à Avó, para que esta diga o nome ideal. Mais uma vez fica claro seu movimento de se afastar do Pai das meninas, pois ainda está muito ligada a Avó, não havendo espaço para entrar um terceiro. Nesta entrada da função parental, as figuras masculinas são vistas como frágeis, sendo a figura forte a materna, não há espaço para o masculino. Aqui este terceiro é representado pela figura masculina, que é constantemente desvalorizada e degradada. Para ilustrar têm-se as falas da Mãe se referindo ao Pai das meninas, que se repetiram ao longo dos encontros.

Mãe: Quem é parceira mesmo é minha mãe, ela ajuda, o pai só serve para pagar.

Mãe: Eu não confio em ninguém mais para cuidar delas, só eu posso trocar a fralda ou dar banho, a única que confio me ajudar é minha mãe, né?!

Mãe: Está muito difícil mandar meu namorado embora, eu na verdade não queria mais ele aqui, mas minha mãe fala “Filha, segura um pouco, criar as crianças perto do pai é importante”. Aí eu deixo né?! Mas sei lá.

Mãe: Eu fui espremer um furúnculo que estava na barriga dele e passou para meu dedo? Pode isso? Nasceu no meu dedão! Ele é tão negativo, que até isso ele passou para mim, ele só serve para atrapalhar, ninguém está sentindo a falta dele, só minha mãe que insiste que ele deve ser presente.

Mãe: Eu vejo meu pai no X (nome do namorado), porque os dois são muito tranquilos, preguiçosos e não vão atrás das coisas para acontecer [...] falo para minha mãe que amo tanto ela, que fiquei igual a ela e arrumei um homem igual também. Eu amadureci muito depois que fui mãe, e ele (Pai) não, e isso cansa.

Mãe conta que pai começou a usar óculos e ficou a cara do avô materno, ou seja, igual ao pai da mãe. De início ela falou “credo está igual” (sic), mas depois se sentiu atraído porque ele está bonito.

Ou ainda, é possível se aproximar de outras mulheres, mas não se elas forem atravessadas por algum homem, há uma impossibilidade dela se separar de sua própria mãe.

Mãe: Minha sogra ofereceu para eu ficar lá na casa deles com eles né?! Ah, eu agradeci, mas não quis não, ela é muito bacana sabe? Gosto dela, mas não queria sair daqui, quero ficar perto da minha mãe, e ele continua insistindo para eu aceitar, tô fora.

A partir dessa hipervalorização do feminino, sobretudo da própria mãe, cabe questionar o que ocorreria se as gêmeas não tivessem nascido mulheres? E, mais ainda, permite abrir conjecturas a respeito da intervenção que se faz necessária ao bebê simbiótico com sua mãe, separando-os, propiciada muitas vezes pela figura paterna. Percebe-se que o pai não tem tal espaço, pois a mãe não o permite se aproximar. Observa-se aqui a Avó responsável por tal função, ela, por sua vez, assume essa importância relembrando sempre a necessidade da Mãe de cadastrar as crianças na fila da creche, o valor dela tentar estabelecer um relacionamento fixo com o pai das crianças e a seriedade da Mãe voltar a trabalhar.

5.2 ASPECTOS DO AMBIENTE

5.2.1 Construção da parentalidade

Com Winnicott (2005) percebeu-se como o ambiente é importante para a constituição psíquica do ser humano, pois irá prover o que for necessário à vida, alimentando o bebê não só com a nutrição real para seu desenvolvimento, no aspecto fisiológico, como também o nutrindo em seu mundo simbólico e afetivo, proporcionando-lhe experiências. Sabendo desta

importância do ambiente, Winnicott pontua que esta fase precoce é massivamente representada pela mãe, que terá influência no desenvolvimento maturacional do bebê. Sob esta ótica apresentam-se, abaixo, cenas do desenrolar da construção da parentalidade, processo que não ocorre prontamente, de antemão, e se forma ao longo da integração vivida pela Mãe, ressaltando suas competências e faltas nos cuidados com as filhas.

Mãe fala com a filha em seu colo com um tom de voz baixo, olhando-a de forma carinhosa, ao mesmo tempo em que faz carinho em sua mão: “Né filha?”. Nara que está com dois meses e três semanas escuta atenta olhando para o rosto da mãe, enquanto sua irmã continua dormindo no carrinho ao lado.

Mãe: *já mudou desde a última vez que você veio aqui né? Elas já estão querendo largar o seio [faz uma pausa e olha para a pesquisadora com semblante triste] porque meu leite está ficando fraco, não tô produzindo mais tanto leite como eu tava, porque eu tô toda meio assim ainda sabe? Eu que entrei na rotina delas né?! Elas ainda não entraram na minha, aí eu perco a hora de almoçar, aí me perco toda e meu peito tá muchinho, não tá mais enchendo como enchia antes, aí eu ainda coloco [se referindo ao seio] porque tem um pouco, mas eu vejo que quando acaba [o leite] elas ficam nervosas, aí tem que dar a mamadeira.*

A Mãe teve dificuldades em amamentar no seio, mas mesmo assim não desistiu da tarefa e insistiu até conseguir, porém como visto na cena acima, perto dos três meses já estava quase sem leite. Percebe-se nesse trecho como a mãe se propôs a seguir o que acreditava ser importante para suas filhas, muitas vezes chegando à exaustão, como conta que chegou um dia a vomitar devido à privação de sono, ou ainda quando se questiona se é uma boa mãe porque elas ficaram gripadas.

Ela associa à diminuição do leite ao fato de estar sendo negligente consigo mesma, mas não se culpa por saber que está fazendo isso em nome de servir suas filhas. Tal adaptação aos horários faz lembrar a sintonia afetiva descrita por Winnicott (1966/2000) necessária nesse começo. No estado de *Preocupação Materna Primária*, a mãe faz esse movimento em direção ao filho que a distancia de si mesma e de todo o resto. A Mãe reafirma isso quando alega que está se sentindo sozinha nesse período.

Winnicott (1958/2000) declarou que é a partir dessa espécie de regressão a serviço do bebê que a mãe poderá compreender, de forma criativa, seu infante, suas comunicações, identificando-se com suas necessidades e vulnerabilidades. Como qualquer exercício de *holding*, essa identificação não é paralisante, mas pelo contrario, é metabolizadora para favorecer o desenvolvimento do outro.

Ainda no processo de construção da parentalidade é possível identificar cenas de carinho e ternura entre elas, há um apaixonamento pelas filhas, e muitas vezes um ciúmes das outras pessoas que ajudam nos cuidados como, por exemplo, quando as filhas sorriem para a Avó antes de sorrirem para a mãe, competências fundamentais para a constituição das gêmeas.

A mãe, neste momento, está em sintonia afetiva com as duas meninas, pois as permitem estabelecer a rotina de acordo com suas próprias necessidades, e as meninas de alguma forma parecem “saber” que precisam se revezar para ter esta mãe, acordando em momentos distintos para mamar. Parece de forma mágica que na verdade foram elas, as gêmeas, que conseguiram se conectar a necessidade da mãe de atender cada uma de uma vez, dado que esses cuidados tão iniciais não são possíveis de serem realizados com duas bebês simultaneamente. E desta forma ambas encontram um jeito de ter a mãe só para si quando acordadas. Nesta dinâmica interminável, sem intervalos, de constante *holding e handling* cada hora com uma das filhas, as duas meninas acabam por ser atendidas por um ambiente suficientemente bom, mesmo que este esteja sendo levada à fadiga e ao esgotamento.

Sinais como: quando a criança chora a mãe sabe identificar o que ela quer; mãe fala usando a prosódia materna *manhês*; há troca de olhares; Mãe faz algo e aguarda a resposta das filhas, dando suporte as suas tentativas; identifica quando a filha está fazendo manha; usa um linguajar particular entre elas; oferece alimentos semissólidos no devido tempo; alterna momentos de interesse; não se sente obrigada a satisfazer todas as demandas da filha; e estabelece pequenas regras; são indícios de competência da mãe neste cuidado, e a presença deles clarifica sua boa função de *holding e handling* estabelecida⁹.

Há, porém neste caminho algumas faltas que chamam atenção, quando as meninas estão com mais de 12 meses, a mãe ainda não lhes pede para nomearem objetos que apontam e não oferece brinquedos como alternativa ao seu corpo quando a buscam. Tais falhas podem ser intuídas como dificuldades nascidas da gemelaridade, pois a mãe pode vivenciar uma culpa por não conseguir dar o colo e ou a atenção que ela julgaria necessário a cada uma das filhas, e quando a solicitam ela as pega imediatamente, mesmo que para isso seja necessário trocá-las de lado mais de três vezes em um único minuto. Ou ainda, não as estimulam a

⁹ Itens selecionados no Protocolo IRDI, para maiores informações ver: “Leitura da constituição e da psicopatologia do laço social por meio de indicadores clínicos: uma abordagem multidisciplinar atravessada pela psicanálise” In: KUPFER, M. C. et al. Valor preditivo de indicadores clínicos de risco para o desenvolvimento infantil: um estudo a partir da teoria psicanalítica. **Lat. Am. Journal of Fund. Psychopath.**, v. 6, n. 1, p. 48-68, 2009.

começarem a falar por não reconhecer nelas a capacidade simbólica à idade referente, pois pode ter dificuldade de perceber o estágio de desenvolvimento das filhas, uma vez que fica tomada por uma dinâmica agitada, ou seja, pela necessidade constante de assisti-las em suas demandas como trocas de fraldas, comida, ou evitar machucados, sobrando pouco tempo para observações mais minuciosas. A partir desse ponto pode infantilizá-las, não reconhecendo suas capacidades, ou mesmo, pode percebê-las como não preparadas para a comunicação com o ambiente para além delas mesma, o que sugeriria uma pressuposição da mãe de que “elas se bastam”.

5.2.2 Diferenciando e confundindo suas filhas

Em meio a esse processo de descobrir quem são suas filhas e que mãe ela se tornará é preciso também que comece a diferenciar uma filha da outra, para tratá-las como duas e não como uma só.

Mãe no primeiro encontro: *No começo eu não tinha visto o rodaminho da cabeça, então foi difícil, eu tentava ver quem era a maior ou a menor, porque a Nidia nasceu maior, e ficava com medo de errar, queria já colocar o brinco pra não errar mais, mas mesmo assim agora já sei só de olhar [...] ah a Nara é mais estressada, brava, grita, a Nidia é mais calma, a Nara grita até na orelha da irmã, a Nidia é diferente... acho que a personalidade delas será bem diferente.*

Mãe, quando as filhas tinham um mês e três semanas: *Essa aí tem o rodaminho (se referindo ao cabelo) e essa aqui não, essa aqui de cabelo liso é meu, e essa aí puxou o pai dela.*

Quando completaram três meses e três semanas, mãe: *a Nara já tem o brinco vermelho, então a naninha dela é a rosa pra não ficar tudo vermelho, e a Nidia que tem o brinco azul ficou com a naninha vermelha. Mas é só pra diferenciar a chupeta, quero que cada uma tenha suas próprias coisas, sabe? Eu quero que elas sejam unidas, mas tem coisas que cada um tem que ter o seu, eu quero comprar tudo diferente pra cada uma, a mesma coisa, mas de cor diferente, ou bichinho diferente, porque se não fica igual, dois saquinhos de banana, tudo igual.*

Com seis meses e três semanas, mãe: *A Nidia tem mais iniciativa, quando vê algo que quer já se joga, a irmã não, é preguiçosa. A Nidia vai ser maloqueira, danadinha, ela que vai ensinar as coisas pra Nara, minha mãe já acha que não.*

Com 10 meses e três semanas, mãe: *A Nara é mais brutona no jeito de brincar, se joga em cima e a Nidia nem liga.*

Pergunta-se se as pessoas veem diferença nelas, a prima responde que sempre se confunde e as chama brincando de Nina, unindo os dois nomes para não errar. A Mãe volta a dizer que para ela elas são bem diferentes, mas que tia, fica brava por se confundir.

Notam-se os caminhos que a mãe e quem está no entorno vão criando para diferenciar as duas, e como as percepções vão mudando conforme as crianças vão crescendo e vão esculpindo suas personalidades. Fica claro também o desejo inicial da mãe de diferenciá-las e separá-las, mas tal atitude, como dito anteriormente, não se sustenta por muito tempo. Na fala “*eu quero comprar tudo diferente pra cada uma, a mesma coisa, mas de cor diferente*” (sic), fica claro a ambivalência vivida pela mãe neste momento, que sente a necessidade de diferenciar as filhas, mas teme em ser injusta com alguma delas deixando-a de fora ou menos favorecida. Tal medo pode ser compreendido como um sinal de seu funcionamento psíquico que não tem espaço para as duas e já antecipa a reparação dessa diferença de afeto, que direcionará a cada uma delas, se policiando para ser o mais justa e equilibrada possível.

A saída possível encontrada pela mãe é a unificação das duas, tornando-as uma só, sem disputa nem iniquidade. Para tanto a mãe chama as meninas apenas por apelidos que são utilizados sem diferenciação, ao longo dos encontros como “filha, princesa, linda, gostosa”. Tal ação vai ao encontro com a literatura, a qual elucida como mães podem realizar tarefas que não ajudem a diferenciar seus filhos, tratando-os como bloco (GIBSON, 2002). Diante isso, diversas cenas de confusão entre as meninas foram presenciadas.

Ao chegar para a terceira visita, na qual as meninas estavam com dois meses e três semanas a avó foi responsável pela recepção a porta, com uma das meninas em seu colo, após aproximação e questiona-se quem era aquela em seu colo: “*Ixi não sei* (risos, e em um movimento tira a touca que estava na cabeça da bebê para conferir seu par de brincos recém colocados) *ah é, essa é a Nidia*”.

Mãe contando de um melado que a bisavó fez para elas: *ela deixou elas doidinhas, deixou né mãe? Né La?* (olhando para a filha e ao perceber que chamou a filha pelo nome da pesquisadora, pois começa com a mesma letra da risada) *La, Na, Ni é tanto nome com L parecido que fiz confusão*.

Mãe contando que elas tomaram vacina: *Elas ficaram muito chorosas, nem podia pegar nelas, mas graças a Deus não tiveram reação, só a Nara teve um pouco de febre* (Avó a interrompe dizendo que tiveram), *ah é, as duas tiveram!*

Mãe: *A Nidia tem duas pintinhas, na frente e atrás, e a Nidia não tem nenhuma* (mãe não percebe que falou duas vezes o mesmo nome).

Mãe com duas bonecas, uma da Mônica e a outra da Magali na mão, quando as filhas tinham nove meses e duas semanas: *Comprei uma para Nara e uma pra Nidia,*

porque a Nara come muito e a Nidia é a encrenqueira. (Avó interrompe e diz que quem está comendo mais é a Nidia) Ah! Então troca.

Quando as meninas estavam com um ano e um mês:

Mãe: *Levei a Nara no hospital pra tomar o soro e furaram ela nove vezes!*

Avó: *Não, isso foi a Nidia.*

Mãe: *Não, a Nara tomou quando foi no hospital só nós três (Mãe, Avó e Nara), dessa vez que fui com a Nidia e com a Nara quem tomou foi a Nidia. (Me olha) É confuso mesmo, elas são muito parecidas, dá pra ficar doida.*

Mãe conta que teve uma vez que dormiu com uma filha achando que era a outra e só depois que acordou descobriu, pois ela sempre dorme com a Nara e a Nidia acostumou a dormir com a Avó, mas teve um dia que a Nidia dormiu fácil com a Mãe e, por isso, achou que era a Nara e só quando acordou de madrugada que viu a confusão.

Essas cenas de trocas e confusões ocorreram em todos os encontros. Viu-se como não só há uma confusão entre os nomes, mas também em diferenciar quem viveu o que, tal fato apresentado na literatura anterior afirma o quanto é comum adultos gêmeos se confundirem em suas histórias sem saberem ao certo quem passou por qual experiência, perguntando muitas vezes um ao outro informações como “fui eu ou você quem quebrou o braço?”.

Na cena referente ao gorro que não permitia a Avó ver a cor do brinco de qual bebê estava em seu colo, um grande alerta dispara: como é ser um bebê que esta sendo cuidado e recebendo afeto sem nem ao menos seu cuidador saber quem você é? Há aqui uma não subjetivação, mais uma vez fica a marca da criação em bloco, sem diferença e sem espaço para um indivíduo se constituir, o que elas vão se tornando é a continuidade uma da outra. Conjectura-se que é a partir desse processo de subjetivação não individual que nasce a relação simbiótica complementar vivenciada por muitos gêmeos.

5.2.3 Outros braços

Dentro deste ambiente que cuida e acolhe, além da mãe que é a protagonista dessa história, fica evidente a constante presença dos “outros braços”. Não houve nenhuma visita que mãe estivesse sozinha com as filhas, até mesmo quando narra os acontecimentos do mês, em seus relatos sempre aparece à figura da avó, do pai ou de uma prima ou irmã. Esse ponto

precisa ser acentuado, pois ressalta a complexidade que é cuidar de dois recém-nascidos ao mesmo tempo. Inclusive por mais que a mãe apresente dificuldades em confiar os cuidados das meninas às outras pessoas, ela não titubeia em aceitar ajuda para cuidar dela e do suporte que lhe necessário para conseguir olhar para as filhas. As pessoas em volta auxiliam com as roupas, comidas, mercados, farmácias, etc. Também não hesita em oferecer as filhas aos colos presentes, enquanto precisa se concentrar em uma tarefa direcionada a uma das bebês, pois solicita a quem está em volta, incluindo a pesquisadora que segure a outra.

Nara começa a chorar no colo da pesquisadora, enquanto a mãe segurava Nidia, ela pede para “ver” e as trocamos de colo. A Mãe sai da sala agora com a Nara em seu colo enquanto a Nidia golfa no meu. A Mãe volta com todo o material para trocar a fralda, e Nidia começa a reclamar, a Mãe que estava deitando Nara no sofá para iniciar sua troca de fralda diz que a Nidia está com fome e me entrega uma mamadeira que trouxe entre o “kit” para trocar as fraldas, entendo seu pedido e ofereço a mamadeira a Nidia que começa a mamar imediatamente.

A Mãe está com a Nidia no colo e Nara que estava no carrinho começa a chorar, neste instante aparece a Avó e a pega, e a nina de um lado para outro balançando-a até parar de chorar. A Mãe diz “ela queria colo de vó”.

Exemplos como estes mostram a necessidade física de ajuda que a mãe vive, principalmente nos primeiros meses, para sustentar as filhas. É possível pensar como esse ambiente é sempre composto por diversas pessoas, é um ambiente onde a rede de proteção à mãe se fez, deixando-a amparada. E ao mesmo tempo há para as meninas a sensação de constante troca de colo e de cuidado do entorno, como elas sentem essa atmosfera sempre populosa e dinâmica, sem ter cada uma muito tempo de olhar voltado apenas para si. Supõe-se que tal dinâmica agitada configura nas bebês uma percepção do tempo também enérgica, sem propiciar calma e silêncio. A dinâmica de trocas constantes pode estar relacionada a uma dificuldade das meninas em se concentrarem em determinada tarefa ou brincadeira por longo tempo, quando se aproximam dos 11 meses, elas trocam de brincadeiras ou atenção não ultrapassa um minuto.

5.2.4 (Re)Descobrimos a Irmã

Por fim, o último elemento de importância que cada bebê encontra dentro deste ambiente é a sua irmã gêmea. Uma convive com a outra desde suas primeiras percepções de vida ainda intrauterina e assim segue após o nascimento até que cada uma tenha autonomia

suficiente para se distanciar. Diversas vezes foi possível presenciar uma olhando para a outra, sorrindo, copiando uma tosse ou algo parecido, e cenas de muita intimidade, como, por exemplo, dividirem a mesma cama por opção também chamam à atenção.

Dois meses e três semanas: *Mãe deixa as duas meninas no sofá de forma que elas consigam se ver, e quando os olhares se encontram elas se encaram por quase um minuto inteiro: Nara move a cabeça e a boca enquanto olha para a Nidia que repete seu movimento com a boca e balança os braços, essa troca só finaliza quando a mãe volta para a sala falando alto e o som tira a atenção simultaneamente das duas para a mãe.*

Quanto à parte específica da dinâmica estabelecida para dormir, vale retomar como sucedeu: assim que nasceram elas dormiam juntas entre os pais na cama de casal, “*A Nidia usa mais o espaço, se espreguiça e olha para a irmã quando acorda e acorda ela também*” (sic); quando completaram três meses passaram a dormir Nidia com a Avó e Nara com a Mãe. Quando se aproximaram dos 11 meses de idade, após começaram a engatinhar, elas optaram a voltar a dormir juntas encostadas pela cabeça, elegeram deitar na mesma cama, um colchão de criança que sempre esteve disponível a elas, deixando de dormirem com a Mãe e com a Avó.

Nesta evolutiva destaca-se não só o movimento espontâneo de voltarem a dormir juntas, como também o fato de nunca terem vivenciado até então, a oportunidade de dormirem sozinhas, e sempre que acordam há alguém disponível no ambiente.

A Mãe conta que saiu e só levou a Nidia: *Ela chorou o dia inteiro de tremer de tanto nervoso, chorou muito mesmo, foi a primeira vez que elas passaram um dia separadas, nossa, mas nada fazia ela parar de chorar, foi horrível, até eu chorei, e pensei será que sou eu? Minha mãe falou que foi a falta da irmã, ela só dormiu às 10 e meia da noite de cansada de chorar o dia inteiro, senão ela não ia dormir (na casa da Avó materna). Minha mãe falou que a Nara estranhou, mas não chorou tanto, ficou mais quieta, acho que ela tava na casa dela, mesmo sem a irmã, ela tava mais de boa em um lugar que já conhece, né?! Deve ser isso...*

Vê-se no trecho acima como as bebês estabeleceram uma relação de constância e proximidade que quando, pela primeira vez, com um ano e três meses, a mãe sai e passa um dia fora de casa com apenas a Nidia, ela estranha muito a falta da irmã e entra em um choro inconsolável. Especula-se que Nidia tenha uma relação fusional com a irmã, quando separada, sem estar preparada tem uma vivência de desamparo e destruição, a ausência da irmã é sua própria ausência. É fácil imaginar a razão pela qual estabeleceu essa relação de tamanha dependência com a irmã, uma vez que Nara constantemente esteve ao seu lado.

O que chama a atenção é o fato da Nara não ter sofrido igual neste período distante da irmã, a primeira hipótese da mãe de que ela estava em um ambiente que conhece - sua própria casa *versus* a irmã que estava na rua e depois na casa da avó - deve ser considerada. Mas, abre-se espaço para crer que o fato de Nara ter estabelecido, desde o começo, uma relação de maior proximidade com a Mãe a ajudou a desenvolver um apego seguro, não sofrer na mesma proporção que a irmã. Pois, foi da Nara que a mãe escolheu o nome, é dela que a mãe fala características positivas identificadas consigo mesma, é ela que dorme junto com a mãe, é à ela que a mãe dirige tons mais amenos e menos broncas, e é ela que conforme cresce a Mãe reconhece características físicas mais similares a si mesma; enquanto a mãe afirmar reconhecer em Nidia os traços do pai – ainda que para a pesquisadora não seja possível ver nenhuma diferença física entre elas.

Supõe-se aqui, que Nara conseguiu criar uma relação de confiança com sua Mãe, e aos poucos, devido à necessidade da mãe se distanciar por causa trabalho ou outras tarefas, a bebê aprendeu a introjetar a presença da mãe para suportar o distanciamento sem uma sensação de rompimento sua ausência. Assim, deduz-se que a relação que Nara estabeleceu com Nidia é menos fusional e dependente do que a inversa.

Como apontado por Piontelli (2002) elas ficaram preocupadas quando separadas uma da outra entre 12 e 15 meses, mas isso não aconteceu quando foram separadas da mãe, desde que estivessem juntas, sugerindo reconhecimento de diferenciação delas e a mãe, mas não ainda entre elas.

5.3 MUNDO PSÍQUICO EM DESENVOLVIMENTO

Uma vez que se observou como estava o ambiente que recebeu as meninas e ajudou a subjetivá-las com suas projeções, expectativas e dinâmicas estabelecidas com o que foi possível oferecer, busca-se observar o desenvolvimento psíquico, acompanhado do motor e cognitivo das meninas. Tentar-se-á olhar pela ótica das bebês acentuando suas diferenças e similaridades em cada etapa rumo à independência proposta pelo Winnicott (2000) para o desenvolvimento do verdadeiro *self*.

5.3.1 Conglomerado/Simbiose

Por volta do primeiro trimestre de vida das crianças tem-se o período de dependência absoluta, no qual vivenciam uma experiência fusional com a mãe. É nesse campo de ilusão que coordenam o mundo a volta delas, com a percepção de que não há esse outro como um elemento separado, mas como continuidade delas mesmas, muito perceptível nas cenas de sintonia entre a mãe e suas filhas.

Três meses e três semanas: *Nidia esta deitada ao lado da pesquisadora que lhe oferece a mão para brincar, no mesmo instante que ela puxa o dedo para perto da boca a mãe que está falando o que tem percebido do desenvolvimento das meninas, diz que elas agora colocam tudo na boca.*

No mesmo dia: *Mãe conta que começaram a coçar o olho quando estão com sono, nesse momento Nara coça seu olho, damos risada por parecer que a Nara fez de propósito.*

Outra forma de verificar esta fase como se espera, é percebendo as competências desenvolvidas pelas meninas, como, por exemplo, elas passam a diferenciar o dia da noite e dormir a noite toda acordando apenas uma vez para mamar com dois meses, ou ainda reagem ao *manhês* e fazem trocas de olhares.

Mãe: *Eu amamento elas quando elas pedem, não coloco despertador pra lembrar de quem é a vez. Elas dormem e uma acorda, certinho, uma hora antes da outra, assim dá tempo de dar o mama uma por vez.*

Porém, neste mesmo período, é possível perceber que a mãe apresenta disponibilidade diferente para cada uma das meninas.

Mãe está trocando a fralda da Nara ao mesmo tempo em que conta que elas tiveram “sapinho” (herpes), enquanto isso Nidia que está no colo da pesquisadora começa a chorar, a mãe diz que ela está com fome, eu pergunto da mamadeira que ela acabou de tomar e a mãe me explica que era o resto da irmã. Começo a ficar angustiada com o choro de Nidia que só aumenta em meu colo e a mãe segue trocando a fralda da Nara que já havia começado e estava chorando antes, mas parou. Percebo que a Mãe tenta se apressar e a cada movimento com a Nara dá uma olhada para conferir a Nidia que chora forte no meu colo, me orienta a ficar de pé e balançar ela, tento, mas não tem efeito e volto a me sentar. É possível perceber que a Mãe começa a ficar irritada e diz o quanto a voz das filhas aumentou. Após três minutos da Nidia chorando forte a mãe, finalmente, finaliza a troca de fraldas da Nara e vai com ela no colo para a cozinha e volta com uma mamadeira que me dá e, imediatamente a oferece a Nidia, ela pega e para de chorar.

Nota-se como ao mesmo tempo a mãe está conectada com sua filha e sabe o que ela precisa naquele momento, ela também está ocupada atendendo a necessidade da outra. Por mais que a mãe narre que as meninas se revessam para dormir e mamar, percebe-se que nem sempre isso ocorre. E, quando as duas filhas solicitam a mãe ao mesmo tempo, uma acaba por enfrentar um momento de espera maior do que a outra, assim diante a não resposta, um breve momento de desamparo, que pode vir a ser um tempo saudável de aguardo do bebê, que sustenta a espera, pois poderá, posteriormente, viver um encontro verdadeiro e legítimo com satisfação.

Por fim, quando se olha para Nara é possível verificar o quanto ela tem uma boa proximidade com sua mãe e recebe com afeição os cuidados oferecidos. Ela aproveita de forma prazerosa seus momentos iniciais aparentando estar muito unida e fusional a mãe. Nidia, por sua vez, aparenta uma relação um pouco menos dependente com a Mãe, que ainda se apresenta como suficientemente boa. Percebe-se como as nuances existentes entre as meninas neste momento, ainda não serão decisivas para afetar de forma a patológica qualquer uma das duas em seu processo de amadurecimento emocional, ou seja, mesmo com algumas diferenças no processo das duas, ambas seguem em um desenvolvimento esperado e saudável, ainda com suas diferenças de adaptação, segurança e criatividade.

5.3.2 Separando

Após as meninas terem internalizado este ambiente disponível e facilitador, e terem vivenciado essa fase de dependência absoluta, ambas começam a caminhar em direção à fase de dependência relativa, vão aos poucos percebendo que o mundo não é uma extensão delas e que há outras pessoas; que sua mãe pode falhar e que terão sentimentos de amor e ódio por este ambiente. Lembrando ainda que, como elucidado no terceiro capítulo, se a mãe falhar mais do que a criança consegue tolerar, ela pode sentir uma quebra muito forte e uma ameaça de aniquilamento.

Oito meses e um semana: *Começaram a engatinhar, a ficar de pé com apoio, a se baterem, mãe diz que estão mais independentes indo atrás do que querem. A Mãe começou a trabalhar tem duas semanas e Avó disse que “no começo elas estranharam, sentiram falta da mãe, choraram bastante, mas depois parou”. E mãe diz: “Quando eu chegava em casa era aquela festa, queriam*

pular em cima de mim, e eu ficava muito feliz, né?” Damos risada e a Mãe deixa a Nara sentada na cama e diz que vai pegar água. Quando a Mãe sai do quarto e me deixa com as duas sentadas e eu sentada no canto da mesma cama, elas param de explorar os brinquedos que tem em volta e me olham atentas, ao perceber que estão me encarando acabo fazendo caretas à elas, que continuam atentas aos meus movimentos. Mãe volta com uma mamadeira com água, Mãe dá água para a Nara que mal toma e a Nidia já começa a pedir, esticando o braço, e engatinhando em direção à mamadeira, Mãe fala para ela ter calma e esperar e já dá a água para ela, uma vez que a Nara não quis muito e começou a morder um pacote de bolacha fechado que estava na cama, Nidia quando recebe a mamadeira faz dela de chupeta e não bebe a água. Ao ver a Nidia chupetando a mamadeira diz o quanto ela é danada, e volta a dar para a Nara, que engasga. Nisso Nidia rola na cama em minha direção e se levanta para me olhar, depois rola para o outro lado, e se senta olhando a irmã. Nara que ainda esta engasgada, tosse e a Nidia tosse também. Mãe aponta como uma imita a outra.

Fica claro no trecho apresentado como cada uma das meninas já consegue tolerar a ausência da mãe durante o dia. Assim como a autonomia delas de se mover em direção aquilo que lhes atrai. Nesta fase se inicia o brincar, como descrito anteriormente, como a terceira área da experiência.

10 meses e três semanas: *Elas se levantam e Nara se apoia na minha perna, eu dou a mão para ela e ela consegue andar alguns passos a mais, mas como eu não levanto ela se senta quando meu braço já esticou todo. A Mãe conta que se eu deixar vou com ela até a lavanderia, porque elas querem andar. Nisso Nidia que me viu de mão dada com sua irmã vem em minha direção me olhando e parece querer pegar minha mão também, mesmo que no caminho está sua irmã no chão, e ela passa literalmente por cima, Nara reclama e a mãe ajuda Nidia para ela não machucar Nara. Quando dou a mão para Nidia ela também dá uns passos e depois solta, Nara tenta mais uma vez pegar na minha mão e a mãe fala que ela quer passear, fica de pé e pega as duas ao mesmo tempo pela mão, Nidia não está conseguindo andar assim, e chora, a Mãe a pega no colo, dá a chupeta e a coloca na cama, nisso Nara também começa a chorar e a mãe a coloca na cama também, agora as duas choram ao mesmo tempo e a Mãe diz que deve ser sono. Nisso aparece a Avó com duas mamadeiras e quem ganha primeiro é a Nidia que para de chorar e depois a Nara. As duas mamam sozinhas deitadas apoiadas no travesseiro, as duas fazem a mesma posse com as pernas, e Nara faz carinho no próprio cabelo.*

11 meses e três semanas: *As meninas estão de pé no chão próximas uma da outra. Elas se olham e Nara toma um brinquedo que está na boca da Nidia e coloca na sua própria boca, Nidia pega o brinquedo de volta da boca da irmã, o bate na caixa fazendo barulho, o que leva sua irmã a imitar a batucada na caixa com sua mão. Depois Nidia tenta colocar em sua boca o brinquedo, erra a mira e estica o brinquedo em direção à boca da irmã, mas acaba batendo na cabeça dela, também errando a mira o deixa cair. As duas olham juntas para o brinquedo que caiu no chão e Nara se agacha para pegá-lo, assim que o pega se senta e o coloca na boca, Nidia também se agacha e senta ao seu lado. Logo após elas vão juntas pegar o pacote de fraldas e a mãe tira da mão delas. Nidia vai em direção à cama e pega uma chupeta, Nara vem ao seu lado e pega a outra chupeta e as duas as colocam na boca. Nara se senta no chão e fica nos olhando falar, Nidia reclama pedindo colo para a mãe.*

Um ano, três meses e uma semana: *Nidia pega uma casca de tartaruga e coloca na cabeça e me olha, eu dou risada e ela repete mais duas vezes. Nara acha um telefone de brinquedo que toca e me dá, eu digo alô devolvo para ela e ela não pega, vai para a caixa, nisso Nidia me entrega a casca de tartaruga e eu a coloca na cabeça igual ela fez, devolvo para ela e ela faz de novo. Depois Nara voltou a me dar o telefone e eu o coloquei na orelha, continuei brincando de atender. Nisso Nidia foi*

para a cozinha e a Mãe foi atrás, mas voltou sozinha. Eu continuei atendendo o telefone e devolvendo para Nara que também atendia e me devolvia. Nidia que ficou na cozinha começou a gritar e a chorar, Mãe bufa e fala “tá vendo como ela é, essa aqui é mais simpática e conversa, ela está lá se jogando no chão, mas avó não está lá, deixa eu ir lá pegar ela”. E volta com ela no colo, Nidia fica quieta com a chupeta na boca me olhando brincar com o telefone com a Nara, que aperta os botões e me dá. A Mãe começa a chamar a filha que está no colo de linda e dar cheirinho nela. A mãe coloca Nidia no chão ela pega outro telefone de brinquedo e me dá, agora eu revesso cada hora pegando o telefone de uma colocando na orelha, falo alô, e lhes devolvo. A Mãe repara e fala do quanto elas já comeram os brinquedos e como faltam partes e não funcionam mais.

Neste relato fica evidente a capacidade simbólica das meninas no brincar. Conseguem interagir com os brinquedos e com as pessoas que lhes cercam principalmente uma com a outra. Há constantes trocas de olhares e imitações entre elas. Também foi possível presenciar diversas cenas de rivalidade, nas quais uma morde, bate ou empurra a outra, ou ainda de ternura, nas quais se abraçam ou se consolam como na cena a cima oferecendo o brinquedo uma a outra. Há objetos compartilhados, não só entre elas, mas com a mãe ou outros adultos.

Como afirmou Winnicott (1975, p. 79-80):

É no brincar, e somente no brincar, que o indivíduo, criança ou adulto, pode ser criativo e usar sua personalidade integral: e é somente sendo criativo que o indivíduo descobre o eu (self). Ligando a isso, temos o fato de que somente no brincar é possível a comunicação ou a um extremo de imaturidade.

5.3.3 Rumo à independência

A última etapa do desenvolvimento do amadurecimento pessoal descrita por Winnicott (2000) é o rumo à independência, como apresentado, o autor a nomeou assim pelo fato desta etapa chegar a sua conclusão e seguir em constante evolução até a morte. Dessa maneira, apresentam-se momentos de interação das meninas que mostram suas potências em caminhar em direção à independência, todavia não é possível afirmar que já se instalou por completo.

Mãe contando: *quando elas se veem na foto, elas riem, eu acho isso muito engraçado, e fico “é você, filha?”, e elas ficam... (faz cara de dúvida sorrindo e olhando para cima encenando como as filhas lhe respondem), dá risada.*

Pesquisadora: *E no espelho, elas se olham?*

Mãe: *olham, e ficam assim também (arregala os olhos e vem para frente com o corpo) e aí voltam pra trás, aí elas faz assim (vai com o corpo para um dos lados) e assim (balança o corpo para o outro lado), eu acho muito engraçado. Eu falei, “nossa tem quatro de mim”, acho que elas pensam quando as duas se olham (no espelho).*

Nidia aparece da cozinha com um copo com bico e a Mãe ao ver diz: *eu comprei esse copinho pra elas terem a independência delas, já tô tirando a mamadeira, elas escolheram um lugar pra fazer totó [referindo-se às fezes], elas agacham ali no cantinho da cama, falei é bom que elas já agacham, vou comprar um troninho e tirar as fraldas.*

Nara sobe no colo da mãe e parece estar com sono, apoia sua cabeça no peito da mãe olhando a irmã brincando no chão e faz carinho em sua própria orelha.

Um ano, três meses e uma semana: *As duas se sentam no chão na minha frente e me entregam um telefone, eu digo “alô, é para a Nidia” e estico o braço, as duas me olham e não pegam, eu insisto no nome. Depois ganho outro brinquedo e digo que é para a Nara, e ela também não olha, testo mais uma vez e nenhuma delas responde ao nome, digo que talvez elas ainda não saibam qual é o nome delas.*

Um ano, quatro meses e duas semanas: *Nidia está brincando com a fita que fecha a porta do armário, quando finalmente consegue tirá-la e abrir, a mãe ao ver dá um grito que não pode, avó que estava ao fundo brincando com a Nara fala “vem Nidia brincar com a vovó, vem?” e a Mãe complementa “olha sua avó chamando, vai lá”, Avó insiste mais uma vez “vem brincar de serra-serrador, vem”, aí então Nidia olha e vai até avó.*

Espera-se que com essa idade uma criança já saiba seu próprio nome e responda quando chamada, porém não se constata essa identificação, em nenhum momento, na cena. Quando a mãe é questionada alega que acha que elas não identificam seus nomes, mas já encadeia outra resposta, mudando de assunto, mostrando as potências das filhas e afirma que estão com muitos dentes, algo avançado para a idade delas. Tal fato desperta o interesse, pois na constituição de um *self* é necessária a percepção de si, do eu. Nesse sentido, a identificação do próprio nome é uma das primeiras tarefas no mundo da linguagem a ser realizada.

Nas cenas do espelho e das fotos notou-se que elas já identificam a imagem delas como sendo própria, mas não fica claro se se diferenciam entre si, ou seja, elas se percebem como um bloco diferente dos adultos, mas ainda não encontram diferenças entre si a ponto de saber que a imagem especular pode representar a si mesma e não a irmã. Essa dificuldade de se reconhecer no espelho é descrita por Piontelli (2002).

Ainda seguindo o discurso da mãe, parece que há um atraso deste desenvolvimento emocional, que se justapõe a um desenvolvimento físico atermo, com dentes e controle motor quase antecipados.

Vale ainda ressaltar que o Winnicott defende que este processo de integração não é linear nem definitivo, trata-se de um processo dinâmico, não consecutivo, sujeito às conquistas e perdas. “É preciso lembrar que tudo aquilo que aparece em uma idade ainda muito precoce necessita de muito tempo para estabelecer-se [...] Como é de esperar, aquilo que esteve presente pode na verdade perder-se” (WINNICOTT, 1966/2006, p. 5).

Winnicott (1989) afirma que quando a criança percebe a satisfação dos pais em seu cuidado ela pode reconhecer-se existindo e desenvolver também suas potências criadoras e lúdicas. Bem como, coloca que o ambiente não é apenas onde a maturação acontece, mas é ele também o facilitador para que o desenvolvimento aconteça, sendo enredo essencial para que o indivíduo possa protagonizar sua história (WINNICOTT, 1982). Neste sentido, notou-se que as meninas ficaram boa parte dos encontros nos colos, Segundo Winnicott o *handling* facilita a formação de uma integração psicossomática da criança, o modo, portanto, como a mãe agrega o bebê em seus braços e em seu olhar, inicia o processo de personalização, contribuindo para a formação do sentido de “real”, por oposição ao “irreal”, “o fato de existir vai ganhando peso, consistência e realidade” (DIAS, 2003, p. 209), favorecendo a capacidade da criança gozar a experiência do funcionamento corporal e do SER (WINNICOTT, 1994).

6 CONCLUSÃO

O Universo não é uma ideia minha.
 A minha ideia do Universo é que é uma ideia minha.
 A noite não anoitece pelos meus olhos,
 A minha ideia da noite é que anoitece por meus olhos.
 (FERNANDO PESSOA, 1981, p. 172).

Se houvesse uma janela de possibilidade, intitularia esta derradeira etapa do trabalho como “considerações finais” e não como “conclusão”, visto que o trabalho apresentado, sendo ele um estudo exploratório, se propôs a ampliar o conhecimento acerca do desenvolvimento psíquico de gêmeos e não poderia trazer elementos conclusivos e decisivos em seu final, sendo esta inatingível dentro da psicanálise, se não apenas minhas últimas considerações sobre o material. Assim creio que minha contribuição poderá incidir mais em um convite a novas indagações do que em respostas.

O tema dessa pesquisa versou a respeito do amadurecimento emocional da teoria Winnicottiana e as especificidades apresentadas na literatura sobre a temática: gêmeos em seu processo de constituição psíquica. Para tanto, trouxe uma observação longilínea para ilustrar esse movimento, coletando e analisando relatos, vivências lúdicas e espontâneas de uma família com bebês gêmeas, baseada nos postulados metodológicos de Turato (2005). Foi possível assim, eleger três categorias que auxiliaram na tentativa de compreensão do fenômeno do amadurecimento pessoal: A Força do Legado, Aspectos do Ambiente e Mundo Psíquico em Desenvolvimento. Ao longo do percurso foi possível perceber algumas nuances no processo constitutivo das gêmeas, que já haviam sido apresentadas como esperadas nas publicações existentes sobre o assunto e outras tantas não. Segue-se, então, com um ordenamento dos dados analisados.

Com relação à Força do Legado observaram-se nos relatos e nos encontros aspectos psíquicos inconscientes, que foram transmitidos através das gerações, relacionado à fantasia de construir uma “família feliz”, a percepção de só ser reconhecida como adulto ou integrante da sociedade a partir de uma gestação e ainda uma representação hipervalorizada do feminino, principalmente da figura da mãe, não havendo espaço para o masculino. Assume destaque o despreparo e o susto com a chegada da gemelaridade à família, essencialmente a mãe, pois se identificou certa indisponibilidade psíquica para mais de um bebê ao mesmo tempo, havendo, portanto, apenas espaço para um bebê em seu interior. Na relação com as duas filhas foram

observados aspectos inconscientes e duplas mensagens que criavam obstáculos ao exercício da função parental e do desenvolvimento do bebê.

Destaca-se a idade da mãe, 19 anos, estudante até o momento da realização da pesquisa, não inserida no mercado de trabalho, participante do grupo social de adolescentes, com uma maior vulnerabilidade, que poderiam engravidar por diversos motivos. Dentre as representações encontradas para a gravidez neste momento de vida tem-se a “aquisição de um novo status social, o filho com a função de preencher as carências e um vazio interno, e o filho como presente para a própria mãe” (SILVA, 2014, p. 18). Tal variável, ainda que não explorada a fundo no decorrer da investigação, não pode ser ignorada, sendo um possível elemento influenciador da parentalidade exercida pela mãe. Mas, cumpre mencionar, que sendo esta uma dissertação com limitações e objetivos precisos, tal variável, entre outras, acabou por ser colocada em segundo plano.

Dentre os diversos Aspectos do Ambiente, encontrou-se uma mãe sempre assistida por um núcleo familiar, sobretudo materno, significativo e disponível, que a auxiliou nas tarefas e na possibilidade de sustentar e proteger sua relação com suas filhas. Ao mesmo tempo, mensagens paradoxais se sobressaltaram nas tentativas da mãe de diferenciar as filhas, ora separando-as, ora unindo-as. Foram identificados conflitos e falhas de identificação com a figura materna e dificuldades de subjetivar as crianças, trazendo uma constante agitação do ambiente que atendia as necessidades ao mesmo tempo em que falhava, frustrando, levando à exaustão e confusões.

Foi constatado que elas não possuíam intercorrências médicas significativas, prováveis no período pré e pós-natal (SIDDQUI et al., 2007). Esse fator provavelmente favoreceu o vínculo da mãe com elas, uma vez que, que crianças mais frágeis ou em risco de vida geram sentimentos de ferida narcísica e frustrações nas mães. Esta mãe conseguiu criar seus vínculos afetivos sem ser influenciada por fantasias de morte ou defensivas.

Ao longo dos encontros, a parentalidade da mãe foi se instituindo, e foi possível perceber, por meio do seu desejo em continuar com as visitas, bem como sua constante narrativa dos eventos ocorridos do último mês, que a possibilidade de um terceiro que se aproxima disponível para ouvir e acolher - sendo ainda apenas uma pesquisadora – a permitiu se assegurar na função materna e nas suas capacidades que se refletiam nas potências e progressos das filhas. É possível afirmar que mesmo que esta mãe se apresentou de forma diferente para as duas filhas, recebendo Nara de forma mais disponível, ainda assim foi *Suficientemente Boa* para ambas.

Com relação ao Mundo Psíquico em Desenvolvimento observou-se que as meninas progridem de forma muito semelhante. Ambas apresentaram os comportamentos descritos como “situação gêmea”: presença de mordidas; competições por atenção dos adultos; coesão, brincando ou agindo juntas; familiaridade entre elas, desvalorizando a necessidade de linguagem; e isolamento, juntas sustentam uma autossuficiência (LYTTON; SINGH; GALLAGHER, 1995).

Quanto ao Amadurecimento Emocional, ambas percorreram os caminhos propostos por Winnicott (2000) passando pela fase de dependência absoluta, na qual foi possível identificar uma mãe em sintonia afetiva no seu estado de preocupação materna primária, que possibilitou as gêmeas vivenciarem a fantasia da onipotência. E caminharam em direção à dependência relativa na qual já reconhecem o ambiente como externo a elas, para integrar essa mãe que antes era dividida em seio bom e seio mal (KLEIN, 1969). Após integrá-la, vivem a culpa de ter atacado e exercem o *concern*. Portanto, criaram no fenômeno transicional, a ilusão entre o mundo interno e o externo, e só a partir dessa ilusão que perceberam aos poucos a realidade externa, deixando de ser regidas pela onipotência, e, após realizar a realidade externa, foi possível identificar a interna, surgindo a noção de *Self*.

Enfatiza-se que o processo de construção de *self* ainda está em andamento, mas deu indícios de seu caminho. Porém se sobressai à dificuldade por elas apresentadas de se identificarem na imagem especular, o que coincide como atraso em bebês gêmeos quando comparadas a gestações únicas (PIONTELLI, 2002).

Por fim, percebeu-se um funcionamento fusional entre elas, sendo que Nara possui um vínculo afetivo mais próximo com sua mãe, enquanto Nidia recorre a outros adultos sempre presentes ao invés do corpo materno. Sugere-se que Nidia se retira em nome da irmã, buscando como solução um perfil melancólico, renunciando à disputa ou a conquista do objeto de amor. E a partir desse *continuum* que elas vivem entre rivalidade e fusão, ambas seguem desenvolvendo um senso de identidade diferente.

Como exposto, os bebês para se desenvolver de forma saudável necessitam de cuidadores que exerçam as funções materna e paterna, ou seja, alguém que cuide com prazer e disponibilidade. Sendo assim, a função materna que permitirá a construção da confiança e da crença no encontro de um objeto que a compreende, ao mesmo tempo em que coloca limites sólidos; e a função paterna que irá favorecer o processo de separação e individuação. Vale ressaltar que se for mais de um cuidador, caberá a eles encontrarem uma harmonia, para que de forma equilibrada, amistosa, e com um vínculo cooperativo, possam evitar rivalidades ou

ataques incestuosos, e ainda transmitir à criança valores éticos em relação à realidade e a verdade em que vivem (DI LORETO, 1997).

Para uma evolução psíquica saudável, é necessário: um bebê com suas potências hereditárias e um ambiente que apoie e, no meio, o indivíduo vivendo, se defendendo e crescendo (WINNICOTT, 2007). A partir dessas funções necessárias, faz-se *mister* pensar em estratégias de políticas públicas na saúde que acolham e intervenham em favor dos grupos pais-gêmeos, pois são pais e bebês em situação de risco. Golse (1998, p. 93) afirma que desde “muito cedo a criança organiza suas representações mentais, talvez muito fragmentárias ou parciais (porém, nem sempre), as quais atestam claramente suas competências e seu comportamento, para quem sabe observá-las e colocá-las no campo das relações”.

A partir dessa pesquisa, em algumas medidas de políticas públicas na área da saúde seriam interessantes, como um acompanhamento mais próximo das famílias gemelares pelo Programa de Saúde Família dentro do nosso Sistema Único de Saúde (SUS), propondo visitas com intervalos menores às realizadas com as famílias de gestação única, mantendo essa frequência de visitas por volta de um ano após o nascimento dos gêmeos, e não apenas no seu período pré-natal. Sendo ainda necessária uma formação específica para estes profissionais, instrumentalizando-os sobre os efeitos no desenvolvimento da relação pais-gêmeos e seu impacto nos alicerces constitutivos do psiquismo infantil. Cabe o modelo de puericultura emocional proposto por Silveira e outros autores (2000).

Validando a necessidade de tais ações, tem-se como exemplo, na Inglaterra, no *Nacional Health Service* (NHS)¹⁰, um serviço exclusivo para famílias gemelares, incluindo-os em um grupo de risco, que recebe o dobro de assistência quando comparados ao grupo de gestações tidas como de não risco. E, por último, sabe-se do Art. 1 da Lei 13.438/17 de 26 de Abril de 2017, que obriga “a aplicação a todas as crianças, nos seus primeiros dezoito meses de vida, de protocolo ou outro instrumento construído com a finalidade de facilitar a detecção, em consulta pediátrica, de acompanhamento de criança de risco para seu desenvolvimento psíquico” (BRASIL, 2017), que sublinha a importância de tal ação.

Concernente à temática explorada foi necessário eleger um foco: gêmeos univitelinos, renunciando todas as outras possibilidades de pesquisa. Porém, acentua-se a precisão de pesquisas psicanalíticas que se debrucem sobre a questão envolvida na relação entre irmãos, não só com gêmeos, sabendo-se da falta de estudos com gêmeos bivitelinos, como também a

¹⁰ Para mais informações consultar: NHS. Your pregnancy and baby guide. Disponível em: <https://www.nhs.uk/conditions/pregnancy-and-baby/what-causes-twins/>. Acesso em: 22 dez. 2018.

relação intrairmãos de todas as idades. Cenário esse que ampliará a compreensão psicanalítica de família e suas relações.

Pelo exposto, pensa-se que as inferências aqui enunciadas, mesmo que não almejam a generalização ou a categorização clínica, exigiriam mais estudos para que pudessem ser levadas a diante, ou ainda, confrontados. Fica, assim, o convite a todos aqueles que se interessarem buscar novas perguntas para este instigante tema.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BICK, E. Notas sobre la observación de lactantes en la enseñanza del psicoanálisis. **Rev. Psicoanálisis**, Buenos Aires, v. 24, n.1, 1964.

BISOL, C. A.; TAPIA, A. M. A Psicologia e o Conceito de Risco: Estudos Publicados entre 1999 e 2010. **Psico**, Rio Grande do Sul, v. 43, n. 3, p. 309-316, 2012. Disponível: <http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/revistapsico/article/viewFile/7824/8231>. Acesso em: 11 jan. 2017.

BITTAR, R. E.; PEREIRA, P. P.; LIAO, A. W. Gestação múltipla. In: ZUGAIG, M. (ed.). **Zugaib Obstetrícia**. Barueri: Manole, 2008.

BLEGER, J. **Temas de Psicologia**: entrevista e grupos. 3ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007. 137p.

BOCHERNITSAN, E. **Percepção de pais e mães a respeito do comportamento de seus filhos gêmeos**. 76f. Dissertação (Mestrado em Psicologia Clínica) - Faculdade de Psicologia, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2012.

BRASIL. LEI Nº 13.438, DE 26 DE ABRIL DE 2017. Altera a Lei nº 8.069, de 13 de julho de 1990 (Estatuto da Criança e do Adolescente), para tornar obrigatória a adoção pelo Sistema Único de Saúde (SUS) de protocolo que estabeleça padrões para a avaliação de riscos para o desenvolvimento psíquico das crianças. 2017. Disponível em: <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/lei/2017/lei-13438-26-abril-2017-784640-publicacaooriginal-152405-pl.html>. Acesso em: 22 abr. 2018.

BURLINGHAM, D.T. The fantasy of having a twin. **Psychoanalytic study of the child**, n. 1, p. 205-10, 1945.

_____. Twins: observations of environmental influences on their development. **The Psychoanalytic Study of the Child**, n. 2, p. 61-73, 1946.

_____. **Twins**: A study of three pairs of identical twins with 30 charts. London: Imago Publishing, 1952. 92p.

_____. A study of identical twins – their analytic material compared with existing observation data of their early childhood. **Psychoanalytic study of the child**, n. 18, p. 367-423, 1963.

CARETA, D. S. **Análise do desenvolvimento emocional de gêmeos abrigados no primeiro ano de vida**: Encontros e divergências sob a perspectiva winnicottiana. 249 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia Clínica) – Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, 2006.

COUTO, M. **Terra Sonâmbula**. São Paulo: Ed. Schwarcz, 2016.

DAVID, D. L et al. O. Tríade de contato íntimo: Apego entre mãe e filhos gêmeos. **Revista Biociências**, Taubaté, v. 6, n. 1, p. 57-63, jan.-jul. 2000. Disponível em: <http://periodicos.unitau.br/ojs/index.php/biociencias/article/viewFile/29/12>. Acesso em: 12 jan. 2017.

DATASUS. Ministério da Saúde. **Nascidos vivos – Brasil**. Disponível em: <http://tabnet.datasus.gov.br/cgi/deftohtm.exe?sinasc/cnv/nvuf.def>. Acesso em: 20 abr. 2018.

DI LORETO, O. D. M. Da adoção (e dos erros do pensar) ou dos erros do pensar (e da adoção). **Psicologia em Estudo**, Maringá, v. 2, n. 2, p. 1-33, jan./jun.1997.

DODD, J. M; CROWTHER, C. A. Evidence-based care of women with a multiple pregnancy. **Best. Pract. Res. Clin. Obstet. Gynaecol.**, v. 19, n. 1, p. 131-153, Feb. 2005.

DOLTO, F. **Seminário de psicanálise de crianças**. Tradução Marcia Valéria Martinez de Aguiar. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2013.

D'ONOFRIO, B. M. et al. Intergenerational transmission of childhood conduct problems: A Children of Twins Study. **Archives General Psychiatry**, n. 64, v. 7, p. 820-29. doi:10.1001/archpsyc.64.7.820.

FAVA, J. L.; SOUZA, E.; CAMANO, L. Intervalo entre o nascimento de gêmeos: morbidade e mortalidade do segundo gemelar. **Revista Brasileira de Ginecologia e Obstetrícia**, Rio de Janeiro, v. 23, n. 7, p. 423-427, ago. 2001. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rbgo/v23n7/11320.pdf>. Acesso em: 12 jan. 2017.

FUNAYAMA, C. A. R. et al. Gravidez gemelar com morte fetal de um dos gêmeos: avaliação neurológica dos gemelares sobreviventes. **Revista Brasileira de Ginecologia e Obstetrícia**, Rio de Janeiro, v. 24, n. 2, p. 107- 112, mar. 2002. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rbgo/v24n2/a06v24n2.pdf>. Acesso em: 12 jan. 2017.

FREUD, S. Um Caso de Histeria. In: _____. **Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud**. v. 7. Rio de Janeiro: Imago, 1996, p. 119-209. (Texto original publicado em 1905).

_____. A interpretação dos sonhos. In: _____. **Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud**. v. 5. Rio de Janeiro: Imago, 2006. (Texto original publicado em 1900).

_____. A Psicogênese de um caso de homossexualismo numa mulher. _____. **Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud**. v. 18. Rio de Janeiro: Imago, 1996. (Texto original publicado em 1920).

GAMA DA SILVA, J. C. et al. Assistência à gestação e parto gemelar. **Revista Ciências Médicas**, Campinas, v. 2, n.12, p. 173-183, abr./jun. 2003. Disponível em: <https://seer.sis.puc-campinas.edu.br/seer/index.php/cienciasmedicas/article/view/1269/1243>. Acesso em: 11 jan. 2017.

GIBSON, E. Compared to what? A family's struggle with the meaning of poverty, cultural variation and racial difference. **Infant Observation: the international journal of infant observation and its applications**, London, v. 5, n. 3, p. 47-68, 2002.

GOLSE, B. La spécificité et les mécanismes du changement durant la première enfance. **Journal de la psychanalyse de l'enfant**, n. 22, p. 82-97, 1998.

HALL, J. G. Twinning. **The Lancet**, v. 326, n. 9385, p. 735-743, 2003.

HANSEN, M. et al. Twins born following assisted reproductive technology: perinatal outcome and admission to hospital. **Hum Reprod.**, v. 24, n. 9, p. 2321-2331, 2009.

HARRIS, J. R. **Não há dois iguais: natureza e individualidade humana**. São Paulo: Globo, 2007. 479p.

IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **População: Estatística Civil**. 2010. Disponível em: <http://ces.ibge.gov.br/apresentacao/portarias/200-comite-de-estatisticas-sociais/base-de-dados/1148-estatisticas-do-registro-civil.html>. Acesso em: 20 mar. 2016.

JABBOUR, C.; MARQUES, L. **Gêmeos: onde está a semelhança?** Rio de Janeiro: Papel Virtual, 2000.

KLEIN, M. Sobre a observação do comportamento dos bebês. In: _____. et. al. **Os Progressos da Psicanálise**. Rio de Janeiro: Zahar Ed., 1969, p. 256-289.

_____. Sobre o sentimento de solidão. In: _____. **Inveja e Gratidão e outros trabalhos**. Rio de Janeiro: Imago.1996. (Texto original publicado em 1963).

KUPFER, M. C. et al. Valor preditivo de indicadores clínicos de risco para o desenvolvimento infantil: um estudo a partir da teoria psicanalítica. **Lat. Am. Journal of Fund. Psychopath**, v. 6, n. 1, p. 48-68, 2009.

LACAN, J. Para-além do princípio de realidade. In: _____. **Escritos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998, p. 83-84. (Texto original publicado em 1936).

LEONARD, M. Problems in identification and ego development in twins. **Psychoanalytic study of the child**. n.16, p. 300-320, 1961.

LEWIN, V. **The twin in the transference**. London: karnac Book, 2014. 256p.

LINS, M. I. A. **Consultas Terapêuticas** – Uma Prática Clínica de D. W. Winnicott. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2015. 113p. (v. 37, Coleção Clínica Psicanalítica).

LYTTON, H.; SINGH, J. K.; Gallagher, L. Parenting twins. In: BORNSTEIN. M. H. (org.). **Handbook of parenting**. (Mahwah, New Jersey: Lawrence Erlbaum Associates, 1995, p. 185-208.

LUCION, M. K.; ESCOSTEGUY, N. Relação mãe-cuidadores de gemelares no primeiro ano após o nascimento. **Revista Brasileira de Crescimento e Desenvolvimento Humano**, São Paulo, n. 21, v. 2, p. 207-318, 2011.

LUIZ, O.C.; COHN, A. Sociedade de risco e risco epidemiológico. **Cad. Saúde Pública**, Rio de Janeiro, n. 22, v. 11, p. 2339-2348, 2006. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/csp/v22n11/08.pdf>. Acesso em: 18 jan. 2017.

MARQUES, E. M.; RUDGE, M. V. C. Resultados perinatais de gêmeos com pesos discordantes ao nascer. **Revista Brasileira de Ginecologia e Obstetrícia**, Rio de Janeiro, v. 24, n. 6, p. 389-394, jul. 2002.

MARQUEZ, I. S. M. A. B. **Gêmeos, subjetividade e narcisismo**: Especificidades interferentes. 126f. Dissertação (Mestrado em Psicologia Clínica) - Núcleo de Método

Psicanalítico e Formações da Cultura, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2008.

MIGLIO, C. D. **II Sé gemellare**. Roma: Edizione Borla, 1995.

MINAYO, M. C. O desafio da pesquisa social. In: _____. (org.). **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. 34 ed. Petrópolis: Ed. Vozes, 1993, p. 9-30.

NEDELEC, J. L. et al. Exploring the association between IQ and differential life outcomes: Results from a longitudinal sample of monozygotic twins. **Temas em Psicologia**, Ribeirão Preto, n. 20, v. 1, p. 31-43, 2012.

NHS. Your pregnancy and baby guide. Disponível em: <https://www.nhs.uk/conditions/pregnancy-and-baby/what-causes-twins/>. Acesso em: 22 dez. 2018.

PASSOS, C. S.; BARBOSA, A. J. G. Características de superdotação em um par de gêmeos monozigóticos. **Psico-USF**, São Paulo, n. 3, v.16, p. 317-326, 2011.

PEDREIRA, D. A. L. et al. Laser for the treatment of twin to twin transfusion syndrome. **Acta Cirúrgica Brasileira**, São Paulo, v. 20, n. 6, p.478-481, nov./dez. 2005. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/acb/v20n6/26562.pdf>. Acesso em: 11 jan. 2017.

PESSOA, F. **Obra Poética**. Editora Nova Aguilar, 1981, p. 172.

PIONTELLI, A. A study on twis before and after birth. **Intarnacional Review of Psychoanalysis**, 16, p. 413- 426, 1989.

_____. **Twins**: From Foetus to chid – An observational and psychoanalytic study. London: Routlegde, 2002.

_____. **Twins in the world**: the legends they inspire and the lives they lead. New York: Palgrave Macmillan, 2008.

PRODANOV, C. C.; FREITAS, E. C. D. Metodologia do trabalho científico: Métodos e Técnicas da Pesquisa e do Trabalho Acadêmico. 2 ed. Novo Hamburgo: Universidade Feevale, 2013. 277p.

RODRIGUES, G. A.; HINTZ, H. C. Vínculo em Famílias Monoparentais com Filhos Gêmeos. **Pensando famílias**, Porto Alegre, n. 17, v. 2, p. 48-60, dez. 2013.

SADLER, T. W. **Langman** - Embriologia Médica. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2005. 347p.

SAFRA, G. O uso do material clínico na pesquisa psicanalítica. In: SILVA, M. E. L. (coord.). **Investigação e Psicanálise**. Campinas: Papirus, 1993.

SCALCO, M. O.; DONELLI, T. M. S. Os Sintomas Psicofuncionais e a relação Mãe-Bebês Gêmeos aos Nove Meses de Idade. **Temas em psicologia**, Ribeirão Preto, v. 22, n. 1, p. 55-66, 2014.

SCHAVE, B.; CIRIELLO, J. **Identity and intimacy in twins**. New York: Praeger Publishers. 1983.

SIDDIQUI F, McEWAN A. Twins. **Obstetric, Gynaecology and Reproductive Medicine**, n. 17, v. 1, p. 289-296, out. 2007.

_____. et al. Twins. **Obstetrics, Gynaecology and Reproductive Medicine**, n. 17, v. 10, p. 289-295, out. 2007.

SIQUEIRA, A.C.; DELL'AGLIO, D. D. Retornando para a família de origem: fatores risco e proteção no processo de reinserção de uma adolescente institucionalizada. **Rev. Bras. Crescimento Desenv. Hum.**, São Paulo, n. 17, v. 3, p. 134-146, 2007. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/rbcdh/v17n3/13.pdf>. Acesso em: 19 jan. 2017.

SILVA, M. C. P. **A construção da parentalidade em mães adolescentes**: um modelo de intervenção e prevenção. 2 ed. São Paulo: Escuta; 2014. 164p.

SILVEIRA, M. M. et al. Aplicação da Psicanálise em saúde Pública: Sistematização de um serviço preventivo no desenvolvimento do bebê. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE PEDIATRIA, 31., 2000, Fortaleza. **Anais...** Fortaleza, 2000.

SINGH, A. L et al. Parental depression and offspring Psychopathology: A Children of Twins study. **Psychological Medicine**, n. 41, v. 7, p. 1385-1395, 2011.

TAVARES, M. E. B. P. **Situações Triangulares em Gêmeos Durante o Primeiro Ano de Vida**: Conjecturas Sobre o Complexo de Édipo. 180f. Tese (Doutorado em Psicologia Social) – Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2007.

TURATO, E. R.. **Tratado da Metodologia da Pesquisa Clínico-Qualitativa**: construção teórico-epistemológica, discussão comparada e aplicação nas áreas da saúde e humanas. 5. ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2003. 688p.

VIEIRA, A. O. M.; UCHOA, A. B. Cultura, crenças e práticas de socialização de gêmeos monozigóticos. **Psicologia em Revista**, Belo Horizonte, n. 16, v. 3, p. 575-593, 2010.

WINNICOTT, D. W. **Conozca a Su Niño**. Buenos Aires: Ed. Paidos, 1970.

_____. **Da pediatria à psicanálise**: obras escolhidas. Trad. D. Bogomoletz. Rio de Janeiro: Imago, 2000. 256p. (Texto original publicado em 1966)

_____. Psicoses e cuidados maternos. In: _____. **Da pediatria à psicanálise**: obras escolhidas. Rio de Janeiro: Imago, 2000, p. 305-315. (Trabalho original publicado em 1952).

_____. A preocupação materna primária. In: _____. **Da pediatria à psicanálise**: obras escolhidas. Rio de Janeiro: Imago, 2000, p. 399-405. (Trabalho original publicado em 1956).

_____. Fatores de integração e desintegração na vida famílias. In: _____. **A família e o desenvolvimento individual**. São Paulo: Martins Fontes, 2005, p. 59-72. (Trabalho original publicado em 1957).

_____. **Through Paediatrics to Psycho-Analysis**: Collected Papers. London: Tavistock, New York: Basic Books, 1958.

_____. Classificação: existe uma contribuição psicanalítica à classificação psiquiátrica? In: _____. **O ambiente e os processos de maturação**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1990, p. 114-127. (Trabalho original publicado em 1959-1964).

_____. Distorção do ego em termos de falso e verdadeiro “self”. In: _____. **O ambiente e os processos de maturação**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1990, p. 128-139. (Trabalho original publicado em 1960).

_____. A integração do ego no desenvolvimento da criança. In: _____. **O ambiente e os processos de maturação**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1990, p. 55-61. (Trabalho original publicado em 1962).

_____. Da dependência à independência no desenvolvimento do indivíduo. In: _____. **O ambiente e os processos de maturação**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1990, p. 79-87. (Trabalho original publicado em 1963).

_____. A criança no grupo familiar. In: _____. **Tudo começa em casa**. São Paulo: Martins Fontes, 1989, p. 121-136. (Trabalho original publicado em 1966).

_____. A criatividade e suas origens. In: _____. **O brincar e a realidade**. Rio de Janeiro: Imago, 1975a, p. 95-120. (Trabalho original publicado em 1971).

_____. O papel de espelho da mãe e da família no desenvolvimento infantil. In: _____. **O brincar e a realidade**. Rio de Janeiro: Imago, 1975b, p. 153-162. (Trabalho original publicado em 1971).

_____. Sonhar, fantasiar e viver. In: _____. **O brincar e a realidade**. Rio de Janeiro: Imago, 1975c, p. 45-58. (Trabalho original publicado em 1971).

_____. Privação e delinquência. São Paulo: Martins Fontes, 1999. (Trabalho original publicado em 1984).

_____. A comunicação entre o bebê e a mãe e entre a mãe e o bebê: convergências e divergências. In: _____. **Os Bebês e suas mães**. 3 ed. São Paulo: Martins Fontes, 2006. (Texto original publicado em 1968).

_____. **Tudo começa em casa**. São Paulo: Martins Fontes, 1989.

_____. **A Preocupação Materna Primária. Da Pediatria à Psicanálise**: obras escolhidas. Rio de Janeiro: Imago, 2000. (Texto original publicado em 1958).

_____. A mãe dedicada comum. In: _____. **Os bebês e suas mães**. 3 ed. São Paulo: Martins Fontes. 2006. (Texto original publicado em 1966).

_____. **Explorações Psicanalíticas**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1994.

ZAZZO, R. O problema do Outro na psicologia de Henri Wallon. In: _____. (org.). **Psicologia e marxismo**. Lisboa: Veja, 1978, p.55-66.

ANEXO A - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO.

Eu Larissa Cangueiro, pesquisadora de pós-graduação, mestranda do Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo, convido _____, responsável pelo(a) menor _____ e seu irmã(o) _____ a participar de um estudo intitulado “ESPECIFICIDADES NA CONSTITUIÇÃO PSÍQUICA DE GÊMEOS: um estudo exploratório”, orientado pelo professor Rogério Lerner.

O objetivo do trabalho é a partir de entrevistas e vivências lúdicas com as famílias que possuem bebês gêmeos, pensar nas especificidades que o nascimento desta dupla gera em sua família, bem como observar como se dá o processo de individuação neles, uma vez que a semelhança, a ligação e união estabelecida entre eles estará sempre presente.

As entrevistas terão um roteiro semidirigido e para uma melhor observação dos bebês será realizado uma filmagem. Asseguro que a privacidade será respeitada, ou seja, seu nome ou qualquer outro dado ou elemento que possa identificar você, serão mantido em sigilo. Peço apenas sua autorização para a publicação dos dados obtidos em eventos científicos e acadêmicos, sempre assegurando o sigilo quanto a identidade.

Informo também que você poderá se recusar a participar do estudo ou retirar o consentimento a qualquer momento, sem justificativa e sem nenhum prejuízo.

Ressalto ainda que caso surja algum desconforto durante ou após as entrevistas, como um possível prejuízo, enquanto pesquisadora, responsabilizo-me em fazer os devidos encaminhamentos.

São Paulo, _____

Nome e assinatura do pesquisador
contatos: (11) 976969641
larissa.cangueiro@gmail.com

Nome e assinatura do colaborador

ANEXO B - ROTEIRO ENTREVISTA SEMIDIRIGIDA.

1. Planejamento/desejo da gravidez.
2. Condições de saúde, financeiras e de rede de apoio no período gestacional.
3. Dados do pré-natal.
4. Descoberta da gestação múltipla.
5. Escolha dos nomes.
6. Preparação para a chegada das crianças.
7. Dados do parto.
8. Processos de distinção das crianças.
9. Amamentação/alimentação.
10. Estabelecimento de rotinas.
11. Descobertas de diferenças e similaridades entre as crianças, tanto físicas como comportamentais.
12. Sonhos e expectativas da mãe quando o futuro das crianças.
13. Rede de apoio no período pós parto.
14. Ansiedades maternas.
15. Formas de distinção da família entre as crianças.
16. Curiosidades que a família queira compartilhar.